

**INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

ADRINE CABRAL CASADO

**EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: Capacitação em jornalismo a serviço da
formação para o pensamento crítico no Ensino Médio Integrado no
Campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe**

**ARACAJU/SE
2020**

ADRINE CABRAL CASADO

**EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: Capacitação em jornalismo a serviço da
formação para o pensamento crítico no Ensino Médio Integrado no
Campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Educação Profissional e Tecnológica,
ofertado pelo Instituto Federal de
Sergipe, como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Mestra
em Educação Profissional e
Tecnológica.

Área de concentração: Educação
Profissional e Tecnológica - EPT

Orientador: José Osman dos Santos

**ARACAJU/SE
2020**

Casado, Adrine Cabral.

C334e Educação e comunicação: capacitação em jornalismo a serviço da formação para o pensamento crítico no ensino médio integrado no Campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe / Adrine Cabral Casado. – Aracaju, 2020.

130f.: il.

Dissertação – Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS.

Orientador: Prof. Dr. José Osman dos Santos.

1. Educação – Ensino Integrado. 2. Jornalismo estudantil. 3. Comunicação. I. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe - IFS. II. Santos, José Osman dos. III. Título.

CDU: 37:070

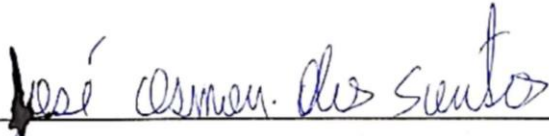
ADRINE CABRAL CASADO

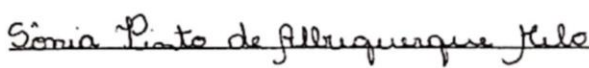
**EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: Capacitação em jornalismo a serviço da
formação para o pensamento crítico no Ensino Médio Integrado**

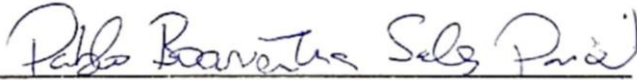
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Sergipe, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 26 de novembro de 2020.

COMISSÃO EXAMINADORA


Prof. Dr. José Osman dos Santos.
Orientador – Instituto Federal de Sergipe .


Profa. Dra. Profa. Dra. Sônia Pinto de Albuquerque Melo
Examinadora Interna - Instituto Federal de Sergipe


Prof. Dr. Pablo Boaventura Sales Paixão
Examinador(a) Externo(a) – Universidade Federal de Sergipe

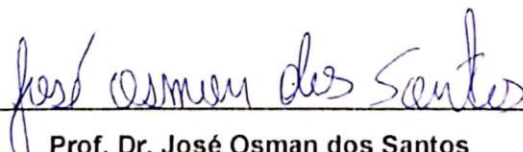
ADRINE CABRAL CASADO

EU, JORNALISTA: Guia pedagógico pela educação crítica através do
jornalismo

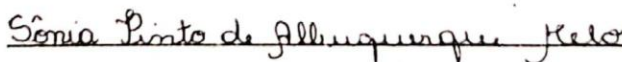
Produto Educacional apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
Profissional e Tecnológica (ProfePT), do
Instituto Federal do Sergipe, como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em
Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado e validado em 26 de novembro de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. José Osman dos Santos
Orientador – Instituto Federal de Sergipe



Profa. Dra. Profa. Dra. Sônia Pinto de Albuquerque Melo
Examinadora Interna - Instituto Federal de Sergipe



Prof. Dr. Pablo Boaventura Sales Paixão
Examinador(a) Externo(a) – Universidade Federal de Sergipe

Dedico este trabalho àqueles que acreditam no poder da educação, e que lutam por um ensino público, gratuito e de qualidade no Brasil.

AGRADECIMENTOS

“Eu nunca acreditei na afirmação ‘eu me fiz sozinho’. O homem feito por si só não existe”, afirmou Paulo Freire em entrevista concedida a Murray Cox, da revista OMNI, de Nova York, em 1990. Ao me deparar com essa frase, já na finalização desta dissertação de mestrado, entendi com mais clareza – e tomando a minha própria história como exemplo – o porquê da necessidade de tornar o processo de ensino e aprendizagem mais do que algo a ser feito no ambiente escolar: deve ser uma questão social.

Foi por meio dos exemplos de uns, da persistência de outros e do apoio de tantos que aprendi a acreditar no poder da educação e, assim, pude alcançar mais este objetivo acadêmico e profissional. Se hoje cheguei tal momento foi porque desde de criança me foram oferecidas todas as condições necessárias, todos os exemplos e orientações. Infelizmente, essa realidade não é uma regra no Brasil e, se quisermos uma sociedade verdadeiramente justa, é dever de todos nós lutar pela garantia desse direito constitucional tão básico que é a educação.

Pensando na trajetória que culminou nessa conquista do título de mestra, não posso deixar de agradecer primeiramente a Deus pela saúde, pelas oportunidades e por todos aqueles que Ele colocou em meu caminho no momento certo. A Ti, toda a honra e toda a glória.

Sou eternamente grata meu pai e a minha mãe, Lamartine e Maria José, por acreditarem no que a educação poderia oferecer para em minha vida, por investirem tempo e recurso nos meus estudos e por me oferecerem além do que a escola poderia me dar (nunca faltava um livro, um jornal ou qualquer material em casa). Sei que vocês fizeram o melhor que podiam, com base no que também receberam.

Aos meus irmãos, Juliane, Bruno e Lívia, pelos exemplos de vida, de superação e pela torcida sempre tão animadora e positiva. Tenho muito orgulho pela forma como vocês rompem qualquer fronteira em busca de seus sonhos, como sempre se dedicaram à busca do conhecimento e ao que fazem. Vocês são luz para os meus dias.

Agradeço também ao meu esposo, Petrúcio, por ser um verdadeiro parceiro, seja nas horas boas, de distração, comemoração de algum resultado ou mesmo nos momentos em que nem eu mesma aguentava a minha ansiedade. Essa conquista também é sua, te amo.

Não poderia deixar de lembrar e agradecer pela presença constante, conselhos e ombro amoroso dos amigos queridos. Em especial, das amigas que se tornaram irmãs de coração: Grazielle, Izabella, Maira, Priscila, Amanda, Tirzar e Marina, e que me possibilitaram ser tia de coração dos seres mais fofos e queridos: Ravi (afilhado amado), Pedrinho, Antônio, Maele e Athena, que me alegram a cada sorriso e a cada aprendizado.

Sou grata também por toda a torcida das famílias Casado e Moura, em especial aos meus sogros Petrúcio e Lígia; cunhadas Ana Patrícia e Ana Taís; ao cunhado Felipe e à concunhada, Priscila, me presentearam com Ana Lú, amorzinho de titia; às tias Angélica, Eliana, Ana Luíza e Eleonor (em memória), e à prima Tati, que sempre me recebem com os abraços mais afetuosos e palavras de amor.

Agradeço também ao prof. Dr. José Osman dos Santos pelas orientações na condução desta pesquisa; à profa. Dra. Sônia Pinto de Albuquerque Melo pela leitura atenciosa e pelas contribuições neste estudo; e ao prof. Dr. Pablo Boaventura Sales Paixão, que também contribuiu significativamente para a pesquisa, especialmente no aporte teórico para os estudos sobre comunicação e educação.

Minha gratidão aos colegas da turma Ominilateral (como nos referimos à turma 2018.2 do ProfEPT/IFS). Somente nós sabemos o desafio que foi conciliar aulas, trabalhos acadêmicos, projetos de pesquisa, dissertação, atividades profissionais e vida pessoal. No meio disso tudo, assistimos ascender um projeto de governo totalmente contrário a tudo o que acreditamos e defendemos, e estamos batalhando para concluir nossas pesquisas em meio a uma pandemia. É, só nós sabemos. Meu agradecimento especial às colegas-amigas Emmanuelle e Juliane Santos pelos constantes desabafos, dicas e por nos ajudarmos mutuamente a não deixar a “peteca cair”.

Agradeço ainda ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT – Rede nacional) por nos proporcionar um conhecimento tão vasto sobre a EPT, e que tanto está contribuindo para a formação de jovens no Brasil; e ao corpo de professores do ProfEPT/IFS por nos apresentar uma bibliografia tão rica. Para quem somente tinha conhecimentos específicos da área de comunicação (e da habilitação do jornalismo), foi a janela para o mundo apaixonante da educação.

Também sou grata aos colegas servidores, bolsistas e contratados do IFS, em especial à toda a equipe que compõe a DCom e as Ascoms dessa instituição, por auxiliarem também com dicas, propostas e até por me permitirem me concentrar nos estudos no momento em que mais precisei. Tenho orgulho de trabalhar com profissionais tão dedicados e competentes.

Enfim, minha sincera gratidão a todos os que direta ou indiretamente contribuíram na minha jornada pelo conhecimento. Esse caminho não vem de hoje, não vem de dois ou dez anos para cá. Trata-se do resultado de anos de dedicação e – para além do mérito próprio – do esforço de tantos à minha volta.

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados.

(Paulo Freire, 2002)

RESUMO

Formar cidadãos capazes de consumir notícias de forma crítica é uma necessidade dos ambientes educacionais diante do atual contexto de avanço da desinformação e de campanhas para descrédito nas instituições de ensino, de ciência e de jornalismo, que produzem conhecimento e informação com embasamento e critérios. Ao mesmo tempo em que a internet cria um ambiente de insegurança informacional, há a deficiência histórica de uma educação pautada no diálogo e no questionamento. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi viabilizar um produto educacional que possibilite uma educação para (e através) da comunicação no âmbito de curso técnico integrado do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Foi construído o minicurso de educação crítica através do jornalismo, que foi aplicado com estudantes do curso de Eletrônica integrado ao ensino médio - Campus Aracaju. Além da construção do conhecimento básico sobre teoria e prática de comunicação e jornalismo, eles elaboraram uma proposta editorial de site de notícias estudantil. Para que a ferramenta possa ser aplicada em outras turmas, campi ou até mesmo em diferentes ambientes formais e informais de ensino, foi elaborado também um guia didático em formato de livro com orientações sobre a aplicação do minicurso. A condução teórica levantou à discussão (BERTRAND, 2001; CHARLOT, 2013; FREIRE, 1967; KAPLÚN, 2002) em torno da teorias da educação de cunho acadêmico e social, defendendo-se um alinhamento entre ambas; e sobre a interseção entre as áreas de educação e comunicação, visando uma convergência com foco na educação para as mídias (FREIRE, 1967 e 1986; MARTIN-BARBERO, 2014; SOARES, 2014; HABERMAS, 1990; BAUMAN, 2001; MEDEIROS NETO, 2017; DELMAZO E VALENTE, 2018). Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa aplicada, com abordagem qualiquantitativa, utilizando pesquisa-ação enquanto procedimento técnico. Em relação aos instrumentos de coleta de dados foram utilizados: a pesquisa bibliográfica, questionário de levantamento prévio e de avaliação do produto educacional. Os dados qualitativos foram analisados segundo a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e a análise dos dados quantitativos partiu do percentual de concordância (ALEXANDRE E COLUCI, 2011). Como resultado, identificou-se a necessidade de promoção de ferramentas de educação crítica e dialógica no âmbito do IFS e, com a avaliação do minicurso, notou-se que os alunos estão mais motivados a acompanhar o noticiário jornalístico profissional e que se sentem mais críticos em relação às notícias que consomem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e Comunicação. Jornalismo Estudantil. Educação para as mídias. Ensino Médio Integrado.

ABSTRACT

To train citizens capable of consuming news in a critical way is a necessity for educational environments in the current context of advancing misinformation and campaigns to discredit institutions of education, science and journalism, which produce knowledge and information with basis and criteria. At the same time that the Internet creates an environment of information insecurity, there is the historical deficiency of an education based on dialogue and questioning. In this sense, the objective of the research was to verify the contribution and results of a tool in educational product format that enables an education for (and through) communication within the integrated technical course of the Federal Institute of Sergipe (IFS). The critical education minicourse through journalism was then built, which was applied through didactic sequence so that the students of the Electronics course integrated to high school - Campus Aracaju discussed about introduction to communication and journalism, writing and reporting techniques, and elaborated an editorial proposal for a student news site. So that the tool can be applied in other classes, campuses or even in different formal and informal teaching environments, a didactic guide in book format was also elaborated with guidelines on the application of the minicourse. Theoretical guidance led to a discussion (BERTRAND, 2001; CHARLOT, 2013; FREIRE, 1967; KAPLÚN, 2002) about academic and social theories of education, advocating an alignment between them; and on the intersection between the areas of education and communication, aiming at a convergence with a focus on media education (FREIRE, 1967 and 1986; MARTIN-BARBERO, 2014; SOARES, 2014; HABERMAS, 1990; BAUMAN, 2001; MEDEIROS NETO, 2017; DELMAZO AND VALENTE, 2018). As for the methodological aspects, it is an applied research, with a qualiquantitative approach and it was adopted as for the technical procedure the research-action. Regarding the data collection instruments, the bibliographic research, previous survey questionnaire and the evaluation of the educational product were used. The qualitative data were analyzed according to the analysis of content (BARDIN, 2011) and the analysis of quantitative data came from the percentage of agreement (ALEXANDRE AND COLUCI, 2011). As a result, it was identified the need to promote critical and dialogical education tools within the IFS, as well as more knowledge about the functioning of professional news vehicles and, with the evaluation of the minicourse, it was noted that students are more motivated to follow the professional journalistic news, believe they are more aware of how the media process works, and that they feel more critical about the news they consume.

KAY WORDS: Education and Communication. Student journalism. Media Education. Integrated High School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama da justificativa da pesquisa.	19
Figura 2: Fluxo comunicativo da educação bancária.	23
Figura 3: Fluxograma do modelo da Educação Libertadora.....	26
Figura 4 - IFS/Campus Aracaju	45
Figura 5: Mapa de fases da pesquisa	51
Figura 6: Sequência didática.....	69
Figura 7: Proposta editorial do jornal estudantil	72
Figura 8: Imagem inicial do questionário aplicado pelo Google Forms	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Alunos que sentem estimulados à reflexão sobre os conteúdos	54
Gráfico 2: Frequência com que são estimulados a buscar conhecimento	56
Gráfico 3: Se consideram bem informados	58
Gráfico 4: Meios utilizados para se manterem informados.....	59
Gráfico 5: Frequência com que busca material noticioso	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação de respostas sobre entendimento quanto às <i>fake news</i>	64
Quadro 2: Categorização das respostas sobre características das <i>fake news</i>	65
Quadro 3: Pautas elaboradas pelos sujeitos da pesquisa.....	73

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 EDUCAÇÃO CRÍTICA E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO PROFISSIONAL	21
2.1 Teoria acadêmica: uma necessidade histórico-cultural	22
2.2 Por um saber para além do conteúdo	25
3 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: CONVERGÊNCIA COM FOCO NA EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS.....	29
3.1 Dimensão histórica da convergência entre comunicação e educação	31
3.2 Pedagogia da comunicação: a interseção entre comunicação e educação	32
3.3 Comunicação na escola: educação contra <i>fake news</i>	37
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	42
4.1 Campo de pesquisa	43
4.2 Sujeitos da pesquisa	46
4.3 Fases da Pesquisa	47
4.4 Análise dos dados	50
5.5 Mapa do processo metodológico.....	51
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	52
5.1 Sujeitos da pesquisa	53
5.2 Educação dialógica e formação crítica	54
5.3 Relação com as mídias	58
6 PRODUTO EDUCACIONAL	67
6.1 Sequência didática: elaboração e aplicação	68
6.2 O guia pedagógico	74
6.3 Análise da avaliação do curso	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	84
APÊNDICES	87
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE RECONHECIMENTO PRÉVIO	87
APÊNCIDE B - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	90
APÊNDICE C – EU, JORNALISTA: GUIA PEDAGÓGICO PELA EDUCAÇÃO CRÍTICA ATRAVÉS DO JORNALISMO.	93

1 INTRODUÇÃO

Uma das consequências do fenômeno da globalização, que tem como um de seus propulsores a rede de internet - interligando o mundo de forma simultânea -, é a facilidade de elaboração, veiculação e disseminação de conteúdo. Por meio de sites de notícias (profissionais ou não), da blogosfera, ou mesmo através das redes sociais, é possível elaborar e consumir todo tipo de informação - seja ela verdadeira ou não. É exatamente por causa dessa brecha da falta de regulamentação do que se publica, bem como da não necessidade do material noticioso ser produzido por um profissional qualificado e responsabilizável, que se faz crescente o fenômeno denominado atualmente como *fake news*.

Aliado a isso, há o fato do receptor desse conteúdo não ter sido preparado para uma leitura crítica não somente de materiais noticiosos como também de sua relação com o mundo, seja ela na política, na economia, na ciência ou mesmo nas relações sociais. Essa falta de visão analítica da sociedade é, na análise de Freire (1967) e de Kaplún (2002), consequência de uma educação descrita como bancária: focada no ato de decorar conteúdo, sem dialogicidade.

Essa realidade foi construída ao longo de um percurso histórico que Saviani (2007) descreveu como formação de um modelo educacional acadêmico: desde colônia, o Brasil constrói suas políticas e práticas pedagógicas pautadas no atendimento imediato das necessidades políticas e econômicas de cada período. Seja na dominação das terras, trato com os indígenas, bem como – a seguir – da agricultura como principal fonte econômica, seguida do crescimento industrial até chegar ao atual formato especialmente voltado para a área de serviços, encontra-se um projeto pedagógico voltado principalmente para a formação de mão de obra, não para a formação de sujeitos pensantes e questionadores.

Como resultado, a sociedade acostumou-se com um modelo que Bertrand (2001) pontuou, entre as diversas teorias educacionais, como teoria acadêmica: centrada no conteúdo, tendo o professor como protagonista do ato educativo, e os alunos como expectadores que devem absorver as informações repassadas. Entendendo a escola como um grupo social - de cultura e identidade próprias, mas como reflexo da sociedade -, tal ambiente de hostilidade para com a expressão do

estudante enquanto protagonista do próprio saber não gera um sentimento de pertencimento em relação ao processo educativo.

Trata-se de um modelo educacional que Paulo Freire (1967) definiu como bancário. Dentro desse modelo percebido e classificado pelo autor, o fluxo comunicativo no processo pedagógico funciona numa via de mão única (do professor para o aluno, sem estabelecimento de diálogo), centrada no ato do aluno decorar conteúdos formais e que já preparasse o cidadão para uma postura de submissão e não questionadora.

Por outro lado, Freire (1967 e 1987), encabeça um modelo de teoria da educação que propõe o rompimento das políticas educacionais focadas no que foi descrito como de teoria acadêmica e abre uma discussão em torno de um novo projeto: a teoria social, pautada na pedagogia dialógica. Trata-se da alfabetização para o pensamento crítico, não focado exclusivamente em memorizar conteúdos historicamente construídos, mas refletir sobre eles. Para se chegar a isso, Paulo Freire (1967 e 1987) entende que é necessário desenvolver políticas pedagógicas e ferramentas educacionais que caminhem para a formação dialógica, em que – entre outros princípios – não exista uma hierarquia em sala de aula, mas um ambiente em que professor e aluno construam conhecimento, pesquisem e reflitam em conjunto.

Apesar de apresentarem visões inicialmente antagônicas quanto aos seus métodos e – principalmente – finalidades, o que se defende neste trabalho é propor um intercâmbio entre as teorias acadêmica e social. Mas também é possível – e necessário – trazer para o ambiente de base acadêmica os principais fundamentos da teoria social, como a aprendizagem dialógica e a formação crítica, tão necessárias especialmente na atual circunstância em que notícias falsas com finalidades políticas e econômicas circulam e ganham cada vez mais crédito por parte da população.

Servindo com uma ponte entre essas duas teorias, entende-se como necessário o fortalecimento do debate sobre a intercessão entre as áreas de educação e comunicação. Esta área - que surgiu nos anos 70, mas que vem se desenvolvendo cada vez mais na sociedade civil organizada e no meio acadêmico - propõe a utilização de ferramentas do campo da comunicação para fortalecimento de estratégias na área da educação.

Nesse sentido, Fonseca (2018) e Soares (2014) entendem - partindo do princípio da educação dialógica - que a chave para se resolver a deficiência analítica do conteúdo bombardeado pelo ambiente digital globalização e, por consequência, imediatista, está na alfabetização midiática e informacional. Ou seja, desenvolver ferramentas e processos com o objetivo de fornecer à população uma educação focada na recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas.

Além do estabelecimento de uma posição dialógica de ensino e aprendizagem, promove-se, como consequência, a educação para as mídias no ambiente escolar (tão importante no atual contexto de produção e disseminação das chamadas *fake news*¹), bem como de favorecer a divulgação científica, e de contribuir ativamente para a construção o fortalecimento da cultura escolar, da identidade e da construção da memória nesse grupo social que se forma dentro do Campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe (IFS).

A escolha dessa instituição ocorreu porque, apesar de se caracterizar na prática como um ambiente de ensino voltado para a teoria acadêmica, apresenta uma necessidade regulamentar de promover uma educação dialógica. Isso porque a Lei Federal nº 11892/08, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (entre os quais está o IFS), cita, em seu artigo 6º, a formação crítica, de caráter investigativo como algumas de suas finalidades e características.

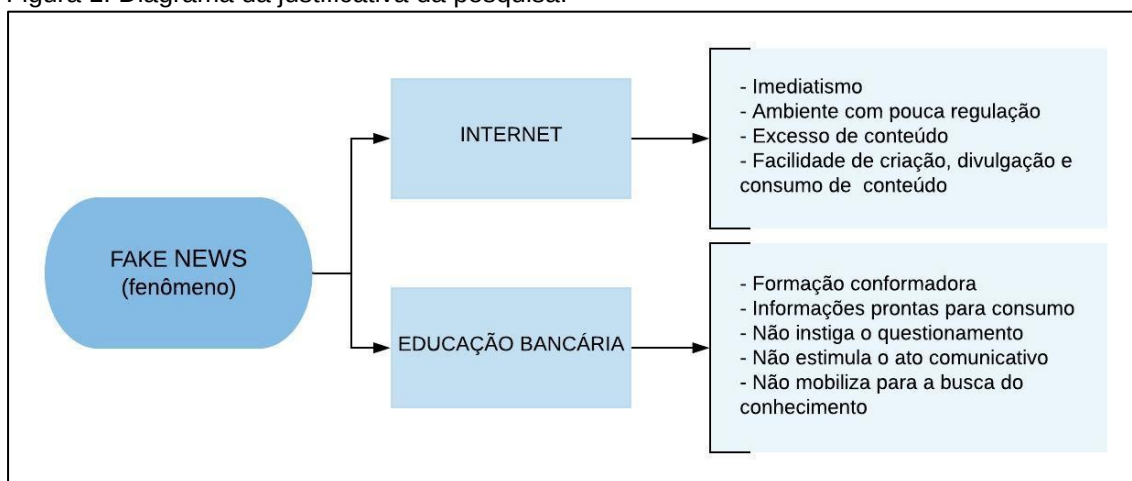
Para além do cumprimento de requisitos legais, justifica-se também a seleção do IFS enquanto campo de pesquisa pelo alinhamento do objetivo deste estudo com as bases que norteiam a formação integral na EPT. Entre elas, de acordo com Ramos (2012) está a organização de um currículo que “conceba o sujeito como ser histórico-social concreto, capaz de entender e transformar a realidade em que vive”. Nesse sentido, a educação para e com a comunicação, aqui proposta, visa justamente situar o aluno da educação em EPT no centro de seu processo formativo, ampliando sua forma de entender o mundo (do trabalho e sua situação social).

Diante do que já foi exposto, esta pesquisa justifica-se pela necessidade imperativa de promover a educação para as mídias frente ao contínuo processo de

¹ Em tradução literal da língua inglesa para a portuguesa, notícias falsas.

desinformação pelo qual a sociedade se submete. Processo esse que, como foi dito sobre a construção do fenômeno das *fake news*, se tornou patológico por causa, principalmente, de dois fatores: o surgimento de um ambiente propício, com facilidade de construção, compartilhamento e consumo de informações das mais diversas qualidades; e a deficiência de uma educação crítica, que mobilizasse o cidadão em formação para o questionamento.

Figura 1: Diagrama da justificativa da pesquisa.



Fonte: elaborada pela própria autora.

Levanta-se, portanto, como problemática a viabilidade da aplicação de técnicas da área de comunicação - mais especificamente do jornalismo - no processo de aprendizado para uma percepção mais dialógica e analítica do conteúdo que é apresentado aos estudantes do ensino médio integrado do IFS, seja no ambiente acadêmico ou mesmo no ambiente midiático. Partindo da necessidade da aplicação de estratégias pedagógicas embasadas num modelo de educação voltado para a autonomia e o protagonismo, analisou-se, no âmbito do IFS, a viabilidade de uma ferramenta extraída da área da comunicação, mais especificamente da habilitação do jornalismo.

Este produto é o ***"Eu, jornalista: guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo"***, que possibilita ao profissional de comunicação ou educador de Língua Portuguesa realizar, dentro ou fora da sala de aula, um minicurso de introdução à comunicação e ao jornalismo, com instruções sobre noções básicas das técnicas de redação e reportagem, além da realização de uma proposta editorial de jornal estudantil elaborada pelos próprios discentes.

Com o objetivo de avaliar a ferramenta, o minicurso foi aplicado pela autora deste estudo, que é profissional formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e servidora em caráter efetivo do IFS na função de jornalista, e os sujeitos da pesquisa foram os 23 discentes da turma de segundo ano do curso técnico em Eletrônica integrado ao ensino médio do Campus Aracaju.

Desta feita, a capacitação em jornalismo estudantil, estimulando a elaboração de pautas que visassem o intercâmbio com os conhecimentos adquiridos em sala de aula, foco apresentar uma visão analítica aos alunos do curso técnico integrado sobre como o material trabalhado nos componentes curriculares dos núcleos básico, técnico e politécnico é importante para que se entenda a sua formação de maneira integral, compreendendo o que é praticado e executado nas disciplinas técnicas de sua formação através de uma visão sistêmica dos conteúdos.

Tendo como base metodológica a pesquisa-ação (PA), os objetivos deste estudo estão divididos em dois tipos: de ação e de conhecimento. A ação foi centrada no processo de capacitação dos envolvidos sobre como fazer comunicação e jornalismo no ambiente escolar, além da formação de uma equipe de trabalho, a exemplo de uma redação jornalística, para desenvolvimento de conteúdos noticiosos a serem disponibilizados para o público interno e externo à comunidade acadêmica por meio de um veículo de comunicação institucional: uma revista, a ser publicada nos formatos eletrônico e impresso.

Por sua vez, o objetivo de conhecimento se manifestará em reflexões tanto teóricas, por meio do referencial bibliográfico estudado neste trabalho, como também pelo resultado das práticas aqui propostas. Com os resultados deste estudo, pretende-se contribuir de forma significativa tanto para a área de educação, como também conhecimentos na subárea que converge educação e comunicação numa proposta dialógica de ensino e aprendizagem.

2 EDUCAÇÃO CRÍTICA E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO PROFISSIONAL

Para analisar as atuais e propor novas políticas e práticas educacionais, é necessário entender o contexto sócio histórico no qual o atual modelo pedagógico predominante no Brasil foi formado. A partir de sua colonização, construiu-se na nação uma sequência de práticas para ensino e aprendizagem que, alinhados ao contexto político e cultural de cada período, culminaram no atual formato educacional.

Ao descrever esse processo histórico da educação brasileira, Saviani (2007) aponta que, em 1500, inicia-se a ruptura da formação indígena, baseada exclusivamente no atendimento imediato das necessidades de seus grupos sociais, por uma educação centrada nos objetivos dos colonizadores, ministrada por ordens religiosas – com predominância dos jesuítas –, com regras e conteúdo específicos: a pedagogia brasílica, com sua proposta universalista do *Ratio Studiorum*.

A partir de então, uma série de ideias pedagógicas são levantadas no Brasil durante esses cinco séculos, como aponta Saviani (2007). Muitas delas contribuíram para a construção de uma educação cada vez mais centrada no repasse de conteúdos formados por conhecimentos historicamente adquiridos e no atendimento ao que era esperado pelas forças sociais dominantes – a coroa e a nobreza portuguesas, inicialmente, e o empresariado brasileiro, a seguir.

Assim, foi se estabelecendo em terras brasileiras o que Bertrand (2001) classificou, enquanto teoria da educação, como teoria acadêmica: uma proposta centrada no conteúdo, tendo o professor como protagonista do ato educativo, e os alunos como expectadores que devem absorver as informações repassadas. Trata-se de uma forma de aprendizado que Charlot (2014), ao discutir as relações do saber, classificou como mecanicista: decora-se para passar de ano, sem mobilização em prol do desejo espontâneo pelo conhecimento, e, por fim, para atender principalmente às finalidades mercadológicas.

Entendendo não ser esse o modelo pedagógico adequado para a população brasileira, especialmente no que tange a uma formação social e humana, destaca-se uma corrente teórica que defende a superação dos conceitos e práticas da teoria acadêmica. Bertrand (2001) classifica essa corrente como teoria social, que tem como seu precursor o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire.

De acordo com essa corrente, objetivo da educação deve ser sensibilizar os estudantes para o seu papel de agente social, numa perspectiva dialógica e crítica, bem como de forma a se caminhar para uma transformação social e política. Trata-se, porém, de uma ideia de ruptura completa da proposta de política educativa existente hoje no país e, diante dos aspectos culturais e históricos enraizados no modelo acadêmico, de difícil aplicação sistêmica e universal, apesar dos pequenos avanços demonstrados em iniciativas já implementadas no Brasil.

Por outro lado, questiona-se: seria possível uma alternativa para essa diferenciação polarizada entre as teorias acadêmica e social que levasse ao ambiente escolar existente hoje (dentro do modelo acadêmico) o engajamento do aluno para, diante do conteúdo que ele recebe, tecer um pensamento mais crítico, bem como incentivar a pesquisa para além do que lhe é proposto e o diálogo entre a comunidade escolar?

2.1 Teoria acadêmica: uma necessidade histórico-cultural

Salas de aula divididas em classes, nas quais alunos numa faixa etária similar estão sentados em suas carteiras (normalmente alinhadas de frente a um quadro), um professor como centro expondo saberes para seu público, conteúdo já pronto para ser absorvido (sem precisar de maiores pesquisas) e dividido de acordo determinada série. Essa é a estrutura de ensino que presenciamos na atualidade, mas que – ressalvadas algumas diferenciações metodológicas e tecnológicas, percebidas principalmente com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação – remete a uma formação pensada e implantada há muitos séculos.

No Brasil, o que viria a ser considerado um plano educacional (Saviani, 2007) – o *ratio studiorum* – foi incorporado à formação de jovens logo no início de sua colonização. Este modelo era dirigido à formação elitista, dirigida aos filhos dos colonos e excluía os indígenas. Com um currículo progressivo de acordo com os anos escolares, o plano de estudos se multiplicou no país na forma de colégios e deu início à cultura formativa brasileira.

Ao periodizar as ideias pedagógicas no Brasil, Saviani (2007) detalha que, com o passar dos séculos e no decorrer da história do país, os objetivos da formação brasileira foram moldados de acordo com o seu modelo político e pautados em

propostas econômicas. Sendo assim, pode-se dizer que a educação brasileira foi construída – cultural e historicamente – em razão dos interesses das classes dominantes nos mais diferentes períodos.

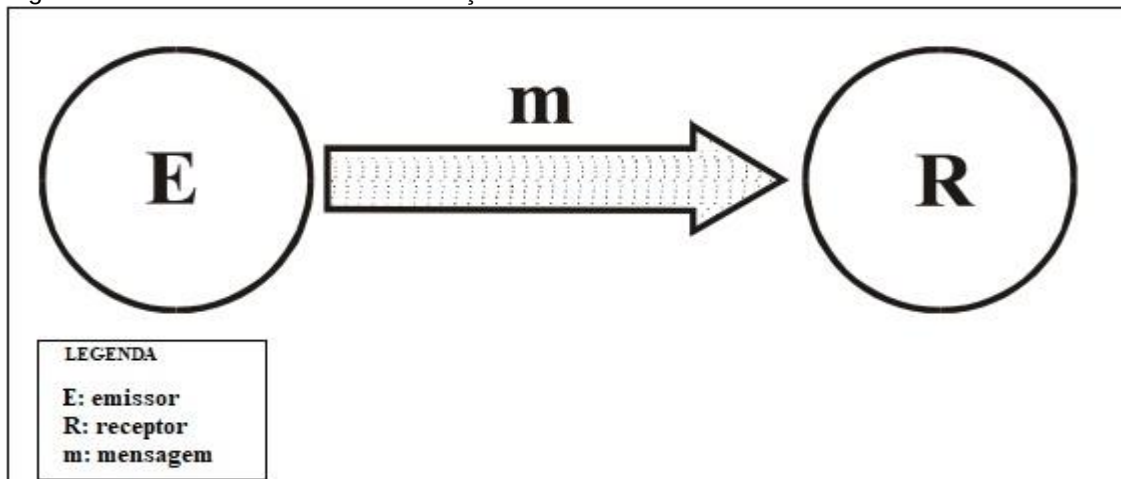
Através do que deveria ser a sua fonte de liberdade, a educação tem servido – ao longo dos séculos – para a (con) formação social e qualificação de mão de obra em prol de condicionar a população nos moldes que eram exigidos pelos setores econômicos do país. Modelo este que, como citado no início deste tópico, foca no conteúdo, na metodologia e numa educação centralizadora, tal como foi descrito por Bertand (2001) ser um projeto educacional pautado nas teorias acadêmicas - também chamadas de teorias funcionalistas.

Na prática da sala de aula, ocorre o que Freire (1987) denominou de educação bancária: o aluno é encarado como um depósito de conteúdo (sem reflexão ou questionamentos) e o professor deve ser a figura de autoridade absoluta que repassa o conhecimento historicamente adquirido ao aluno.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. (FREIRE, 1987, p. 33)

Ao descrever esse formato pedagógico sob o ponto de vista da comunicação, Kaplún (2002, p. 22) aponta que “assim como existe uma educação bancária, existe uma comunicação bancária”, e ilustra esse modelo conforme a figura 2.

Figura 2: Fluxo comunicativo da educação bancária.



Fonte: Kaplún (2002)

Por sua vez, Bertrand (2001) aponta para duas teorias acadêmicas importantes: a tradicionalista, mais conservadora, e a generalista, com cultura humanista e cidadã. A primeira tendência entende que os conteúdos repassados devem ser tradicionais, já consagrados com excelência e indiscutíveis. “Querem orientar o ensino para uma cultura clássica e evitar a armadilha dos conhecimentos científicos e tecnológicos. A cultura pode entender-se por humanidades no sentido genérico.” (BERTRAND, 2001, p. 203).

Por outro lado, a teoria acadêmica generalista é orientada para conhecimentos mais contemporâneos, de acordo com Bertrand (2001), abrigando diversas vertentes que convergem em um conceito integrador, que é a formação geral, baseada sobretudo no momento presente e com os problemas atuais da educação. “Os teóricos generalistas afirmam (...) que a formação deve promover o espírito crítico, dar uma certa abertura, um gosto pela pesquisa, a curiosidade, um modo de resolver problemas numa sociedade democrática e competências polivalentes.” (BERTRAND, 2001, p. 203).

Logo, a perspectiva generalista da teoria funcionalista abre espaço para um objetivo além do simples ato de decorar conteúdo, passando por uma linha de educação voltada para a interpretação por parte dos alunos do que é proposto, e até estimulando a iniciativa de ir além do material pronto, motivando a busca por novos conhecimentos, ainda que de forma limitada se comparado a outras teorias de educação.

Contudo, Charlot (2014) evoca um sentido educacional para além dos objetivos mercadológicos.

Por tal sociedade ter-se dado como objetivo prioritário, o desenvolvimento econômico e social, que requer um maior nível de formação da população, a escola deve resolver os problemas oriundos da democratização escolar. Entre esses problemas, cabe destacar o da nova relação com o saber: há cada vez mais alunos que vão à escola apenas para “passar de ano”, sem encontrar nela sentido nem prazer. (CHARLOT, 2014, p.29).

Propondo que se faça uma reanálise sobre como é colocada para os jovens a importância do aprendizado, Charlot (2014) entende que se faz necessário um trabalho que ultrapasse as ações motivacionais, e que atinja mais a fundo o interesse

dos jovens no ato de conhecer, se informar e como uma atividade prazerosa, e não apenas como uma necessidade para fins profissionais.

Prestar atenção à mobilização dos alunos leva a interrogar-se sobre o motor interno do estudo, ou seja, sobre o que faz com que eles invistam no estudo. Motiva-se alguém de fora, mobiliza-se a si mesmo de dentro. Ao levantar a questão da mobilização, encontra-se a do desejo e, logo, a do inconsciente e, de forma mais geral, a teoria psicanalítica. (CHARLOT, 2014, p. 67)

Quanto à visão sistemática da teoria da educação aplicada predominantemente nas escolas brasileiras, Charlot (2014) entende que a escola é universalista, especialmente nas sociedades democráticas, e deve se manter assim. Inicialmente porque, no entender do autor, o ato educativo da humanidade é, ou deveria ser, o principal objetivo. A seguir por causa de sua necessidade de divulgar saberes universais e sistematizados (saberes que dependem da relação como elementos de um sistema), então não podem simplesmente ser interpretados por cada um de uma forma particular.

No entanto, é importante se observar no ato educativo, como o autor ainda coloca, requisitos culturais específicos, garantindo uma educação mais plural e heterogênea, evocando, sempre que possível, uma educação pautada no diálogo. Modelo pedagógico este em que aluno não seja apenas um receptor de informações, mas também seja estimulado a um protagonismo na sua formação, pela pesquisa e mobilização. É justamente por uma educação dialógica e instigadora da participação dos estudantes que se propõe a interface entre comunicação e educação.

2.2 Por um saber para além do conteúdo

Apesar de ter sua aplicação efetiva em um ambiente escolar pautado nos preceitos da teoria acadêmica, a prática apontada neste trabalho, assim como seus principais objetivos, está enraizada no pensamento de Paulo Freire sobre a importância da dialogicidade no processo de aprendizagem. Em 'Educação como prática da Liberdade', Freire (1967) combate a alienação do povo que, por causa de uma formação mecanicista e focada em suas especialidades, acaba não sendo educado para uma democracia plena.

O que teríamos de fazer, numa sociedade em transição como a nossa, inserida no processo de democratização fundamental, com o povo em grande parte emergindo, era tentar uma educação que fosse capaz de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento. Educação

que lhe pusesse à disposição meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica. Isto significava então colaborar com ele, o povo, para que assumisse posições cada vez mais identificadas com o clima dinâmico da fase de transição. Posições integradas com as exigências da democratização fundamental, por isso mesmo, combatendo a inexperiência democrática. (FREIRE, 1967, p. 106).

Tal proposta de transformação social por meio de uma educação democrática, menos focada no conteúdo e mais preocupada com a visão crítica do aluno, foi classificada por Bertand (2001) como teoria social. Esta teoria teria perspectiva uma pedagogia que tenha como objetivo a conscientização. De acordo com o autor, as pedagogias de conscientização agrupam as teorias da educação que têm como objetivo sensibilizar os estudantes para o seu papel de agente social. Nesse sentido, Freire (1967) chegou à pedagogia da autonomia, voltada para a conscientização e uma concepção crítica da cultura.

Trazendo esse conceito para a prática pedagógica de sala de aula, Kaplún (2002) esclarece que, no modelo educacional libertador de Freire, o educando e o educador estão em constante diálogo e em mútua aprendizagem, de forma que o conteúdo que é trabalhado não se encerre em si mesmo, mas que sirva como ponto de partida para análise, pesquisa e reflexão de acordo com o contexto social dos envolvidos.

Lo que importa aquí, más que enseñar cosas y transmitir contenidos, es que el sujeto aprenda a aprender; que se haga capaz de razonar por sí mismo, de superar las constataciones meramente empíricas e inmediatas de los hechos que la rodean (conciencia ingenua) y desarrollar su propia capacidad de deducir, de relacionar, de elaborar síntesis (conciencia crítica). (KAPLÚN, 2002, p. 46)

Nesse sentido, Kaplún (2002) descreve o fluxo do modelo proposta por freire com base na figura 3.

Figura 3: Fluxograma do modelo da Educação Libertadora



Fonte: Kaplún (2002)

Tais reflexões, na análise de Bertrand (2001), precisam ser analisadas a fundo, pois encabeçam um debate crucial nos dias de hoje. Isso porque o conflito das culturas face aos problemas de toda a espécie que preciso resolver para poder esperar uma vida melhor no planeta e, simultaneamente, a necessidade de formar a pessoa para uma cultura crítica.

É por meio de uma educação para esta cultura crítica que seria possível uma verdadeira revolução cultural, em que o popular, até então diminuído e oprimido pelas classes dirigentes, sairiam da categoria de espectador para a de protagonista social. A proposta de Freire (1967) é, dessa forma, ajudar a população a assumir o seu papel de protagonista da democracia.

Se faz necessário, portanto, pensar em práticas educativas que tornem o aluno cada vez mais protagonista da sua educação e, assim, de sua formação. Para tanto, propõe-se aqui não é uma ruptura completa do modelo que está enraizado na sociedade brasileira, mas sim uma ferramenta que, dentro da perspectiva da teoria acadêmica, venha a se concretizar o que Charlot (2014) denominou de mobilização do estudante pelo ato educativo, por sua participação democrática na educação e, consequentemente, na sociedade.

Criadas justamente diante desse contexto de existência harmônica entre preceitos da teoria acadêmica e da teoria social, as instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica apresentam, por meio de sua legislação, o desafio de fazer coexistir elementos de ambas as teorias educacionais, especialmente nos seus cursos integrados. Isso porque, pelo fato de fazerem parte do sistema de ensino básico, precisam cumprir uma série de requisitos curriculares e avaliativos próprios do que Bertrand (2001) classificou como teoria social.

No entanto, a Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 - que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências -, estabelece que Institutos Federais e outros membros da Rede Federal devem atender, entre suas funções, ao conceito de formação para o pensamento crítico proposto Paulo Freire (1967).

Em seu artigo 6º, inciso V, a Lei 11.892/08 estabelece como finalidade e características dos institutos federais “constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica”. Dessa forma, insere elementos de uma teoria educacional de cunho social dentro de instituições que, em suas práticas predominantes, fazem parte de um sistema acadêmico.

3 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: CONVERGÊNCIA COM FOCO NA EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS

As políticas e práticas educativas tradicionais possuem sua devida importância diante da construção histórica e cultural pela qual enfrentou ao longo dos séculos no Brasil, e – consequentemente – por estar enraizada por meio de diversos fatores sociais, tais como adaptabilidade ao mundo do trabalho, formação de professores e projetos pedagógicos. No entanto, isso não significa concluir que não é possível pensar e desenvolver possibilidades de se transcender o que Freire (1986) denominou como educação bancária para caminhar rumo à formação de cidadãos mais conscientes de seus direitos democráticos: uma educação para a prática da liberdade (FREIRE, 1967).

Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta imporda no sentido de sua humanização. (FREIRE, 1967, p.57)

Nesse sentido, Freire (1967) detalha que, para chegar à consciência crítica, o sujeito precisa passar pelo estágio de transitividade dentro do qual ele pode ampliar seu poder de captação, analisar as questões de seu contexto sócio-histórico e aumentar seu poder de diálogo. O autor entende que, para existir ativamente no mundo, é necessário estar em constante aprendizagem e, para isso, em diálogo entre os demais sujeitos da sociedade.

Considerando a Comunicação como um canal de mediação entre sociedade e indivíduo, Martín-Barbero (2014) baseia-se nos pensamentos freireanos para explicar a estreita relação entre Educação e Comunicação na construção de um ensino para além do hegemônico.

Só assim é possível a passagem da consciência mágica e ingênua – que se pensa fora, sobreposta à realidade – à consciência “crítica”: que se descobre habitada pelo mundo e em luta para desnaturalizar os processos históricos. Só então o oprimido se descobre como sujeito e portador de uma palavra própria. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.39)

Do ponto de vista epistemológico, a interface Comunicação e Educação tem como precursor o filósofo e educador Paulo Freire que, já nos 1960 levantou problemáticas sobre o processo de alfabetização e formação profissional,

assegurando que promover educação é fazer comunicação. Essa visão se fez mais forte nos anos 1970 e 1980, quando mais estudiosos, como Martin-Barbeiro (2014) e Kaplún (2012), sendo este último um dos primeiros pesquisadores a utilizar o termo Educomunicação para denominar esta área de interface, se preocuparam em desenvolver pesquisas sobre a inter-relação Comunicação e Educação.

Com o avanço das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), a convergência entre comunicação e educação é reforçada e apresenta, cada vez mais, incontáveis possibilidades de interseção entre estes campos. Ao mesmo tempo em que a tecnologia, a internet e as redes sociais ampliam as capacidades educativas e da divulgação científica, ela também incorporou aspectos negativos seja para a educação como para as comunicações.

Diante da interligação comunicativa imediata entre as pessoas que o mundo da *World Wide Web* possibilitou, todo o globo passou a produzir, transmitir, consumir e compartilhar conteúdos informativos das mais infinitas áreas de forma imediata e nem sempre com a devida checagem quanto à veracidade dos fatos. Paralelamente ao fenômeno da globalização há um modelo educativo que ainda não prestou a devida atenção à necessidade de formar cidadãos com uma formação crítica e dialógica, que saibam olhar para os sistemas sociais de uma forma ampla, inclusive para as mídias.

Somando esses dois fatores – insegurança informacional e falta de educação crítica -, temos o ambiente propício para o surgimento de um fenômeno que tem ganhado cada vez mais espaço e destaque, porém ainda pouco discutido no ambiente dos estudos em educação e comunicação: as *fake news*, que avançam em nível exponencial e utilizam de tecnologias e técnicas para enganar o cidadão. Relata-se, inclusive, um novo formato de *fake news*: as *deepnews*, que são produzidas através da manipulação de vídeo e áudio reais, por meio de técnicas da inteligência artificial, para mostrar o conteúdo em um sentido diferente dos originais.

De acordo com Fonsceca (2018), apesar de existirem relatos da disseminação de notícias falsas com os mais diversos propósitos desde o início da civilização, é a facilidade de acesso à internet que esse movimento ganha força e ganha um poder ainda maior – com possibilidades multiplicadas – em seu uso na política.

Sob o perigo eminente de se colocar o sistema democrático em risco com as manipulações e utilizações das *fake news* no âmbito político, tem-se a necessidade de desenvolver dispositivos educacionais voltados para que as grandes massas tomem, primeiramente, consciência desses atentados ao seu direito à informação de

qualidade. A seguir, que estas ferramentas auxiliem a formação de cidadãos fundamentalmente críticos no seu ato de aprender e na sua forma de consumir conteúdo informativo na mídia digital ou impressa.

Antes de discutir de forma mais aprofundada a relevância da intercessão entre comunicação e educação no processo formativo dialógico, é necessário entender os marcos históricos e o que se entende pela interface da educação e comunicação, e de educação para as mídias.

3.1 Dimensão histórica da convergência entre comunicação e educação

Antes realizar o aprofundamento do conceito da educomunicação e no que Paulo Freire descreveu como uma pedagogia da comunicação – além de tratar de sua importância para o um consumo de conteúdo informativo mais crítico e para a divulgação científica e tecnológica, faz-se necessário destacar as principais vertentes e percursos de estudos voltados para a aproximação entre educação e comunicação. Ismar de Oliveira Soares, em artigo que resultou de sua participação como presidente da comissão organizadora do VI Encontro Brasileiro de Educomunicação (São Paulo, 2014)², detalhou os aspectos históricos e a categorização de protocolos nos estudos da área.

O primeiro data dos anos de 1930, chamado de Protocolo Moral. Iniciou com atividades educativas desenvolvidas por religiosos que representavam o Vaticano para prevenir a população contra os perigos representados por alguns setores da comunicação, tais como a arte cinematográfica e, mais adiante, com a popularização da televisão. Seus representantes uniram-se a judeus e protestantes na tentativa de coibir o que essa vertente classificada como excessos da indústria de comunicação na moral e nos bons costumes da população. Com apoio social, criou um dispositivo de classificação indicativa e lutou contra a publicidade dirigida a crianças.

Já os defensores do Protocolo Cultural entendem que os meios de comunicação devem ser admitidos como parte da cultura, cabendo estudo e reconhecimento. Para essa corrente, o cidadão que desde cedo tenha acesso a

² O VI Encontro Brasileiro de Educomunicação foi em 2013, porém o artigo citado – que resultou de sua participação no evento -, veio a ser publicado somente em 2014, na revista Comunicação & Educação e, por isso, as referências a esta publicação seguem como Soares (2014).

informações sobre a mídia pode se tornar mais crítico aos seus excessos, por isso é um protocolo mais estudado e defendido por pediatras e psicólogos.

Por sua vez, o Protocolo Midiático nasceu na América Latina nos anos 1980 e defende a universalização do direito à comunicação. Para tanto, busca-se “garantir a todos os sujeitos sociais, pela educação, o “acesso à palavra”, tradicionalmente negado aos mais pobres e excluídos. O foco dessa vertente não é a mídia, em si, mas o processo comunicativo em sua abrangência” (SOARES, 2014, p. 18).

É nessa vertente que, apoiando-se na Teoria das Mediações Culturais de Martin-Barbero e na pedagogia da comunicação de Freire, há uma proposta de modificação no fluxo comunicativo do processo de ensino e aprendizagem: afastando-se do modelo unilateral em que professor dita e aluno absorve, para um em que professores e alunos são igualmente aprendizes.

Na escola, o que se propõe é a revisão das disfunções comunicativas oriundas das relações de poder, buscando-se formas democráticas e participativas da gestão escolar, com o envolvimento das novas gerações. O que distingue este protocolo é a sua intencionalidade: valoriza a mídia e inclui sua análise e uso como procedimento metodológico, mas vai além dela em seus propósitos e metas. (SOARES, 2014, p. 18).

É nesse protocolo que estão os estudos sobre a intercessão entre a educação e a comunicação – e, conseqüentemente, a pesquisa aqui projetada - que, conforme os conceitos que serão discutidos no próximo tópico, visam promover uma educação para as mídias e através das mídias ao fornecer para a sociedade e, principalmente, para os jovens o poder da palavra, munindo-os com conceitos e práticas da comunicação e, em mais detalhes, as técnicas do jornalismo.

3.2 Pedagogia da comunicação: a interseção entre comunicação e educação

Para melhor compreender os aspectos fundamentais da interface de estudos que permeiam esse ponto de interseção entre educação e comunicação, faz-se necessário buscar o aparato teórico que caracteriza a comunicação como fator inerente para a condição do homem enquanto sujeito de uma sociedade. Assim, com sua preocupação pautada na organização social, a corrente filosófica da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt) entendendo a cultura como elemento de transformação da sociedade.

Caracterizados como a primeira geração de teóricos críticos, Adorno e Horkheimer (1985) empreenderam o diagnóstico sobre o processo de instrumentalização da sociedade e mostraram os efeitos da racionalidade³ instrumental no tocante às possibilidades de emancipação frente aos seus dominadores. Por outro lado, Habermas (2012 e 2001) aponta para uma emancipação pelo que ele denominou de *racionalidade comunicativa*. Em sua Teoria do Agir Comunicativo, o autor indica que esse tipo de racionalidade se orienta pela possibilidade do entendimento mútuo, com diálogo, argumentação e entendimento.

Seria, portanto, no entendimento de Habermas (1990), a práxis comunicativa uma condição necessária para a existência da cultura e para desenvolvimento do sujeito. É nesse ponto que se concebe a comunicação como fator essencial para que exista a educação, validada pela interação social entre os indivíduos.

Os sujeitos capazes de linguagem e ação só se constituem como indivíduos porque ao crescer como membros de uma particular comunidade de linguagem se introduzem no mundo da vida intersubjetivamente compartilhado. Nos processos comunicativos de formação se constituem e mantêm co-originariamente a identidade do indivíduo e do coletivo (HABERMAS, 1990, p. 151).

Se, considerando a Teoria do Agir Comunicativo de Habermas, é a ação voltada para a comunicação – e, por consequência, do entendimento entre os indivíduos – que pode-se encontrar a emancipação frente às forças opressivas, e se também se considera a educação o produto do agir comunicativo ao longo da construção do sujeito enquanto ser social, pode-se concluir é necessário trabalhar a comunicação dentro da educação com vistas a formação de cidadãos mais conscientes de seu papel social.

Centrando-se mais especificamente no ato pedagógico e tomando como partida a sociedade brasileira, Paulo Freire (1967) descreve, em sua obra ‘Educação como prática da liberdade’ que o modelo pedagógico aplicado no país foi historicamente construído de maneira a alienar a população aos interesses políticos e mercadológicos em voga e, especialmente, na manutenção desta alienação por meio da falta de consciência desta condição.

³ Adorno e Horkheimer (1985) entendem a racionalidade como estado de ser sensato com base em fatos e razões.

Sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de autorreflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço. (FREIRE, 1967, p. 36)

Seria esse um modelo educacional que proporcionasse ao cidadão uma reflexão sobre seu próprio poder de refletir. Seria uma consciência de que se pode não apenas consumir discursos impostos mas, pela pesquisa e pela análise da conjuntura, construir seu próprio conhecimento. Para tanto, estar de posse do instrumental necessário e estar qualificado para efetivamente exercitar esse poder de reflexão.

A essa proposta educacional voltada para a reflexão, Paulo Freire (1967) chama de educação dialógica, de conscientização do homem sobre sua sociedade e sobre o seu papel nela. Em outro livro, “Pedagogia do Oprimido”, Freire (1987) explica que, para se tornar verdadeiramente dialógico, a forma de aprendizado deve sair do modelo bancário (de fluxo vertical, em que o professor repassa conhecimento e aluno o decora) para um modelo comunicativo (de fluxo horizontal, em que professor se torna um orientador da aprendizagem para mostrar o caminho em que o aluno busque sua forma de adquirir conhecimento). Isso porque, em seu entendimento, o homem só se faz homem por meio da comunicação e, conseqüentemente, da cultura.

Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade ordinária, poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é a origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das conseqüências, em diálogo portanto. Nessa linha de entendimento, a expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração. O homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico da humanização do abundo. (FREIRE, 1987, p. 10)

Entendendo que o comunicar-se, enquanto ato de expressão, e o diálogo abrem a consciência para o mundo, pode-se dizer também que a comunicação é essencial para um processo de educação que se proponha a ser dialógico e que objetive a libertação de uma cultura voltada para a conformação no ambiente escolar. Sendo assim, para além dos conteúdos curriculares, ensinar o cidadão a se comunicar é um caminho significativo que entenda a importância deste diálogo com o mundo e, mais importante, adquira a sua própria consciência e pensamento crítico em relação

ao que lhe é oferecido seja enquanto material acadêmico ou mesmo enquanto conteúdo noticioso.

É assumindo o poder da palavra que, de acordo com Martín-barbero (2014), o homem, enquanto “animal construído de palavras”, assume o protagonismo de sua consciência crítica. Porém, o autor explica que, para se chegar à palavra, é preciso entender a densidade da língua – dispositivo em que a sociedade e o mudo se fazem “codificados”. Eis a importância de se entender a crítica da linguagem.

Trata-se de investigar a presença da linguagem na conformação da sociedade como sistema, o papel da linguagem na gestação das estruturas mentais coletivas, sociais. A parte que cabe à linguagem – permitir ou impedir a entrada do indivíduo a um grupo social – é instalar-nos em um sistema de coisas a partir do sistema das palavras. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 29).

É nesse sentido, de oferecer ao sujeito os ferramentais para se expressar, aprendendo a ler o mundo e a ser lido, que se propõe a educomunicação. Enquanto instrumento que apresenta técnicas e produtos oriundos da área da comunicação, os objetivos educativos desta área são infinitos e, dentre os quais, pretende-se tratar este estudo como ferramenta para uma educação dialógica, além das contribuições para uma educação midiática – leitura e elaboração de notícias de forma mais consciente, uma das propostas da educação integrada -, para a divulgação científica, bem como para o fortalecimento da memória e da identidade no espaço escolar.

Utilizado pela primeira vez em 1960 pelo comunicador social Mario Kaplún, o termo educomunicação nasceu na América Latina e, já na década de 1970, ganhava força por meio de diversos estudos, especialmente amparados na perspectiva freireana de educação dialógica, e de práticas que apresentaram resultados de grande relevância, especialmente no cenário brasileiro. No Brasil, inclusive, destaca-se o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), que teve entre seus fundadores e membros o professor Ismar Soares. Este núcleo é responsável por dezenas de pesquisas e práticas internacionalmente reconhecidas.

Buscando-se uma conceituação do termo que caracteriza essa área transdisciplinar, Soares (2014) entende que a interface entre comunicação e educação apresenta autonomia epistemológica em sua ação, pois busca parâmetros

filosóficos, teóricos ou mesmo práticos não somente na área da educação ou mesmo da comunicação, mas união entre ambas.

No caso, a Educomunicação dialoga com a educação, tanto quanto com a Comunicação, ressaltando, por meio de projetos colaborativos planejados, a importância de rever padrões teóricos e práticos pelas quais a comunicação se dá. Busca, dessa forma, transformações sociais que priorizem o processo de alfabetização, o exercício da expressão, tornando tal prática solidária fator de aprendizagem que amplie o número de sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, no direito universal à expressão e à comunicação. (SOARES, 2014, p. 24)

Para Angela Schaun (2002), a educomunicação centra-se com uma ação política, focada na consciência ética e direcionada para as transformações sociais. Pontua, assim, como uma forma de intervenção ideológica e social com fundamentação na experiência e em uma formação com olhar amplo sobre os processos históricos para, assim, se voltar a uma perspectiva de leitura crítica dos meios de comunicação, e atuando em diversos setores da sociedade, não apenas no ambiente escolar formal.

Utilizando também o termo ‘comunicação educativa’ ao se referir à educomunicação, e se referindo àqueles que tomam à frente nos estudos e nas ações sobre essa área como ‘educadores’, Kaplún (2002) comunga do mesmo pensamento de Schaun (2002) quando propõe a necessidade de se pensar comunicação dentro do espaço educativo com o objetivo de se promover uma transformação não somente na forma de aprender, mas também em como se ensina e se aprende. Trata-se, portanto, de uma pedagogia da comunicação.

En primer lugar, cuando hacemos comunicación educativa estamos siempre buscando, de una y otra manera, un resultado formativo. Decimos que producimos nuestros mensajes para que los destinatarios tomen conciencia de su realidad, o para suscitar una reflexión, o para generar una para una educación popular, como alimentadores de un proceso educativo transformador. Concebimos, pues, los medios de comunicación que realizamos como instrumentos. (KAPLÚN, 2002, p. 15)

Tem-se, por tanto que, buscando nas raízes freireanas de uma educação libertadora, pautada em uma inter-relação dialógica entre os sujeitos integrantes do processo educacional e os conteúdos formadores, a educomunicação é uma das soluções que se apresentam para viabilizar um viés pedagógico mais crítico ante um modelo educacional tão centrado na competitividade, no culto ao conteúdo e que pouco instiga os indivíduos a realizarem uma leitura crítica da sociedade em que vive.

Ao ensinar o estudante a se comunicar e obter um olhar interpretativo para além do conteúdo que lhe é proposto na mídia, as ações de interface entre comunicação e educação constroem as bases para o combate a fenômenos que buscam o conformismo social por meio da manipulação de notícias ou mesmo veiculação das chamadas fake news.

3.3 Comunicação na escola: educação contra *fake news*

A veiculação de notícias não verdadeiras com finalidades específicas (para se alcançar um objetivo político-ideológico, econômico, ganhar mais audiência, entre outros) pode ser constatada em diversos momentos da história das comunicações. Delmazo e Valente (2018) introduzem o seu debate sobre o fenômeno denominado *fake news* com alguns exemplos de informações inverídicas que foram publicadas em jornais ou repassadas por outras formas de comunicação há vários séculos.

No entanto, é a partir da interconexão imediata de todo o planeta através da internet – tendo o fenômeno da globalização como consequência –, sem tempo hábil para se pensar no estabelecimento de normas e responsabilização para seu mal-uso que se inicia o estabelecimento de um ambiente propício para propagação massiva e cada vez mais perigosa de conteúdos inverídicos. Soma-se a esse contexto o fato da sociedade ainda estar à margem de uma alfabetização para além do simples ato de ler e escrever: da leitura crítica do mundo. São indivíduos escolarizados (ou seria domesticados o termo correto?) única e exclusivamente para assimilar, decorar e replicar informações historicamente construídas, sem refletir sobre o que estão aprendendo, para quê e com qual finalidade.

Por outro lado, ao descrever o que chamou de “Modernidade Líquida”, Bauman (2001) aponta para um cenário que, ao se tornar livre para escolher como agir, o homem entrou num processo de individualização que disponibiliza pouco espaço para a discussão sobre cidadania e interesses coletivos. Assim, o teórico entende que a vida pública (e por tanto o palco público) é invadida por interesses privados.

E assim o espaço público está cada vez mais vazios de questões públicas. Ele deixa de desempenhar sua antiga função de lugar de encontro e diálogo sobre problemas privados e questões públicas. Na ponta da corda que sofre as pressões individualizantes, os indivíduos estão sendo, gradual, mas consistentemente, despidos da armadura protetora da cidadania e expropriados de suas capacidades e interesses de cidadãos. (BAUMAN, 2001, p. 55)

Dessa forma, Bauman (2001) relata que o palco público (espaço onde ocorrem as comunicações, os diálogos) está sendo procurado não mais se discutir os interesses comuns de uma sociedade, mas sim para que os indivíduos atendam a uma necessidade desenfreada de “fazer parte da rede”. Assim, o autor conclui que estão sendo criadas comunidades frágeis, que trocam rapidamente de objetivos numa busca de estar emparelhado ao que fazem seus comuns, se mostrar. Formam-se comunidades de temores, ansiedades e ódios compartilhados – mas em cada caso comunidades “cabides”, reuniões momentâneas em que muitos indivíduos solitários penduram seus solitários medos individuais (BAUMAN, 2001, p. 51).

É nessa sede por exemplos, orientações, proporcionada pela conjuntura da modernidade líquida, que os indivíduos se veem buscando modos de vida ideais para os quais seguirem no tipo de palco público mais utilizado no atual contexto: as mídias sociais.

Ao realizar uma análise sobre a relação entre os indivíduos e esse novo espaço público, Medeiros Neto (2017) explica que difere essa relação do cidadão que está utilizando o atual palco público (as Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC) para os formatos comunicativos que foram lançados anteriormente (mídia impressa, rádio e televisão por exemplo) é que os impactos e as consequências da computação avançam com muito mais velocidade. Isso porque os indivíduos não mais necessitam ir de encontro aos veículos de comunicação, mas já convivem com ele a todo o tempo, na palma da mão ou no bolso: os *smatphones*.

Nesse aumento da mobilidade informacional, Medeiros Neto (2017) indica que se ampliam as possibilidades de acesso aos mais diversos tipos e qualidades de acesso a conteúdo, derrubam-se as fronteiras físicas e descentraliza-se também a possibilidade de produzir e distribuir conteúdo. No entanto, o que se observa na realidade brasileira, é que esse impulso e democratização ao acesso às TIC não foi acompanhado de um letramento informacional adequado, de forma a se coibir excessos e abusos na chamada *cibercultura*⁴.

⁴ Santaella (2010) conceitua a cibercultura como uma formação cultural específica do potencial informacional das conquistas computacionais. É um modo de ser híbrido, entre oralidade, escrita, impressa, massiva e cultura de mídias.

Nesse sentido, Medeiros Neto (2017) defende não apenas o treinamento e a capacitação para o uso das TIC, mas também o letramento informacional, em que:

(...) os indivíduos desenvolvem uma capacidade crítica detendo maior autonomia e liberdade ao longo de sua vida. Espera-se desses sujeitos, que sejam capazes de produzir informações e conhecimentos para sua comunidade, ao invés de apenas acessar notícias superficiais para deleite pessoal. (MEDEIROS NETO, 2017, p. 132)

Entrando na seara das *fake news*, que está na agenda dos debates sobre os problemas da falta de alfabetização informacional, Fonseca (2018) relata o fortalecimento de condições que criaram um cenário propício não somente para elaboração das notícias falsas, como também para sua propagação e para o crédito que lhe atribuem. O estudioso cita questões como o fácil acesso às tecnologias móveis, aumento do individualismo, a precarização do trabalho e, inclusive, as deficiências do sistema de ensino, sendo que este ainda não soube educar as novas gerações conectadas. Este é o contexto que forma um ambiente fragilizado, em que a dispersão da atenção e a falta de repertório alavancam para um estado em que o texto jornalístico se afasta cada vez da premissa de prezar pela veracidade e pelo comprometimento com o leitor.

Buscando uma definição para o que se tem denominado como *fake news*, Delmazo e Valente (2018) selecionaram trechos de obras de estudiosos que se preocuparam em analisar o fenômeno.

“Allcott e Gentzkow (2017) definem este fenômeno como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores” (p.4, tradução própria). Guess, Nyhan e Reifler (2018) falam de “um novo tipo de desinformação política” marcada por uma “dubiedade factual com finalidade lucrativa” (p. 2). Aymanns, Foerster e Georg (2017) diferenciam *fake news* claramente identificáveis (como sátiras), muitas vezes partilhadas pelo seu valor humorístico, daquelas cuja ausência de base factual não é óbvia e levanta incerteza sobre a veracidade de seu conteúdo, as quais classificam como “preocupantes” (p. 2)”. (DELMAZO E VALENTE, 2018, p. 157)

Citando uma fala de Claire Wardle⁵, Fonseca (2018) aponta que, apesar de ainda não apresentar uma definição consensual, é comum entre muitos estudiosos

⁵ Diretora-executiva do projeto First Draft, mantido pelo Centro Shorestein de Mídia, Políticas Públicas, da Escola de Governo John F. Kennedy, da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. <O First Draft adota uma abordagem pragmática quando se trata de mapear o que são fake news e orientar as audiências sobre como identificá-las e combatê-las. O autor em questão extraiu a citação

entender que este fenômeno é uma dimensão de uma problemática ainda maior: o fato de se estar diante da emergência de um ambiente de insegurança ao se consumir informações, trata-se de um ecossistema de desinformação. E a sensação de insegurança aumenta quando se percebe que, para além de simples veiculações em redes sociais, o direcionamento e as informações falsas com finalidades ocultas aos olhos do leitor leigo no quesito formação crítica recebem uma roupagem de jornalismo.

O fenômeno das *fake news* provavelmente nos aponta para a falência dos nossos sistemas comunicativos e, provavelmente, da nossa compreensão do que seja comunicação. E também nos indica que o caminho da educação tenha que ser reorientado. Somos capazes de ler a palavra, mas não exercitamos a leitura do mundo. No WhatsApp e outros aplicativos de comunicação, bem como nas mídias sociais, escrevemos e lemos mensagens a todo o momento, mas somos desprovidos de ferramentas que nos permitem contextualizá-las. Ficamos acorrentados a uma eterna presentificação, somos “massificados”. Para usar um termo de Freire, ainda que sob o apelo da expressão individualização. (FONSECA, 2018, p.86)

Seguindo essa mesma linha, ao descrever uma série de recentes disseminações das chamadas *fake news* que influenciaram eleições presidenciais e outras situações relevantes no cenário político e econômico mundial – fenômenos estes que, diante das proporções, chamaram a atenção para a urgente necessidade de mecanismos de combate e prevenção -, Marquette (2019) aponta que a arma mais eficaz no enfrentamento das notícias falsas direcionadas a uma finalidade é a educação para e com as mídias. Para tanto, ela defende que o cidadão seja empoderado com as competências necessárias para realizar uma leitura crítica da mídia.

As mídias são os meios para a informação, para a cultura, para cidadania e, mais do que nunca, é preciso aprender a questionar suas mensagens, mas não apenas isso: para garantir uma democracia representativa, **é preciso munir os sujeitos das ferramentas para que se expressem e participem socialmente**. O mundo globalizado e tecnológico implica mudanças, e entre elas estão as múltiplas alfabetizações, principalmente a voltada para mídia. (MARQUETTO, 2019, p.17)

É justamente focando na elaboração de uma ferramenta de expressão e participação para o aluno (definido como educomunicação, conforme o tópico anterior), de maneira a auxiliar na formação de sujeitos capazes de interpretar

criticamente os conteúdos noticiosos que lhe são oferecidos e, assim, exercer plenamente a sua cidadania que está o norte desta pesquisa – assim como o produto educacional aqui proposto. Trata-se de uma forma de aplicação daquilo o que Freire (1967) entendeu por uma pedagogia da comunicação: uma educação libertadora no sentido de munir o sujeito das ferramentas necessárias para pensar além do conteúdo que lhe é preposto, e alfabetizado para olhar o mundo sob uma perspectiva coletiva e crítica.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa em questão partiu da realidade de um grupo social, com a aplicação de um estudo focado na participação de agentes desse grupo visando uma mudança na realidade identificada através da elaboração e da aplicação de um instrumento: o produto educacional descrito neste trabalho. E entende-se, com referência ao levantamento bibliográfico sobre estratégias metodológicas, que se trata de um método de procedimento tipificado como de pesquisa-ação.

Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva. (BALDISSERA, 2001, p. 6)

De acordo com Thiollent (1986), um dos principais objetivos da proposta metodológica pautada na pesquisa-ação consiste em oferecer tanto aos pesquisadores quanto aos participantes os meios de se tornarem capazes de entender melhor a problemática da situação em que se debruçam e o resultado da ação transformadora. De maneira mais específica, David Tripp (2005) debruça-se sobre a temática da pesquisa-ação mais precisamente aplicada no âmbito educacional. Com o objetivo de definir esta metodologia, colocou que se trata de um dos diversos tipos de investigação-ação. Esta, por sua vez, “é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (TRIPP, 2005, p. 447).

A respeito da pesquisa-ação, em si, Tripp (2005) define ser um tipo de investigação-ação que aplica técnicas de pesquisa já consagradas para informar que tipo de ação utilizar para melhorar a prática. Desta feita, entende-se que tal método de procedimento requer ação seja no âmbito da prática como no da pesquisa, pois assim terá características tanto da prática rotineira (o dia a dia daquele agir) como da pesquisa científica.

Tendo em vista tais conceitos, entende-se que a pesquisa ora descrita sinalizou na direção do seguinte problema: a necessidade de uma pedagogia dialógica e crítica, em especial na formação de um público consumidor de notícias (educação para as mídias) diante da crescente circulação de conteúdos informativos (muitas vezes

manipulados e inverídicos para atendimento de objetivos de alguns grupos sociais) diversos, nesta era da globalização e imediatismo midiático. Quanto ao grupo social no qual foi aplicado o estudo, tem-se a turma do segundo ano do curso técnico integrado em Eletrônica do Campus Aracaju, do Instituto Federal de Sergipe.

No tocante à ação necessária indicada por Baldissera (2001), tem-se o produto educacional fruto dessa pesquisa, descrito detalhadamente na seção 6: a aplicação do 'Minicurso de educação para as mídias', com produção de um guia pedagógico para que professores de Língua Portuguesa e profissionais de Comunicação possam realizar a capacitação em outros ambientes formais e não formais de ensino. Ressalta-se que Thiollent (1986) aponta ainda que uma condição necessária para a prática da pesquisa-ação é estabelecer uma relação entre o objetivo de ação e o objetivo de conhecimento. Enquanto o primeiro diz respeito à prática transformadora em si (no caso deste estudo em particular, são os produtos educacionais), o segundo trata do conhecimento gerado por meio do procedimento de ação (no nosso caso, a viabilidade da prática das técnicas de comunicação entre estudantes para se alcançar uma educação dialógica, crítica).

Sobre o método de abordagem, trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, por promover a análise de uma realidade e também por se valer de resultados quantificáveis, e de natureza aplicada, tendo em vista que objetiva gerar conhecimento para aplicação prática. Segundo Silveira e Córdova (2009), a pesquisa de abordagem qualitativa visa um aprofundamento da compreensão de um grupo social, explicando o porquê das coisas e exprimindo o que convém ser feito, sendo o cientista tanto sujeito como objeto da pesquisa, já que está envolvido com o grupo pesquisado. Por sua vez, a pesquisa quantitativa se vale de dados quantificáveis, por meio de instrumentos padronizados.

4.1 Campo de pesquisa

O estudo foi aplicado no âmbito do Instituto Federal de Sergipe (IFS) e a escolha deste campo ocorreu por duas razões. A primeira porque o objetivo do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) é justamente produzir conhecimentos com o desenvolvimento de produtos que integrem os saberes do mundo do trabalho e o conhecimento sistematizado, desta forma busca-se atender instituições que prestam a educação profissional.

O fato de ser uma instituição que tem por finalidade, de acordo com sua legislação, para uma educação dialógica e crítica é a segunda justificativa de escolha do IFS. A Lei Federal nº 11892/08, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (entre os quais está o IFS), cita, em seu artigo 6º algumas finalidades e características destas instituições.

II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;

[...]

V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica; (BRASIL, Lei nº 11892, 2008, art. 6º)

Dessa forma, é uma instituição que já apresenta a necessidade de desenvolver e aplicar propostas que promovam e fortaleçam a relação de ensino e aprendizagem dialógicos, que ultrapassem o caráter restringido ao repasse de conteúdo do professor ao aluno na direção de um maior protagonismo por parte do aprendiz. Nesse sentido, o produto educacional dessa pesquisa tanto deve auxiliar a instituição a promover o modelo educacional social proposto por Paulo Freire (1967), como também a conseguir atingir algumas de suas finalidades constitutivas.

Sabe-se, ainda, que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2017 e com as alterações para o Ensino Médio tendo sido aprovadas em 2018, prevê, entre o conjunto de aprendizagens essenciais da educação básica, a abordagem do campo jornalístico midiático ao longo do Ensino Médio e nos estudos de Língua Portuguesa. Sendo assim, ao delimitar o grupo de sujeitos desse estudo, partiu-se da seleção de turma dessa etapa da educação básica e, ao aplicar o produto educacional aqui proposto, optou-se para realizar no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa.

A pesquisa foi realizada em curso técnico integrado ao ensino médio porque, durante a ação de reportagem jornalística, o aluno pode desenvolver, em suas pautas, uma aprendizagem interdisciplinar e crítica, tal como está entre os objetivos do ensino integrado. Delimitou-se, portanto, o grupo de sujeitos da pesquisa composto pela

turma de alunos do curso técnico em Eletrônica integrado ao ensino médio do Campus Aracaju do IFS.

Figura 4 - IFS/Campus Aracaju



Fonte: www.ifs.edu.br

Localizado na avenida Engenheiro Gentil Tavares da Mota, número 1166, bairro Getúlio Vargas, atualmente o campus da capital sergipana apresenta a maior quantidade de alunos matriculados (3.508, de acordo com a plataforma Nilo Peçanha – Ano Base 2019). Seu objetivo é desenvolver o ensino, a pesquisa, extensão e a inovação tecnológica segundo as diretrizes, regulamentações e normas homologadas e estabelecidas pelo Conselho Superior e pela Reitoria (IFS, 2017). São seis cursos técnicos integrados do IFS/Campus Aracaju, dois cursos técnicos integrados à educação de jovens e adultos (Proeja), 10 cursos técnicos na modalidade subsequente e cinco graduações – constituindo assim um universo de comunidade acadêmica diverso a ser atingido pelos experimentos aqui propostos.

Quanto aos recursos humanos, o quadro de pessoal do Instituto Federal de Sergipe se resume em duas áreas: área meio e área fim. A área meio engloba diversos cargos da carreira de Técnicos Administrativos em Educação (TAEs), já a área fim, especificamente, é composta pelo cargo de Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. No Campus Aracaju, a instituição apresenta 209 docentes e 147 TAEs (IFS, 2020).

4.2 Sujeitos da pesquisa

As atividades do estudo foram desenvolvidas com estudantes do segundo ano do curso técnico integrado em Eletrônica. A turma é composta por 23 alunos que estão na escola em tempo integral (manhã e tarde), em um curso que tem a posta de integrar as disciplinas básicas do ensino médio com a formação de um curso técnico. A necessidade de selecionar uma turma ocorreu por um dos produtos educacionais aqui propostos, a revista, tratar-se inicialmente de uma edição piloto com a finalidade justamente de se avaliar seus resultados e, em positivos, proceder com a sua continuação numa versão ainda mais abrangente do campo da pesquisa.

Entre os seis cursos técnicos integrados que o campus oferece, optou-se por realizar a pesquisa em turma do curso de Eletrônica porque apresenta características importantes a título de aplicação piloto deste produto educacional, que envolve um grupo de estudantes nos conceitos e práticas do jornalismo, tendo em vista que é uma formação que possui forte ligação com o setor de comunicações, desenvolvendo atividades técnicas nessa área.

Dessa forma, o questionário de reconhecimento prévio (Apêndice A) foi aplicado com toda a turma regularmente matriculada no curso. Já a técnica de amostragem para participação no ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo***, bem como para o questionário de avaliação (Apêndice C) foi a amostragem não probabilística por conveniência, formada por indivíduos que estão disponíveis para participar da pesquisa.

A amostragem não probabilística por conveniência foi necessária por se tratar de um estudo que envolve a participação direta, o emprego de tempo e de empenho dos sujeitos. Nessa pesquisa em específico, era necessário que os alunos apresentassem a vontade de participar do minicurso, bem como de fazer parte da equipe de elaboração da publicação em formato de jornalismo estudantil. Nesse sentido, prima-se pela qualidade da participação ao invés de buscar o maior número de sujeitos envolvidos.

É importante ressaltar, contudo, que a capacitação em educação para as mídias aqui proposta pode ser também aplicada, posteriormente a sua validação, em diversos outros cursos e modalidades de ensino, seja dos ambientes formais e não formais de ensino. Isso porque, além de atender a uma das premissas da BNCC, a

educação midiática, como foi citada nas seções anteriores, um fator necessário para a formação de cidadãos que possam se relacionar de maneira crítica com o conteúdo informativo a que têm acesso.

4.3 Fases da Pesquisa

Entre os objetivos de ação e de conhecimento gerado através da ação, adotou-se o modelo sugerido por Tripp (2005) de representação do ciclo básico de investigação-ação e de pesquisa-ação: planejamento, ação, descrição e avaliação (sendo que esses dois últimos compõem o ciclo prático da pesquisa).

Fase 1: exploratória

De acordo com Thiollent (1986), a pesquisa exploratória é um momento de suma importância para um estudo, pois permite levantar um diagnóstico inicial da situação, das expectativas dos sujeitos envolvidos, dos problemas e características da população, entre outros aspectos. Nesse sentido, a etapa de reconhecimento desta pesquisa foi composta por dois momentos: a pesquisa bibliográfica, amparada em teóricos sobre as principais temáticas em que estão envolvidas o estudo; e o reconhecimento de campo, com uma análise situacional.

Durante o reconhecimento, foi levantada, por meio da aplicação da técnica do questionário - composto por uma mescla de questões fechadas e de questões abertas - a atual situação dos sujeitos que serão envolvidos na pesquisa, como sua percepção sobre educação dialógica e formação crítica, seu relacionamento com as mídias, como se informam sobre o que acontece na sua região, o que consideram como papel do jornalismo profissional e o que acreditam que sejam as *fake news*.

A aplicação do questionário (ver Apêndice A) foi realizada no dia 10 de março de 2020, de maneira presencial (entrega de questionários impressos para que os alunos respondessem a mão), durante uma aula da turma da disciplina de Língua Portuguesa. Nessa mesma ocasião, foi firmada a concordância em participar dessa pesquisa por meio do Termo de Livre Consentimento e Esclarecido / TLCE (para os estudantes com idade igual ou superior a 18 anos) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido / TALE (para os estudantes com idade inferior a 18 anos, sendo os mesmos autorizados a participar da pesquisa pelos seus respectivos responsáveis). Ressaltasse que, aos envolvidos, foi explicado o direito de desistência de participação

do estudo durante qualquer etapa, bem como da ausência de ônus ou bônus para sua participação. Por sua vez, a Direção-geral do campus, na pessoa do diretor-geral prof. Me. Elber Ribeiro Gama, autorizou a realização dessa pesquisa na unidade através da assinatura da Carta de Anuência no dia 08 de novembro de 2019.

Fase 2: Planejamento

Na fase de planejamento, foi projetado o funcionamento prático das fases de implementação e de avaliação do minicurso, levando em conta o diagnóstico levantado por meio da análise da fase de pesquisa exploratória. Nesse momento, foram realizadas algumas medidas que antecedem a ação, em si, da pesquisa, como o agendamento do minicurso juntamente com a professora da disciplina de Língua Portuguesa da turma, profa. Me. Tânia Regina Barbosa de Sousa, a elaboração de todo o material utilizado nas oficinas (apostila prática e apresentação), verificação do local e materiais que foram utilizados, entre outras atividades.

Fase 3: Implementação

Foi a etapa de aplicação efetiva do produto educacional aqui proposto: o ***Minicurso de educação para as mídias***. A proposta inicial, levantada no projeto de pesquisa aprovado na qualificação desse estudo, era a de realizar esta fase de maneira presencial e durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa. Conforme agendado com a professora Tânia Regina Barbosa de Sousa, o minicurso seria aplicado nesses termos no mês de março de 2020, e chegou a ocorrer dois encontros: um no dia 10 de março de 2020, com a aplicação do questionário e abordagem da primeira temática da sequência didática; e outro no dia 11 de março de 2020, com a abordagem da segunda temática, com as explicações, debates e atividades.

No entanto, antes de ser realizado o terceiro encontro, que estava previsto para ocorrer em 24 de março de 2020, as aulas de todos os campi do IFS foram suspensas diante da necessidade de isolamento social como medida de controle do avanço da pandemia de Covid-19, como orientava o Ministério da Saúde e a Organização Mundial de Saúde. No dia 16 de março de 2020, foi publicada no boletim de serviços a Portaria Nº 928 (IFS, 2020) que suspendeu o calendário acadêmico de todos os cursos técnicos (integrados e subsequentes), de graduação e de pós-graduação no âmbito da instituição.

Inicialmente, a suspensão foi planejada para 20 dias e foi prorrogada para ocorrer enquanto houvesse a necessidade de distanciamento social para controle da doença. Inicialmente, quando ainda não se sabia quanto tempo iria permanecer a necessidade de quarentena diante da emergência de saúde, aguardou-se uma possível retomada das aulas presenciais para continuar este estudo.

Contudo, o IFS iniciou, em maio de 2020, a elaboração de uma normativa para a retomada do calendário acadêmico por meio do ensino remoto emergencial⁶. Diante desse contexto, a pesquisa precisou passar por uma nova fase planejamento, com foco em programar a aplicação do minicurso em formato de videoconferência antes mesmo da retomada do calendário acadêmico por meio do ensino remoto, para que os alunos pudessem dedicar a atenção necessária à capacitação.

Após o agendamento com a professora que cedeu o espaço para o projeto e do contato com os alunos, o ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo*** foi realizado nos dias 6, 7 e 8 de julho de 2020. Apesar de prever em seu planejamento os cinco (05) encontros, a aplicação do produto educacional foi reduzida a três (03) momentos tendo em vista que, diante do isolamento social como medida de prevenção ao vírus Covid-19, não foi possível realizar as práticas previstas na abordagem do curso.

Isso porque seria necessário que os alunos realizassem a vivência de entrevistar fontes, fotografar momentos e eventos, debater pautas, editar matérias entre eles. Como forma de não causar prejuízos a esse momento prático, resolveu-se que um novo encontro com esses alunos ocorrerá tão logo as aulas presenciais sejam retomadas e, assim, será realizada a etapa de prática do jornalismo. Ver na seção 06 o detalhamento da elaboração e da execução do ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo***.

Fase 4: Avaliação

Momento em que foi realizada a investigação sobre os resultados da aplicação do minicurso, bem como de interpretação e reflexão dos dados encontrados. Para a pesquisa sobre os efeitos prático dos produtos educacional, foi aplicado um segundo

⁶ O Regulamento de Ensino Remoto Emergencial foi aprovado em 13 de julho de 2020 pelo Conselho Superior do IFS e foi publicado pela Resolução Nº 28/2020, de 14 de julho de 2020.

questionário. Por meio dessa ferramenta, os sujeitos da pesquisa avaliaram o ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo*** quanto ao conteúdo e à aprendizagem, por meio da escala Likert – e que foram analisados através do percentual de concordância (%) -, e responderam uma questão aberta sobre os aspectos que lhes foram mais úteis e valiosos. Ver os resultados e a análise na seção 5.

4.4 Análise dos dados

Tendo em vista que tanto o questionário de diagnóstico prévio como o questionário de avaliação do curso apresentam questões abertas e fechadas, foi necessário empregar técnicas distintas para a análise dos dados obtidos por meio dessas ferramentas. No tocante os dados quantitativos extraídos das questões fechadas, utilizou-se como método analítico descrito por Gil (2008): organização, codificação (transformando o dado bruto em símbolos agrupáveis) e, conseqüentemente, tabulação (agrupamento e contagem dos casos contidos nas várias categorias). Dessa forma, foi possível realizar uma análise sistemática destes dados por meio de sua interpretação e comparação entre seus tópicos.

No tocante às questões abertas, foi realizada a técnica da análise de conteúdo que, segundo Bardin (2016), dispõe de técnicas de análise das comunicações que têm por objetivo obter, através de processos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que possibilitam a geração de conhecimento referentes às condições de produção e recepção das mensagens. Para tanto, foram aplicados os critérios de organização de uma análise, propostos pela autora: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

Sendo assim, Bardin (2016) indica que, na pré-análise, deve-se formular hipóteses e objetivos extraídos do documento em análise, além de criar indicadores para orientar a interpretação do texto. Entre as atividades dessa fase, estão a leitura “flutuante” (aprofundamento do tema, quando vão emergindo hipóteses e percebendo-se a possibilidade de aplicação das técnicas); a escolha dos documentos (seleção de materiais para o esclarecimento do problema da pesquisa); a formulação de hipóteses (afirmação que deve ser confirmada ou invalidada) e objetivos (finalidades do estudo); a referenciação de índices (itens que itens de repetição) e elaboração de indicadores (escolhidos de acordo com os índices); e a preparação do material (sua organização).

Já a segunda fase da análise, de exploração do material, consiste, de acordo com Bardin (2016) na codificação, enumeração ou decomposição dos dados, cumprindo as regras pré-estabelecidas (distribuindo os dados do material analisado de acordo com os indicadores já levantados na pré-análise). Por fim, a autora aponta que a terceira etapa da análise do conteúdo da pesquisa é o tratamento e a interpretação dos resultados obtidos, em que se busca a correlação entre dados obtidos. Com estatísticas simples ou complexas, é possível elaborar quadros, figuras, diagramas e outros materiais gráficos que possibilitem uma discussão interpretativa das descobertas encontradas pelo pesquisador.

5.5 Mapa do processo metodológico

Para facilitar a compreensão do processo que envolve o percurso metodológico desse estudo, a figura 5 apresenta o mapeamento das fases, bem como seus objetivos, atividades e instrumentos (técnicas) de coleta de dados envolvidos.

Figura 5: Mapa de fases da pesquisa



Fonte: Elaborada pela própria autora

Ressalta-se que os resultados obtidos por meio da fase exploratória, de diagnóstico inicial, encontram-se na seção 05, denominada 'Análise dos resultados'. Já a seção 06, referente ao detalhamento do produto educacional, aborda em detalhes as fases de planejamento, implementação e avaliação do **Minicurso de educação crítica através do jornalismo**.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta seção destina-se à descrição do perfil dos sujeitos envolvidos nesse estudo, bem como a uma análise situacional de reconhecimento de campo previamente à aplicação do produto educacional. Tendo em vista os objetivos gerais e específicos desta pesquisa, buscou-se, por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas, entender se, na visão dos alunos, a instituição lhe proporciona uma educação crítica e dialógica, bem como sobre sua relação com os meios de comunicação, as notícias e a busca por informações verídicas.

Ao todo, foram elencadas 15 perguntas no questionário, que foi aplicado em março de 2020, sendo oito delas fechadas e sete perguntas abertas. Tais perguntas foram distribuídas em três categorias, elencadas de acordo com os objetivos e com o referencial teórico que embasa esse estudo. Para a análise do material obtido por meio dessa pesquisa, foram utilizadas técnicas distintas para as questões fechadas e para as questões abertas. O método de categorização, cálculo percentual e a elaboração de gráficos com os dados das questões fechadas. No caso das questões abertas, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo orientada por Bardin (2016), com seguindo os critérios de organização da análise propostos pela autora.

Na fase de pré-análise, foi realizada uma leitura flutuante das respostas às questões abertas, bem como a organização das repostas e preparação do material concomitantemente à constituição do corpus a ser categorizado e, por fim, chegou-se aos objetivos da análise: verificar se os alunos consideram que recebem uma educação que lhe possibilite uma reflexão dos conteúdos e, se sim, como ocorre; entender as relações desses estudantes com as mídias e os meios de comunicação; e a percepção deles a respeito da imprensa em uma sociedade e sobre o fenômeno das *fake news*.

A seguir, na fase de exploração do material, foi realizada a codificação do conteúdo através do levantamento das unidades de contexto, levando em conta a interpretação de cada resposta de acordo com o seu critério semântico. Por fim, as repostas foram divididas em categorias levantadas de acordo com o contexto que mais se repetia nas respostas.

5.1 Sujeitos da pesquisa

Como já foi citado anteriormente, os sujeitos participantes da pesquisa são alunos do curso de Eletromecânica do Campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe (IFS), no período 2020.1, durante as aulas de Língua Portuguesa. Ao todo, estão matriculados 24 estudantes na referida turma, sendo que 23 deles frequentando as aulas regularmente durante o estudo. E responderam o questionário o total de 22 integrantes da turma, pois um dos que estavam frequentando as aulas havia faltado.

A 'Parte I' do questionário de reconhecimento prévio, denominada 'Sobre você', solicitou a resposta do participante nos quesitos sexo e idade. Concluiu-se, conforme a tabela 1, que o grupo pesquisado é composto majoritariamente por integrantes do sexo masculino, sendo eles 20 alunos e 90,91% da quantidade total. Já as integrantes do sexo feminino são apenas duas e correspondem a apenas 9,09% da turma.

Tabela 1: Sexo dos estudantes entrevistados

Sexo	Percentual	Unidades
Feminino	9,09%	02
Masculino	90,91%	20
Total	100%	22

Fonte: Elaborada pela própria autora

É importante atentar para a baixa representação feminina no nesse curso que, assim como ocorre com outros de diferentes modalidades e graus (como as Engenharias e Ciências Exatas, do superior), é considerado como uma formação tipicamente masculina. Trata-se, inclusive, de uma temática que pode ser trabalhada entre as pautas jornalísticas da publicação proposta para os sujeitos.

Quanto à idade, apenas um (dos 22 alunos que responderam o questionário) corresponde à faixa dos 17 a 19 anos, computando 4,55% da turma. Os outros 21 alunos declararam-se na faixa-etária entre 14 e 16 anos, correspondendo a 95,15% do total.

Tabela 2: Faixa etária estudantes entrevistados

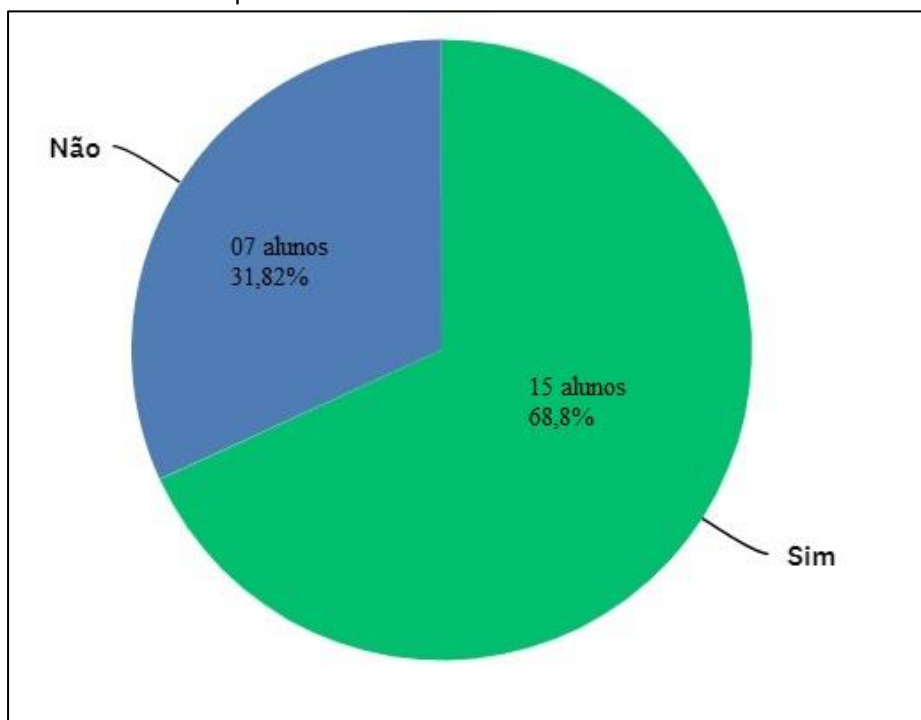
Faixa etária	Percentual	Unidades
De 14 a 16 anos	95,45%	21
De 17 a 19 anos	4,55%	01
Total	100%	22

Fonte: Elaborada pela própria autora

5.2 Educação dialógica e formação crítica

Na 'Parte II' do questionário, a primeira pergunta foi: *Na sua análise, o IFS lhe proporciona uma educação que lhe possibilita uma reflexão acerca dos conteúdos tratados?* Conforme ilustrado na figura 1, a maioria dos alunos (68,8%) acham que o IFS lhe estimula uma reflexão sobre os assuntos trabalhados em aula. Já 31,82% acham que não há essa motivação.

Gráfico 1: Alunos que sentem estimulados à reflexão sobre os conteúdos



Fonte: Elaborado pela própria autora

Aos alunos que responderam acreditar que a escola lhe proporciona a reflexão, foi solicitado que respondesse, na questão seguinte, de que maneira esse estímulo

ocorre. Obteve-se respostas que apontaram para atividades realizadas por parte dos professores da turma, bem como para atividades realizadas no âmbito do IFS, sendo que as atividades citadas pelos alunos foram categorizadas em “promoção de debates” (utilizada em três respostas), “apresentações” (utilizada por três respondentes), “uso de materiais didáticos” (se apresentou em quatro respostas), “uso de tecnologias” (utilizada por dois respondentes) e metodologias ativas (que se apresentou em duas respostas).

Abaixo estão alguns exemplos de respostas à questão e sua categorização de referência:

A3 – As discussões na sala de aula (Categoria: promoção de debates).

A4 – Palestras educacionais, cartazes informativos pelo campus, atividades fora das aulas (Categoria: apresentações).

A8 – Bons professores, slides e apostilas (Categoria: materiais didáticos).

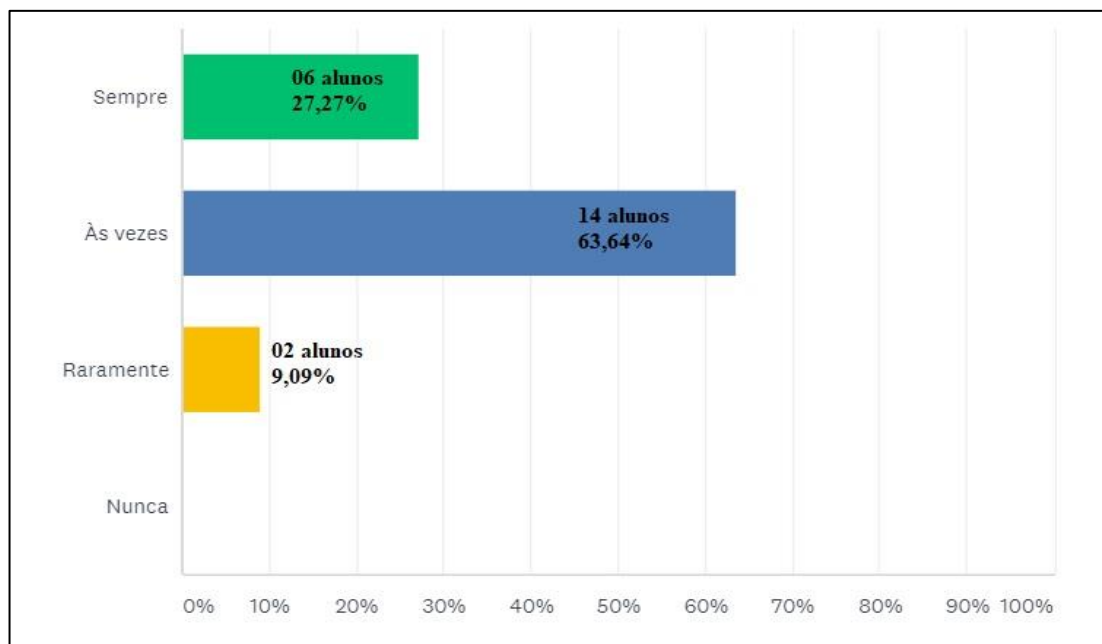
A12 – Toda a tecnologia atrai a minha atenção (Categoria: uso de tecnologias).

A22 – Projetos, trabalhos e oficinas (Categoria: metodologias ativas).

É possível, assim, perceber que os alunos conseguem refletir melhor sobre os conteúdos propostos quando o agente educativo utiliza metodologias e recursos que abram espaço para o diálogo sobre o que lhe foi apresentado, além de visualizar esse conteúdo por meio de materiais e tecnologias, bem como quando ele mesmo se torna o protagonista de seu processo de aprendizagem (metodologias ativas).

Esse resultado corrobora a fala de Freire (1967, p. 106), quando este cita que, no modelo educativo voltado para a criticidade, é indispensável tentar ferramentas que fossem capazes de colaborar com ele na indispensável organização reflexiva de seu pensamento. “Educação que lhe pusesse à disposição meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica”.

Gráfico 2: Frequência com que são estimulados a buscar conhecimento



Fonte: Elaborado pela própria autora

Quanto à frequência com que os alunos se sentem estimulados a buscar o conhecimento por conta própria, o gráfico 2 mostra que 23,27% dos alunos acham que estão sempre sendo motivados à realizarem suas próprias pesquisas, 63,64% acham que esse estímulo ocorre às vezes, 9,09% acreditam que raramente acontece e nenhum respondeu que ele não acontece. Sendo assim, entende-se que os estudantes possuem esse estímulo, apesar de não ocorrer sempre.

Complementando a questão anterior, os respondentes foram indagados sobre, quando há esse estímulo por pesquisar mais sobre o conteúdo apresentado, como ele vem a ocorrer. Sendo essa pergunta realizada no formato aberto, as respostas dos estudantes foram categorizadas em “por meio de atividades pedagógicas”, sendo que 13 respostas entraram nesta categoria, e “por iniciativa própria ou da família”, em que 07 respostas foram assim classificadas, e dois alunos não responderam.

Observa-se, dessa forma, que a escola é o ambiente que mais estimula os alunos buscarem mais informações e conhecimentos sobre o conteúdo curricular, e que essa motivação ocorre quando os discentes participam ativamente de atividades, como eventos da instituição e trabalhos solicitados pelos professores, ou mesmo na promoção de debates em sala de aula, como ocorreu nos seguintes exemplos:

A4 – Pelos professores, que pedem várias pesquisas sobre o assunto.

A8 – Os professores pedem trabalhos e relatórios para estimular o conhecimento, nos instigando a procurar mais sobre o assunto.

A12 – Com eventos do IFS.

A14 – Professores deixam perguntas para nós pesquisarmos e tentar entender antes de debater sobre.

Esse desenvolvimento capacidade reflexiva é, para Freire (1987) o ponto de partida para uma formação crítica a respeito do que é informado e, conseqüentemente, para uma formação verdadeiramente libertadora. Além disso, o autor aponta, tal como foi validado pelos sujeitos dessa pesquisa, que a prática problematizadora, buscando a participação ativa dos estudantes, instigam o estímulo à busca dos conhecimentos, o protagonismo e a reflexão sobre os assuntos abordados.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização do processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 1987, p.38)

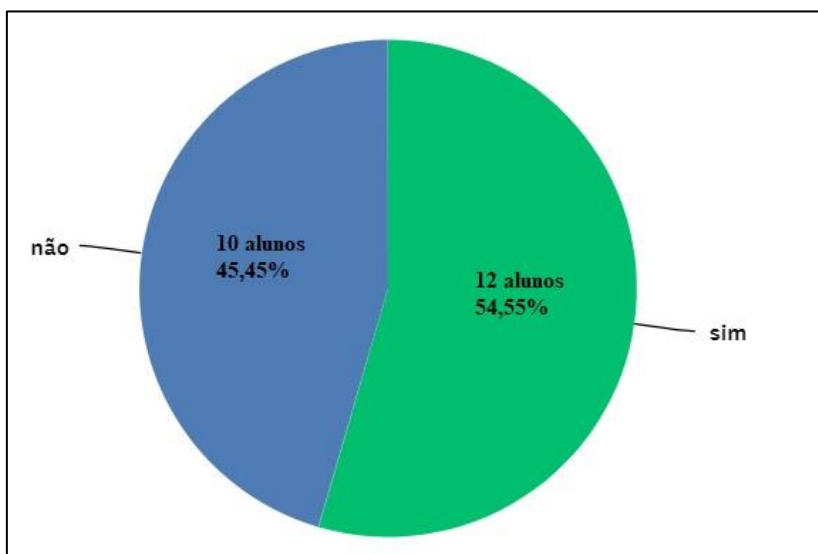
Por outro lado, apenas 27,27% dos sujeitos da pesquisa relataram que sempre são estimulados a buscar conhecimento, enquanto a maioria (63,64%) cita que esse estímulo só ocorre às vezes, e outros 9,09% entendem que não ocorrem. Do ponto de vista da promoção de uma aprendizagem crítica e dialógica, a participação ativa por parte dos estudantes na busca do conhecimento deve ser uma constante, não uma prática esporádica. Dessa maneira, iniciativas que promovam a motivação pela autonomia no processo de aprendizagem devem fazer parte do projeto pedagógico como um todo, seja por meio das atividades dentro do programa de cada disciplina ou mesmo por atividades para construção curricular, com projetos de capacitação como a ferramenta apresentada nessa pesquisa.

Entendendo que o relacionamento com as informações sobre o mundo que o cerca e, por tanto, com as comunicações de massa e com a imprensa é um fator crucial para uma educação libertadora sobre o mundo que cerca o cidadão, buscou-se, em um terceiro momento do questionário, entender o relacionamento desses estudantes com as mídias.

5.3 Relação com as mídias

Por sua vez, a 'Parte III' do questionário tratou do relacionamento dos sujeitos da pesquisa com os meios de comunicação e com notícias. Quando questionados sobre se eles se consideram bem informados sobre o que acontece no mundo, no país, na sua região e na sua escola, 54,55% disseram que se consideram bem informados e os outros 45,45% dos alunos que não se consideram.

Gráfico 3: Se consideram bem informados



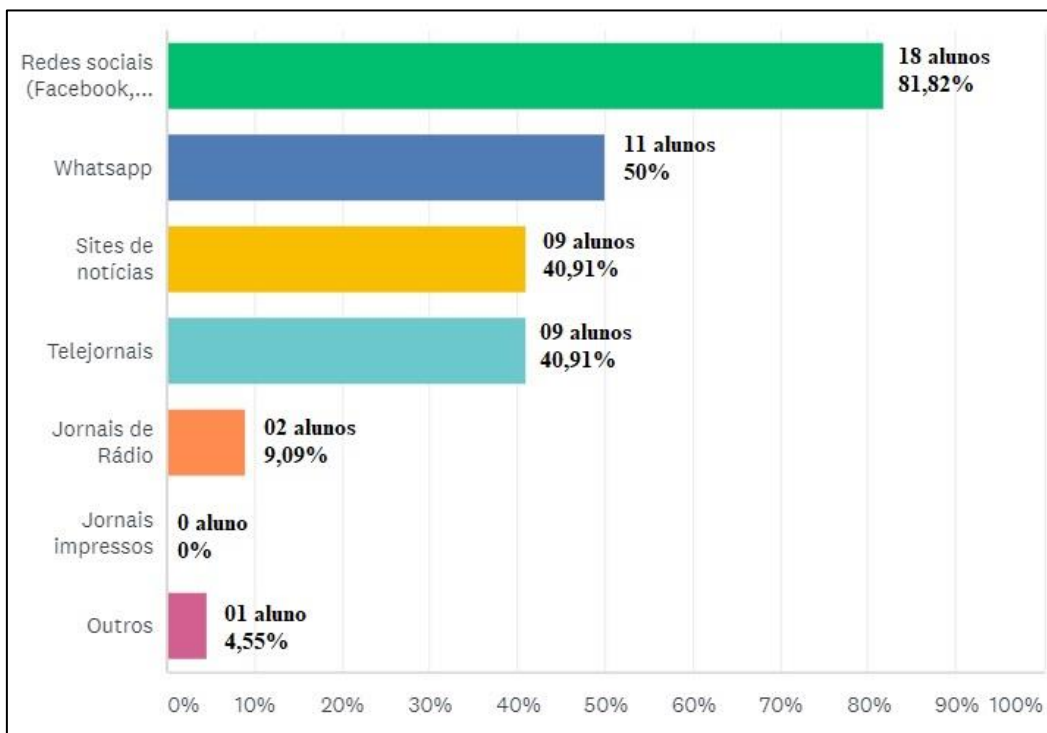
Fonte: elaborada pela própria autora

Sendo assim, é possível perceber que quase metade dos alunos não possuem o interesse de buscar ou receber notícias ou informações sobre o que acontece em sociedade. Trata-se de uma descoberta importante e que também preocupante quando entende o sujeito que procura estar informado – por meio de instituições com credibilidade, tais como os órgãos institucionais e as organizações jornalísticas – é menos suscetível a manipulações.

Tendo em vista que Fonseca (2018) ressalta o papel da promoção à informação na construção de sujeitos críticos desde o ambiente escolar, percebe-se, dessa forma, a necessidade de mostrar o papel da imprensa e das mídias, como funciona o trabalho jornalístico, seus princípios e objetivos. A autora ressalta ainda a importância de se trabalhar a comunicação midiática na escola para uma formação crítica e dialógica em relação às temáticas do que acontece no país e no mundo, bem como para promover entre os educandos uma crítica em relação à própria mídia.

Por outro lado, para entender os meios utilizados pelos sujeitos de pesquisa para se manterem informados, foi colocada uma questão de múltipla escolha com possibilidade de o aluno marcar mais de uma resposta. O resultado está relatado no gráfico 4.

Gráfico 4: Meios utilizados para se manterem informados



Fonte: Elaborado pela própria autora

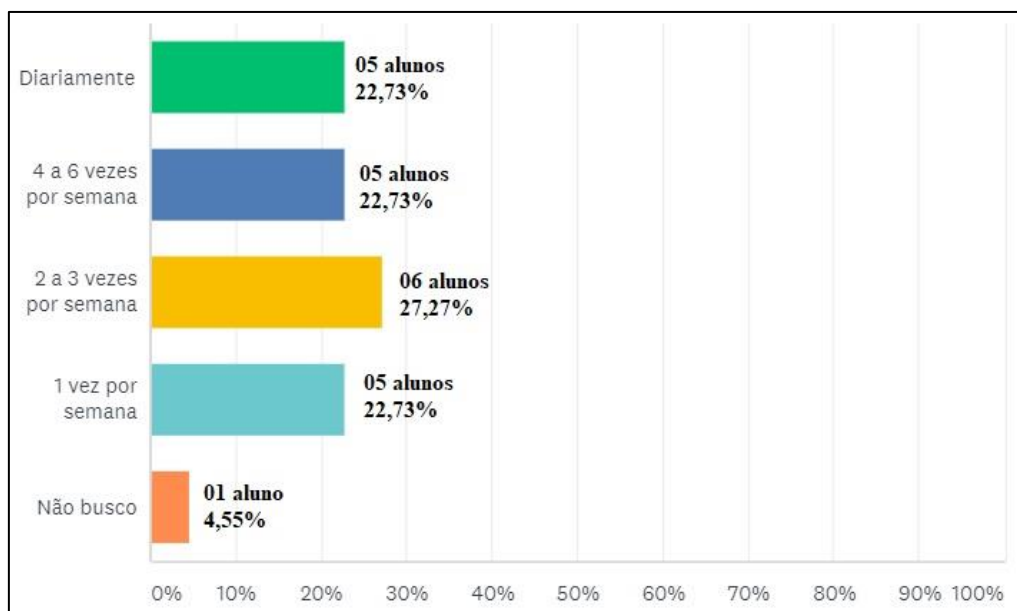
Ou seja, além de não apresentarem interesse em realizar uma busca ativa de informações com credibilidade (como foi indicado na questão anterior e demonstrado no Gráfico 3), a maioria absoluta dos sujeitos investigados mantêm-se informados através de produtos midiáticos que não apresentam qualquer controle quanto à veracidade dos fatos ali apresentados, ou mesmo de checagem das informações. Percebeu-se, assim, que 81,82% dos estudantes entrevistados (18 sujeitos de um total de 22) utilizam as redes sociais (tais como Facebook, Instagram, Twiter e outros) como forma de obter notícias.

Desses 18 estudantes, cinco (05) utilizam a ferramenta como única fonte de informação. Percebe-se dessa forma que uma grande parte da turma recorre em um meio de comunicação não confiável (pois na maior parte das vezes não se tem uma fonte confiável ou não se sabe de onde se originou a informação) para obterem os conteúdos noticiosos que servirão de base para suas opiniões sobre os fatos.

Sabendo que as mídias sociais utilizam de algoritmos para filtrar conteúdo a serem disponibilizados para seus usuários de acordo com suas preferências (essas sendo entendidas através das “curtidas” e outras formas de engajamento), como ressalta Branco (2017), trata-se de um cenário preocupante do ponto de vista de desenvolvimento crítico em relação às informações que são consumidas por eles. Isso porque, ao somente lhe ser direcionado o material que o indivíduo já possui preferência, não há diversidade de vozes (opiniões e versões), gerando o que Branco (2017) definiu como bolha dentro dessas redes, que intensifica conteúdos com mesma ideologia buscada pelo usuário e ignora os demais conteúdos. Não raramente essa bolha é invadida por informações fabricadas, falsas, e disfarçadas de conteúdo noticioso, dificultado ao leitor menos crítico uma distinção entre o que é real e o que é *fake new*.

Quando questionados sobre frequência com que buscam informações noticiosas, os alunos demonstraram que há interesse em procurar regularmente por notícias.

Gráfico 5: Frequência com que busca material noticioso



Fonte: elaborada pela própria autora.

Dessa forma, nota-se que a maior parte dos sujeitos desse estudo buscam manterem-se informados ao menos uma vez na semana, sendo que apenas um estudante declarou que não realiza essa pesquisa por notícias, como ilustrado no

gráfico 5. Assim, entende-se que o interesse por parte desses alunos de observarem o material noticioso, ainda que com mais ou menos frequência e apesar de utilizarem como meio principal de informação uma fonte não confiável como as redes sociais (como visto no gráfico 4).

Outro aspecto indagado na pesquisa foi se os alunos tinham o hábito de checar a veracidade do material que recebem por meio das mídias sociais e pelo aplicativo de mensagens Whatsapp. Os dados foram expressos na tabela 3.

Tabela 3: Se verifica as informações que recebe pelas redes sociais e por Whatsapp

Sexo	Percentual	Unidades
Verifica	72,73%	16
Não verifica	27,27%	06
Total	100%	22

Fonte: elaborada pela própria autora

Aos que responderam que verificam as informações que recebem via aplicativo de mensagens, foi solicitado que apontassem, em resposta aberta, a forma como essa checagem é realizada. Assim, cinco (05) alunos apresentaram respostas que puderam ser classificadas como “por meio de redes sociais e pela internet”, sendo a rede de internet aqui apresentada de forma abrangente, como pesquisas em sites de busca e outros sites não necessariamente noticiosos. Já as respostas de seis (06) estudantes foram classificadas como “Por meio de veículos de imprensa”, ocasiões em que citaram telejornais, sites de notícias e termos que remetem à atividade jornalística profissional.

Duas respostas puderam ser classificadas como “através de debates”, em que foram incluídas citações com o termo “debates” e “discussões”. Por sua vez, outras duas respostas não puderam entrar na classificação porque ficaram sem definição (a resposta do aluno 05 foi “pesquiso em vários lugares” e a do aluno 13 foi “pesquiso em diferentes mídias”). E dois alunos não responderam.

Eis alguns exemplos de respostas categorizadas como “por meio de redes sociais e da internet”:

A03 – Eu procuro no Google e às vezes aparece no Instagram avisando.

A08 – Pesquisando em vários sites.

A18 – Se for muito difícil de acreditar ou muito escandaloso, procuro no Google.

E abaixo estão algumas das respostas classificadas como “Por meio de veículos de imprensa”:

A04 – Vendo se passa no jornal da televisão ou procurando matérias na internet.

A09 – Pesquisando em sites de notícias.

A17 – Indo atrás de fontes confiáveis que confirmam se a notícia é verdadeira ou fake.

Ou seja, em um grupo de 22 alunos, apenas seis deles buscam notícias de veículos de imprensa profissional para verificar se as informações que chegam até eles são verdadeiras. Por outro lado, quando indagados sobre, na análise deles, qual seria o papel da imprensa e do jornalismo numa sociedade democrática, todos os alunos que responderam a questão (apenas um não respondeu) apresentaram alguma noção sobre a atividade jornalística profissional, seja citando indiretamente ou diretamente a função social da atividade (de informar) ou mesmo citando alguns dos princípios do jornalismo, como veracidade, imparcialidade e objetividade.

Foram categorizadas em “função social de informar” todas as 19 respostas que continham o termo “informar” ou sinônimos, como “mostrar informações”, “levar informações” ou mesmo que tinham um significado semelhante a esse termo, como nos exemplos abaixo:

A03 – Nos manter informados sobre política, economia e saúde.

A05 – Passar todas as informações relevantes para que a sociedade esteja ciente de tudo.

A08 – Informar sobre o que está acontecendo no mundo e em sua localidade específica.

A13 – Mostrar a realidade.

A16 – Demonstrar os fatos que aconteceram realmente.

A18 – Informar a população sobre os principais acontecimentos, não escondendo ou manipulando o que é exibido.

A21 – Apresentar notícias, fazendo com que a população desenvolva um olhar mais crítico em alguns assuntos.

E outros dois alunos desenvolveram respostas relacionadas à categoria “princípios do jornalismo”. Foram eles:

A01 – Garantir veracidade e imparcialidade dos fatos.

A22 – Transmitir apenas notícias verdadeiras e imparciais.

Pode-se considerar que, ainda que intuitivamente, os sujeitos da pesquisa entendem qual é o papel da imprensa, bem como percebem a importância do acesso à informação por parte da sociedade. Já em relação às *fake news*, foi perguntado sobre o que o aluno entende sobre o termo. E o resultado é que a maioria absoluta da turma (20 estudantes) entende se tratar de notícias fabricadas (falsas). Por sua vez, um aluno não respondeu e outro entende que “é uma informação na qual pode até ser verdadeira pelo fato de uma pessoa informar algo que não tenha certeza e provas” (A19).

Das 20 respostas que disseram considerar o termo ‘fake news’ como notícias falsas, 10 responderam de forma simples, sem se aprofundar em seu argumento. Eis alguns exemplos:

A08 – São notícias falsas.

A10 – Notícias falsas.

A15 – É uma notícia falsa, inverdade.

Os outros 10 alunos desenvolveram mais suas respostas, considerando alguns aspectos das *fake news*. Observando essas descrições, as respostas mais elaboradas classificadas quanto aos objetivos, às consequências, como acontecem e quem faz as notícias falsas. Quanto ao objetivo, dois alunos entendem que as *fake news* são feitas para prejudicar alguém e um aluno acredita que são elaboradas para influenciar opiniões.

Três alunos apontaram como consequência desse fenômeno o fato da sociedade perder o seu direito de acesso à informação quando recebem e acreditam em notícias falsas. Já outros dois estudantes destacaram o compartilhamento dessas *fake news* como parte importante de sua reprodução. E quando a quem faz, um aluno

citou serem “pessoas sem entendimento”, e outro citou “sites não confiáveis”, como está ilustrado no quadro abaixo.

Quadro 1: Classificação de respostas sobre entendimento quanto às fake news

CLASSIFICAÇÃO DAS RESPOSTAS SOBRE “O QUE VOCÊ ENTENDE POR FAKE NEWS?”					
Não responderam	01				
Responderam que poderia ser notícia verdadeira	01	Exemplo de resposta: - “É uma informação na qual pode até ser verdadeira pelo fato de uma pessoa informar algo que não tenha certeza e provas” (A 19)			
Responderam que são notícias falsas (ou termos semelhantes)	20	Apenas traduziram o termo para o Português	10		
		Desenvolveram mais suas respostas	10	Quanto aos objetivos:	Dois (02) acreditam que para prejudicar alguém; e um (01) que são feitas para influenciar opiniões.
				Quanto às consequências:	Três (03) entendem que elas prejudicam de acesso à informação por parte da sociedade.
				Quanto a como ocorrem:	Dois (02) falaram sobre o compartilhamento como parte do processo das fake news.
				Quanto a quem faz:	Um (01) acredita que são feitas por pessoas sem conhecimento, e um (01) por ‘sites não confiáveis’.

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Quadro 2: Categorização das respostas sobre características das fake news.

EXEMPLOS DOS QUE USARAM CARACTERÍSTICAS DAS FAKE NEWS EM SUAS RESPOSTAS	
Categoria	Exemplos de respostas
Quanto aos objetivos:	“Notícias falsas propagadas por pessoas, a fim de prejudicar alguém” (A1)
	“É a divulgação de notícias que não são verdadeiras para influenciar os destinatários” (A17).
Quanto às consequências:	“São notícias falsas que prejudicam, trazem mais desinformação” (A3).
Quanto a como ocorrem:	“Notícias falsas espalhadas por terceiros” (A5)
Quanto a quem faz:	“São notícias falsas, que geralmente vêm de sites não confiáveis e imagens falsas para atingir determinado público” (A7).
	- “São notícias falsas criadas por pessoas sem o entendimento do assunto” (A11).

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Por fim, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa o que, na análise deles, seriam as principais consequências das *fake news* para a sociedade. Apenas um aluno não respondeu, e todos os respondentes entenderam que os resultados da elaboração e do compartilhamento das informações falsas são ruins para a coletividade, sendo que as respostas puderam ser divididas entre duas categorias. A primeira foi denominada “falta de acesso à informação”, e diz respeito às repostas que citam uma atitude passiva da sociedade em acreditar nas notícias construídas. Ao todo, 11 respostas foram incluídas nessa categoria, sendo algumas delas:

A01 – Com tantas fake News, todas as notícias, mesmo verdadeiras, acabam sendo duvidosas para a sociedade.

A05 – As pessoas ficam acreditando no errado e quando veem o certo ficam confusas.

A12 – Uma sociedade má informada.

A17 – Uma influência que pode levar a sociedade à desinformação.

Já as outras 10 respostas foram classificadas na categoria de análise “alienação”, pois fazem referência a uma relação ativa da sociedade em relação às fake news, seja influenciando os seres sociais em suas atitudes ou mesmo influenciando seus pensamentos e opiniões a respeito de determinados assuntos. Exemplos dessa categoria:

A07 – Desinformação e alienação para o que realmente está acontecendo.

A13 – Estímulo para ações erradas.

A20 – Polêmicas e discussões.

Percebe-se, portanto, que os sujeitos da pesquisa entendem ao menos o significado traduzido do termo “*fake news*”, restando entender que obtiveram contato com a terminologia em algum momento de suas vidas, seja por meio dos debates que pairam atualmente nos meios políticos e sociais, ou mesmo no próprio ambiente escolar. Para além da tradução literal, os estudantes são capazes de refletir sobre as consequências desse fenômeno para a sociedade, seja do ponto de vista passivo (deixar de se informar) ou mesmo influenciando as pessoas em suas ações, de forma ativa (alienação).

6 PRODUTO EDUCACIONAL

Ao reconhecer os mestrados profissionais no âmbito das pós-graduações stricto sensu, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio da portaria nº 80, de 16 de dezembro de 1998, considerou a necessidade da formação de profissionais pós-graduados aptos a elaborar novas técnicas e processos. Sendo assim, entre as exigências para a conclusão deste tipo de curso, está a:

(...) apresentação de trabalho final que demonstre domínio do objeto de estudo, sob a forma de dissertação, projeto, análise de casos, performance, produção artística, desenvolvimento de instrumentos, equipamentos, protótipos, entre outras, de acordo com a natureza da área e os fins do curso) e capacidade de expressar-se lucidamente sobre ele. (BRASIL, 1998, art. 2º)

Cumprindo tal requisito, o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) estabelece, no regulamento de seu Mestrado Profissional, a exigência de elaboração, aplicação e validação de produtos educacionais para a obtenção do título de mestre em educação. Ressalta-se que os produtos educacionais são instrumentos desenvolvidos a partir de pesquisas acadêmicas desenvolvidas com a finalidade de serem utilizados por educadores ou mesmo por educandos nos ambientes formais e informais de ensino.

Por sua vez, a Capes (2017) considera, para fins de classificação de produção técnica na área de Ensino, como produtos educacionais os materiais desenvolvidos como: mídias educacionais; protótipos educacionais e materiais para atividades experimentais; propostas de ensino; material textual; materiais interativos; atividades de extensão e desenvolvimento de aplicativos.

Partindo dessas premissas, o produto educacional desenvolvido e aplicado nesta pesquisa partiu de revisão bibliográfica e de um estudo de caso com vistas à construção de um instrumento com objetivo de auxiliar professores de Língua Portuguesa e profissionais de Comunicação Social na formação crítica de cidadãos, especialmente em sua relação com as mídias. E diante das categorias de produtos educacionais para a área de Ensino, entende-se que a proposta ora apresentada se trata de uma atividade experimental.

Para a difusão desse produto e, por tanto, para possibilitar a aplicação do mesmo em outros ambientes de ensino, se construiu um guia pedagógico a ser publicado no formato de um livreto pela Editoria do Instituto Federal de Sergipe (IFS). Denominado ***Eu, jornalista: guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo***, o material apresenta o planejamento e o conteúdo básico a respeito dos princípios e práticas da Comunicação Social e, de forma específica, do Jornalismo para orientar a aplicação de um curso de capacitação quer seja do ambiente formal da sala de aula ou mesmo em um espaço não formal de ensino.

Ressalta-se que o objetivo desta capacitação não é formar os alunos envolvidos (seja na aplicação experimental descrita neste trabalho ou em futuras abordagens dele) como profissionais de Jornalismo. Mas aponta na direção de abordar a temática da Comunicação e da atividade de imprensa com foco na construção de uma habilidade crítica no consumo de notícias, com responsabilidade no compartilhamento delas, e protagonistas do ato comunicativo.

6.1 Sequência didática: elaboração e aplicação

Pensada para guiar a aplicação do minicurso, a sequência didática foi elaborada de forma a conduzir o roteiro formativo partindo do conhecimento mais amplo de comunicação, passando pelo conceito e aplicações da Comunicação Social e, a seguir, focando nos princípios e práticas do Jornalismo – a especialidade da Comunicação Social que se compromete com o fornecimento de informações para a sociedade pautado em princípios como veracidade e imparcialidade, por exemplo. Como o ponto de partida desse estudo é contribuir para a formação crítica e dialógica, cada etapa da sequência orienta o aplicador a estimular a participação ativa dos alunos, em atividades práticas e debates.

Tanto o conteúdo que aborda a conceituação e os princípios como também as orientações a respeito da prática jornalística foram construídas com base em bibliografia que apontam diretrizes da área, seja em referencial teórico acadêmico como em manuais práticos. São exemplos: Juarez Bahia (2009), Erbolato (2006) e o Manual da Folha de São Paulo (2018). Tendo em vista que o material pode ser lido e aplicado também por profissionais que não são formados em Jornalismo (como professores de Língua Portuguesa), preocupou-se em utilizar uma linguagem

acessível, explicando termos técnicos mais necessários e usados, e orientando sobre as etapas de maneira didática.

Assim, a divisão da sequência didática ocorreu da seguinte forma:

Figura 6: Sequência didática



Fonte: elaborado pela própria autora

Como citado da seção 4 (Percurso Metodológico), a aplicação experimental do minicurso estava prevista para ocorrer no formato presencial, em março de 2020, com a turma do segundo ano do ensino médio integrado com o técnico em Eletrônica. E ocorreram duas aulas do minicurso conforme o planejamento. No entanto, diante do fato da Organização Mundial de Saúde ter declarado o estado de Pandemia de Covid-19⁷, as aulas presenciais foram suspensas e, com elas, a execução do minicurso.

Sendo assim, optou-se por aplicar o produto educacional, para fins de continuação da pesquisa, por meio de videoconferência e com utilização da plataforma gratuita Google Meet. Essa plataforma foi escolhida porque todos os alunos da instituição já possuem acesso às ferramentas do Google devido à parceria do IFS com a empresa, para disponibilização da ferramenta Google Sala de Aula. Optou-se também por realizar o minicurso de forma a partir do início e com a participação voluntária dos alunos, tendo em vista que eles precisariam ter em casa um dispositivo eletrônico (celular, tablet ou computador) com acesso à internet, e disponibilidade de espaço e tempo para participar.

No **primeiro encontro**, dez discentes participaram do minicurso, e foi quando aplicadora do minicurso (esta pesquisadora) se apresentou, falou sobre sua relação com a comunicação, o jornalismo profissional, e com a educação. Explicou sobre a proposta do minicurso e do vínculo dele enquanto produto educacional para pesquisa de mestrado. Logo depois foi aberta a palavra para os alunos se apresentarem e exporem seu relacionamento com as fontes de informação. E foi aí que a maioria expôs de forma aberta que utiliza as redes sociais e o aplicativo de mensagens o Whatsapp para receber notícias de terceiros. Também foi informado no momento de debate inicial que eles raramente fazem a verificação do material que recebem, e que muitas vezes compartilham.

A seguir, os alunos foram convidados a conhecer de forma detalhada como funcionam os processos de comunicação, o que é e quais são as atuações da Comunicação Social e, mais especificamente, a função do Jornalismo. E, assim, deu-se início à apresentação prevista para o primeiro encontro, com apoio de material no

⁷ Em 11 de março de 2020. A partir de então, Estados e municípios brasileiros, tais como o Estado de Sergipe e o município de Aracaju, decretaram quarentena obrigatória para serviços considerados não essenciais e que causassem aglomeração, como as atividades escolares.

modelo Power Point, com explicações acerca de cada ponto da Introdução à Comunicação Social, debates sobre seu papel e sobre assuntos de interesse público.

Por sua vez, o **segundo encontro**, que contou com a participação de 11 discentes, iniciou com um debate sobre o contato dos alunos com o jornalismo profissional: se eles acompanham notícias em algum tipo de veículo (jornais, revistas, telejornais ou radiojornais). Foi relatado que muitos acompanhavam apenas trechos de telejornais ou radiojornais quando algum parente está assistindo ou ouvindo, ou mesmo ao se preparar em casa para sair para a aula.

Na sequência, abordou-se a temática prevista para o encontro: Introdução ao Jornalismo, novamente com o apoio dos tópicos para apresentação elaborados previamente, provocações para discussão a respeito de temáticas como direito a informação, liberdade de expressão, como identificar uma fake new e sobre os princípios do jornalismo.

Por fim, no **terceiro encontro**, os discentes (11 deles participaram desse momento) aprenderam sobre técnicas de reportagem e redação jornalísticas. Sendo assim, aprenderam e perguntaram sobre detalhes técnicos da área, desde ferramentas utilizadas na profissão para realização de entrevistas, como conduzir esse momento e as especificidades de cada formato de veículo (impresso, rádio, televisão). Como atividade final, foi proposto aos estudantes a elaboração de uma proposta editorial para um veículo jornalístico com conteúdo elaborado por eles mesmos.

Todos os detalhes técnicos (nome da publicação, editorias, distribuição de tarefas) foi decidido pelos próprios discentes. Nesse caso pesquisadora e aplicadora do minicurso agiu na mediação das escolhas, realizando a orientação técnica e instigando a participação deles, organizando as ideias que eram propostas e colocando em votação essas propostas para a decisão de itens importantes para a proposta editorial. E o resultado deste trabalho está na figura 7, que segue abaixo.

Figura 7: Proposta editorial do jornal estudantil



Fonte: elaborado pela própria autora.

Posteriormente, os sujeitos da pesquisa foram convidados a elaborar as pautas, como sugestões das matérias que iriam ao ar quando o site de notícias planejado por eles (Ampère) fosse publicado. Nesse momento, os participantes expuseram ideias de prováveis textos que poderiam ser de interesse de outros colegas de curso e/ou classe, seus professores, de alunos e professores de outros cursos, além de diversos outros membros da comunidade acadêmica e da sociedade em geral. E as pautas sugeridas estão descritas no quadro 3.

Quadro 3: Pautas elaboradas pelos sujeitos da pesquisa

PAUTAS PARA A PUBLICAÇÃO DO SITE	
Pauta da editoria de Ensino	Integração entre a disciplina de Física e o curso de Eletrônica
Descrição: Buscar a correlação entre saberes da física e conhecimentos do curso de Eletrônica. Mostrar essa integração de forma didática e prática. Encaminhamento: Falar com professor Adriano, do curso de Eletrônica, para mostrar exemplos da área de Eletrônica que utiliza a física para serem realizados. Entrevistados: Professor Adriano	
Pauta da editoria Pesquisa	Descrever alguma pesquisa em andamento
Descrição: Escolher uma pesquisa em andamento no curso para mostrar seus objetivos, importância e o que já há de resultados. Encaminhamento: Buscar a Coordenação do curso para saber quais são as pesquisas que estão em andamento. Quando escolher a pesquisa que será abordada, entrevistar o pesquisador e outro envolvido. Entrevistados: Coordenação do curso. Coordenador da pesquisa que for escolhida. Documentos: Possível projeto de pesquisa.	
Pauta da editoria Inovação	Checagem de notícia sobre computador de R\$ 22
Descrição: Saiu uma matéria no site de notícias G1 sobre a invenção de um computador de R\$ 22. Os alunos de Eletrônica do IFS tentaram reproduzir, mas não conseguiram chegar a um protótipo com esse preço. Fazer uma matéria mostrando como pode ter sido. Encaminhamento: Buscar o professor responsável pela invenção (é de outro estado, então buscar pelas redes sociais ou em contato com o site G1). Ver com o prof. Edson (curso Eletrônica do IFS) quais seriam as possibilidades. Mostrar o passo a passo. Entrevistados: Inventor do computador; Professor Edson (IFS)	

Pauta da editoria Mercado	Descrever a área de Telecomunicações
Descrição: Telecomunicações é uma das possíveis áreas de atuação de um profissional técnico em Eletrônica. Fazer uma matéria mostrando o que se faz nesse mercado, onde pode atuar, carreira, quais são as exigências além do curso técnico e outras informações. Encaminhamento: Buscar um técnico em Eletrônica do mercado para que ele fale com tem sido a carreira dele, o que ele faz. A sugestão é um que trabalhe na TV Sergipe. Falar também com um empregador para falar sobre as exigências do mercado, pode ser a chefia que contrata os técnicos da TV Sergipe. Entrevistados: Técnico em Eletrônica da TV Sergipe; Chefia do setor técnico da TV Sergipe.	

Fonte: Elaborado pela própria autora

Tendo em vista que a necessidade de isolamento social não permitia a realização de algumas atividades práticas como entrevistas presenciais a terceiros, edição monitorada presencialmente de textos e outras, entendeu-se seria mais profícuo aguardar a liberação das aulas presenciais do IFS **para realizar o quarto e o quinto encontros**, que tratam da produção das matérias, fotografias e ilustrações da primeira edição da publicação planejada pelo grupo.

6.2 O guia pedagógico

Para além de se mostrar válido e atingir os objetivos de mudança de ação necessários, entende-se que o produto educacional não deve ser encerrado no ato da aplicação junto a um grupo específico. Após a sua devida avaliação e validação junto à banca de defesa do mestrado, a proposta é que essa ferramenta esteja disponível para que mais instituições, discentes, docentes e até a sociedade em geral possa utilizá-la ao repensar suas práticas.

Nesse sentido, por uma educação dialógica e crítica pautada na formação midiática, elaborou-se o ***Eu, jornalista: guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo*** a ser publicado no formato de livro. Ele tem, como falado anteriormente, os professores de Língua Portuguesa e profissionais de Comunicação como público alvo, servindo-lhes como um roteiro para aplicar uma capacitação básica em jornalismo para os mais diversos públicos, seja no ambiente formal ou informal de ensino.

Como foca nos mediadores do minicurso, o guia, além do conteúdo da sequência didática, aborda temáticas introdutivas e reflexivas quanto à temática da educação midiática. Além das explicações sobre as condições de produção do guia constantes na apresentação, o tópico “Por que educar para as mídias” explica de forma resumida os objetivos do minicurso, bem realiza uma apresentação teórica em síntese.

Na sequência, o tópico ‘Orientações para aplicação’ aborda sugestões de ambientes, materiais, formas e até como se preparar para a realização do minicurso. O objetivo desta parte, como descrito no guia pedagógico, foi facilitar a aplicação, orientando quanto aos diversos fatores que a capacitação aborda, bem como fornecendo – inclusive – uma sugestão de apresentação no formato Power Point. Como também foi colocado no instrumento, tratam-se de tópicos sugestivos, restando ao profissional que irá aplicar o minicurso realizar as devidas adaptações ao público e às condições que lhes serão apresentadas.

Após os tópicos com o conteúdo da sequência didática em si (figura 06 deste trabalho), há o tópico ‘Construindo um jornal educativo’ com as etapas para a elaboração de um projeto editorial de uma mídia estudantil, como a escolha da linha editorial, nome, formato, periodicidade, editorias e as pautas da primeira edição. Por fim, o tópico ‘Encerramento’ conduz o leitor a como realizar a análise e a avaliação do minicurso junto aos sujeitos envolvidos.

6.3 Análise da avaliação do curso

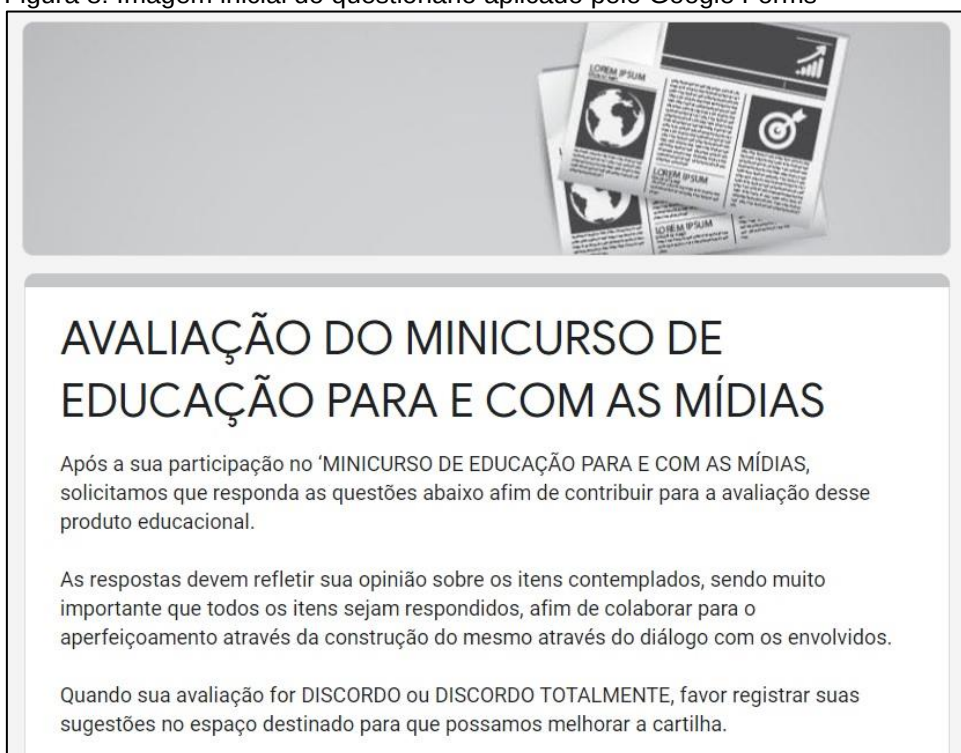
Com a finalidade de investigar se o *Minicurso de educação crítica através do jornalismo* atingiu os objetivos esperados no âmbito da aplicação experimental, foi aplicado o questionário de avaliação (ver Apêndice B) junto aos sujeitos da pesquisa. Para tanto, a construção do questionário possibilitou uma avaliação quanto ao conteúdo e à aprendizagem do minicurso, por meio da escala tipo Likert – analisada pelo percentual de concordância (%) -, e responderam uma questão aberta sobre os aspectos que lhes foram mais úteis e valiosos.

Para a construção dos itens a serem avaliados, primeiramente foram criadas frases com conteúdo sobre aspectos do curso que fossem relevantes para uma aprovação ou mesmo para uma reformulação da capacitação. Ao todo, foram 13 itens

avaliativos, sendo seis relacionados ao conteúdo e sete à aprendizagem do minicurso. Numa escala de 1 a 4 (sendo 1 representando 'discordo completamente' e 4 representando 'concordo completamente', os discentes poderiam assinalar a opção que mais representasse a sua avaliação em relação ao curso.

Quanto ao procedimento de aplicação, o questionário foi disponibilizado aos alunos participantes do minicurso por meio da ferramenta *Google Forms* logo após o último encontro. Como forma de preservar o caráter anônimo das respostas, o formulário foi configurado de forma livre (sem a exigência de login ou senha para responde-lo, ou de qualquer outro tipo de identificação) e, ao todo, foram computadas nove (09) respostas.

Figura 8: Imagem inicial do questionário aplicado pelo Google Forms



The image shows the initial screen of a Google Forms questionnaire. At the top, there is a header image featuring a stack of papers with various icons like a globe, a target, and a bar chart. Below this, the title of the questionnaire is displayed in large, bold, uppercase letters: "AVALIAÇÃO DO MINICURSO DE EDUCAÇÃO PARA E COM AS MÍDIAS". Under the title, there is a paragraph of text explaining the purpose of the survey: "Após a sua participação no 'MINICURSO DE EDUCAÇÃO PARA E COM AS MÍDIAS, solicitamos que responda as questões abaixo afim de contribuir para a avaliação desse produto educacional." Another paragraph follows, stating: "As respostas devem refletir sua opinião sobre os itens contemplados, sendo muito importante que todos os itens sejam respondidos, afim de colaborar para o aperfeiçoamento através da construção do mesmo através do diálogo com os envolvidos." A final paragraph at the bottom reads: "Quando sua avaliação for DISCORDO ou DISCORDO TOTALMENTE, favor registrar suas sugestões no espaço destinado para que possamos melhorar a cartilha."

Fonte: Print Scream do questionário feiro pela própria autora.

No tocante ao seu **conteúdo** do minicurso, os estudantes que participaram da aplicação do minicurso avaliaram conforme tabela 4.

Tabela 4: Avaliação do minicurso quanto ao conteúdo

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
O conteúdo me auxiliou a conhecer a comunicação e o jornalismo profissional.	0 aluno	0 alunos	3 alunos	6 alunos
	0%	0%	33,33%	66,7%
Existe lógica na sequência do conteúdo.	0 aluno	0 aluno	5 alunos	4 alunos
	0%	0%	55,6%	44,4%
A apostila do minicurso possui um número de páginas adequada	0 aluno	0 aluno	5 alunos	4 alunos
	0%	0%	55,6%	44,4%
O tempo de apresentação e de debate do minicurso é adequado	0 aluno	0 aluno	5 alunos	4 alunos
	0%	0%	55,6%	44,4%
O conteúdo do minicurso é de fácil entendimento	0 aluno	0 aluno	4 alunos	5 alunos
	0%	0%	44,4%	55,6%
Os elementos visuais (fotos, gráficos e ilustrações) ajudaram a entender o conteúdo	0 aluno	0 aluno	2	7
	0%	0%	22,2%	77,8%

Fonte: elaborada pela própria autora

Diante dos dados apresentados, percebe-se que nenhum integrante da turma marcou “discordo completamente” ou “discordo” em relação às assertivas que contemplam a avaliação do produto educacional no tocante ao conteúdo que lhes foi apresentado. Do ponto de vista do conhecimento apresentado, a maioria (66,7%) considerou que tal capacitação lhes auxiliou a entender melhor o universo da comunicação e do jornalismo profissional.

Na sequência, também foram aprovados com unanimidade – com diferença de penas um respondente entre “concordo” e “concordo completamente” – itens como a sequência lógica do curso (aprovando a sequência didática apresentada); a apostila que lhes foi fornecida (com os itens “Introdução à Comunicação Social”, “Introdução ao Jornalismo” e “Técnicas de Reportagem e Redação Jornalística” do Guia Didático); o tempo de apresentação e se o conteúdo lhes era acessível (avaliando a adequação da linguagem ao perfil do público).

Por fim, item que recebeu a melhor avaliação de todo o curso foi a utilização de elementos visuais (fotografias, gráficos e ilustrações) para a compreensão do conteúdo apresentado. Neste último tópico, 77,8% dos respondentes avaliaram concordar completamente com a afirmação de que esses elementos lhes auxiliaram.

Já a tabela 5 detalha a avaliação do minicurso pelos alunos da turma no que se refere a sua **aprendizagem**.

Tabela 5: Avaliação do minicurso quanto à aprendizagem

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
Passei a entender melhor sobre as funções da comunicação e do jornalismo.	0 aluno	0 alunos	6 alunos	3 alunos
	0%	0%	66,7%	33,3%
Apreendi sobre os princípios e as técnicas do jornalismo.	0 aluno	0 aluno	6 alunos	3 alunos
	0%	0%	66,7%	33,3%
Após a participação no minicurso, sinto-me mais crítico/a em relação às notícias que recebo.	0 aluno	0 aluno	5 alunos	4 alunos
	0%	0%	55,6%	44,4%
Após o minicurso, sinto-me mais motivado a ler, ouvir e assistir jornais e sites jornalísticos.	0 aluno	0 aluno	6 alunos	3 alunos
	0%	0%	66,7%	33,3%
O minicurso aborda assuntos necessários e esclarecedores sobre comunicação e jornalismo	0 aluno	0 aluno	3 alunos	6 alunos
	0%	0%	33,3%	66,7%
Gostaria de dar continuidade à publicação do site de notícias estudantil que planejamos ao final do minicurso (fazer as matérias, publicar o site e ver outros alunos lendo).	0 aluno	2 alunos	3 alunos	4 alunos
	0%	22,22%	33,33%	44,44%
Indicaria o minicurso para outros estudantes	0 aluno	0 aluno	3 alunos	6 alunos
	0%	0%	33,3%	66,7%

Fonte: elaborada pela própria autora

Através dessa manifestação dos sujeitos da pesquisa, nota-se a sensibilização que a ferramenta lhes proporcionou a respeito de uma maior responsabilidade no consumo das mídias e, especificamente, de notícias. Nos dois primeiros itens, os alunos foram unânimes ao apontar para a eficiência do curso na aprendizagem das funções, princípios e técnicas da comunicação e do jornalismo, sendo que 66,7% concordam que “passaram a entender melhor sobre as funções da comunicação e do jornalismo” e que “aprenderam sobre os princípios e as técnicas do jornalismo”, e outros 33,3% concordaram completamente com essas afirmativas.

Os discentes participantes do minicurso também alegaram que se sentem “mais críticos em relação às notícias que recebem” (com 55,6% de concordância e

44,4% de concordância completa) e “mais motivados a ler, ouvir e assistir jornais e sites jornalísticos” (com 66,7% de concordância e 33,3% de concordância completa). Dessa forma, nenhum deles indicou discordar do efeito crítico e motivador da ferramenta na sua relação com os meios de comunicação.

Por sua vez, no tocante à relevância do conteúdo abordado, nota-se o maior grau de concordância completa dos sujeitos envolvidos (66,7%) sobre a afirmativa de que “o minicurso aborda assuntos necessários e esclarecedores sobre comunicação e jornalismo”. Mesmo os 33,3% restantes ainda indicaram concordar com a importância do que foi tratado. Dado esse que sinaliza uma notável compreensão, por parte dos alunos, do que representa ser um cidadão crítico e informado com qualidade.

Por outro lado, dois dos estudantes respondentes do questionário (22,22%) indicaram que não concordariam em participar da última etapa do minicurso, que envolve a elaboração do site de notícias planejado por eles mesmos. Mas os demais, 33,33% e 44,44%, concordaram e concordaram completamente (respectivamente), em continuar o trabalho iniciado, elaborando e postando as matérias no veículo de comunicação para, posteriormente, divulgá-lo junto à comunidade acadêmica e sociedade em geral. Por fim, todos sujeitos da pesquisa apontaram que indicariam o minicurso para outros estudantes, sendo que 66,7% concordaram completamente e 33,3% concordaram com a afirmativa.

A partir dessa análise sistemática da avaliação realizada pelos alunos, foi possível observar que a pesquisa atingiu seu objetivo geral de desenvolver e aplicar uma ferramenta que promova a educação para a comunicação por meio de capacitação em jornalismo com vistas ao fortalecimento de uma educação dialógica e democrática.

Para além dos efeitos específicos percebidos entre os sujeitos envolvidos na aplicação experimental do minicurso, a elaboração do guia pedagógico (em formato de livro) ***Eu, jornalista: guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo*** entrega ao IFS, demais instituições de ensino e sociedade em geral um roteiro informacional que pode – e deve – ser aplicado no âmbito de outras organizações. Com as devidas adaptações a cada realidade, mostrou-se que é

possível conscientizar o indivíduo quanto ao papel, os princípios, as técnicas e os efeitos de veículos verdadeiramente informativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além de se configurar como um conteúdo a mais a se trabalhar em uma sala de aula, a educação para as mídias se faz necessária e urgente no atual contexto de insegurança informativa amplificada pelo cenário cibercultura, sentido exponencialmente por meio da facilidade de fabricação, do compartilhamento e do consumo das *fake news*.

Se, por um lado, a massificação do acesso às TIC possibilita ao seu usuário uma ampla oferta de conhecimento, serviços e até inclusão, por outro uma sociedade não educada para o questionamento e para as armadilhas presentes nesse ambiente, que se tornou o principal palco para debates públicos, entra em contato com conteúdo cujo propósito podem atrapalhar o acesso à informação, bem como o processo democrático e econômico da coletividade.

Entende-se que tal ingenuidade formativa frente às mídias é fruto de um processo pedagógico voltado especificamente para o decorar informações sobre conhecimentos adquiridos, estes repassados pela figura autoritária do professor. Trata-se de um modelo educativo não dialógico, em que os educandos são encarados como depósito de conteúdo e o profissional da educação como um mero repetidor desse material, sem maior abertura para a construção do conhecimento, para a crítica e para a educação mútua entre os envolvidos no processo pedagógico.

Partindo dessa premissa, esse estudo analisou a percepção da turma de segundo ano do ensino técnico integrado em Eletrônica do Campus Aracaju sobre formação crítica e dialógica, e seu relacionamento com as mídias, em especial com conteúdo informativo. Essa investigação se fundamentou em duas linhas teóricas: o desenvolvimento e proposta de união entre as práticas das teorias educacionais acadêmica e social, na construção de práticas pedagógicas pautadas na dialogicidade, no protagonismo estudantil e na formação crítica; e nos estudos sobre a intercessão entre as áreas de comunicação e educação, trazendo sua base filosófica e social, seu histórico e a proposta de educação para as mídias.

Desta feita, utilizando-se dos ferramentais metodológicos, considera-se que os objetivos de ação e de conhecimento desta pesquisa-ação - tal como traçado por Baldissera (2001) - foram atingidos. Sendo considerado, para tanto, objetivo de ação

a capacitação dos sujeitos da pesquisa com foco em uma melhoria de prática que, no caso, foi o desenvolvimento e a aplicação da ação comunicativa e a promoção de um consumo crítico das mídias: o ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo***. Por sua vez, o objetivo de conhecimento foi obtido ao analisar o resultado tanto do questionário prévio à aplicação do produto como do questionário de avaliação da prática.

Por consequência, também foram alcançados os objetivos específicos desta pesquisa, quais sejam: realizar um estudo bibliográfico sobre as teorias educacionais e pedagógicas, sua interseção com a área da comunicação, bem como sobre a educação para as mídias; realizar uma análise situacional no tocante ao grupo de estudantes investigado sobre formação crítica e dialógica no IFS; a elaborar e aplicar uma capacitação direcionada a estes sujeitos sobre comunicação, comunicação social, além de introdução e práticas do jornalismo; desenvolver material para a divulgação da sequência didática estabelecida para a capacitação a fim de se difundir a prática entre instituições, comunidades, docentes e profissionais de comunicação.

Dessa forma, os dados da pesquisa trouxeram como contribuição para a temática da educação para as mídias, especificamente no tocante ao combate às *fake news* e no âmbito de um curso técnico integrado, o entendimento de que a capacitação em comunicação, em foco na atividade jornalística, atua na sensibilização por um olhar crítico do aluno frente à diversidade de informações que recebe constantemente por meio das redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas.

Isso porque, ao conhecer os conceitos, princípios, métodos e técnicas por meio do mi, e até ao atuar no processo comunicativo, os sujeitos da pesquisa perceberam - como está descrito na seção 6, quanto à avaliação do produto educacional - que passaram a entender melhor sobre as funções, os princípios e as técnicas da comunicação e do jornalismo.

Além disso, percebe-se que, em sua integralidade, os alunos participantes se sentiram mais críticos em relação às notícias que chegam até eles (55,6% concordam com a afirmativa e 44,4% concordam completamente, totalizando 100% dos envolvidos). Para além, um ganho considerável em relação à promoção de uma educação midiática, foi a motivação a ler, ouvir e assistir fontes de informação consideradas de maior credibilidade, tais como jornais e sites jornalísticos (66,7%

concordam e 33,3% concordam completamente com a afirmativa, também totalizando 100% dos envolvidos).

Entendendo que os conhecimentos levantados com este estudo devam ser amplamente divulgados, de modo a que mais instituições, profissionais e até mesmo membros da sociedade civil organizada - por meio de comunidades, Organizações Não Governamentais (ONGs) e outros - possam aplicar a sequência didática prevista no minicurso entre suas ações educativas, elaborou-se o livro ***Eu, jornalista: guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo***.

Nele, o gestor escolar ou profissional de educação, ou mesmo de comunicação, pode ter acesso às motivações deste estudo, orientações para a sua aplicação - inclusive com sugestões de adaptações -, acesso ao download da apresentação para apoio durante a prática -, o passo a passo da sequência de didática, o conteúdo relacionado à introdução à comunicação social, ao jornalismo, as técnicas de redação e reportagem, a metodologia para a construção de um jornal educativo e o encerramento da prática, com ferramentais avaliativos e reflexivos.

Ao final, entende-se, por meio deste estudo, que educar para um consumo crítico de mídias, especificamente das notícias, é um processo que não se encerra em uma ação - no caso, um curso. Ao contrário, a capacitação aqui proposta é o pontapé inicial para a formação de sujeitos sociais que entendam o seu papel na sociedade e que estejam sempre dispostos a saber mais e melhor sobre cada fato que lhe é apresentado antes de formar uma opinião e compartilhar entre seus pares. E mais: cidadãos que saibam que podem - e devem - ser protagonistas do ato comunicativo, desde que com responsabilidade e consciência da importância do acesso à informação em um ambiente democrático.

Nessa perspectiva, espera-se que as iniciativas participativas sejam fortalecidas nas instituições dos ambientes formais de ensino, inclusive na EPT, como também nos ambientes informais. Contribuindo, assim, para a formação emancipadora sujeito em seu relacionamento com o ambiente midiático, especialmente em relação às notícias que lhe chegam de forma não profissional, como por meio das redes sociais.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: JZE, 1985.
- BALDISSERA, A. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. In: **Sociedade em Debate**. v. 7, n. 2. Pelotas: 2001. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/570>>. Acessado em: 12 de mai. 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, J. D. A história cultural e a contribuição de Roher Chartier. In: **Revista Diálogos**. n.1, v. 9, p. 125-141, 2005.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERTRAND, Yves. *Teorias contemporâneas da educação*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. **Ministério da Educação / Base Nacional Comum**. Brasília, 2017. 576 p. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília, DF. 30 de dezembro de 2008, p.1.
- BRASIL. Portaria 80/1998 CAPES de 16 de Dezembro de 1998. **Catálogo de Atos Administrativos**. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/avaliacao-n/1892015-Portaria-CAPES-080-1998.pdf>>. Acessado em: 3 de set. 2020.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas** [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2014.
- DELMAZO, C; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. In: **Media & Jornalismo**. n. 32, v. 18, n. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012>. Acessado em: 16 de jul. 2019.
- FONSECA, C. C. Por uma pedagogia da notícia: o conceito de comunicação em Paulo Freire. In: **Mediação**. v. 20, n. 27, jul/dez. Belo Horizonte: 2018. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/6572>>. Acessado em: 03 de abr. 2020.
- FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. A., Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. *In: EccoS Revista Científica.* v. 7, n. 2. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento Pós-metafísico.** Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. **Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos.** Trad. Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Catedra, 2001.

_____. Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social. Trad. Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva** (1950). Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

IFS. Portaria nº 928. **Boletim de Serviços.** Aracaju, 16 de março de 2020. Disponível em: <http://www.ifs.edu.br/images/1Documentos/2020/3-MAR%C3%A7o/0928_-_SUSPENS%C3%83O_DAS_ATIVIDADES_CURRICULARES_-_16.03.2020.pdf> . Acessado em: 13 de jun. 2020.

IFS. **Relatório de Gestão do Exercício de 2019.** Aracaju, Abril de 2020. Disponível em: <http://www.ifs.edu.br/images/prodin/2020/DPG/RELAT%C3%93RIO_DE_GEST%C3%83O_APROVADO_CONSELHO_SUPERIOR-compactado.pdf>. Acessado em: 25 de set. 2020.

IFS. **Sobre o Campus Aracaju.** Aracaju, 2017. Disponível em: <http://www.ifs.edu.br/sobre-o-campus-aracaju>. Acesso em: 03 ago.2018.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. *In: Comunicação & Educação*, São Paulo, p. 68-75, jan./abr. 1999.

_____. **Una pedagogía de la comunicación.** Madri: Ediciones de la Torre, 1998.

LE GOFF, J. **História e Memória.** São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

MARQUES, P. C. P.; BORGES, J. J. S., Educomunicação: Origens e conexões de uma nova área de conhecimento. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 3, 2016, Natal. **Anais [...]**. Natal: Centro de Convenções de Natal, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA19_ID9436_16082016200111.pdf>. Acesso em: 03 de mai. 2020.

MARQUETTO. C. R. A crítica da mídia através das práticas jornalísticas. *In: HRENECHEN, V.C.A.T. Comunicação e jornalismo: conceitos e tendências* 3. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em: <

<https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/06/E-book-Comunicacao-e-Jornalismo-Conceitos-e-Tendencias-3.pdf#page=19>> Acesso em: 11 de jul. 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MAZZA, V. A; MELO, M. S. F. O; CHIESA, A. M. O grupo focal como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa: relato de experiência. In: **Revista Cogitare Enfermagem**. v. 14. n.1, p. 183-188, Paraná: UFPR, 2009.

MEDEIROS NETO, B. **O cidadão contemporâneo frente às tecnologias da informação e comunicação**. São Paulo: Iglu Editora, 2017.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. In: **Ciência e saúde coletiva**. v.17, n. 3, p. 621-626, 2012.

_____. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

ROESCH, S. M. A. et al. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, v. 2, 1999.

SANTIAGO, F; SILVA, M. C. A escola técnica de salvador e o jornal escolar o aprendiz: memórias e histórias. In: **Memórias, educação e produção do conhecimento no Instituto Federal da Bahia (IFBA)**. Salvador: edifba. 2017.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SCHAUN, A. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12-24, 30 dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>> Acesso em: 19 de jun. 2019.

_____. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. In: **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 22 set. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>> Acesso em 22 de jun. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 3, p. 443-466, São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022005000300009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 11 de mai. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Questionário de reconhecimento prévio

Você está participando da pesquisa de opinião sobre a dissertação de mestrado intitulada “EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: Capacitação em jornalismo a serviço da formação para o pensamento crítico no Ensino Médio Integrado”. Este questionário pretende conhecer a sua maneira de estudar, bem como verificar a sua relação com conteúdo informativos noticiosos, sua avaliação crítica quando em contato com notícias, sua relação enquanto indivíduo da escola, a fim de estabelecer um comparativo com a utilização das oficinas de produção jornalística e da elaboração de uma revista de jornalismo estudantil, ferramenta que associa a comunicação e a educação, avaliando a contribuição destes produtos educacionais para uma formação dialógica e crítica, além de ser um instrumento de fortalecimento da memória e da identidade institucional no contexto da educação profissional e tecnológica.

Pede-se sinceridade ao responder este questionário, que é composto de questões de marcar (x) e de outras questões abertas, de caráter exclusivamente subjetivo (somente escrever sua resposta).

Você não precisa se identificar. Esses dados serão usados exclusivamente para a pesquisa em tela, mantendo total sigilo sobre as respostas.

PARTE I - SOBRE VOCÊ

Sexo: () M () F

Idade:

() menos de 14 anos () de 14 anos a 16 anos () 17 anos a 19 anos () mais de 20 anos

PARTE II - SOBRE EDUCAÇÃO DIALÓGICA E FORMAÇÃO CRÍTICA

Na sua análise, o IFS lhe proporciona uma educação que lhe possibilita uma reflexão acerca dos conteúdos tratados?

() Sim () Não

Se a resposta da questão anterior foi sim, quais são os recursos utilizados para lhe proporcionar essa reflexão?

Com que frequência você é estimulado a buscar o conhecimento (não apenas lhe apresentando conteúdos, mas colocando-o/a para pesquisar e aprender de forma autônoma)?

() Sempre () Às vezes () Raramente () Nunca

Se há esse estímulo, como ele ocorre?

PARTE III - SOBRE SUA RELAÇÃO COM AS COMUNICAÇÕES, COM NOTÍCIAS E BUSCA DE INFORMAÇÕES VERDADEIRAS.

Você se considera uma pessoa bem informada sobre o que acontece no mundo, no país, na sua região e na sua escola?

() sim () não

Qual é o principal meio que você utiliza para se manter informado?

- () Redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, outros)
- () Whatsapp
- () Sites de notícias
- () Telejornais
- () Jornais de Rádio
- () Jornais impressos
- () Outros*

*Se respondeu a opção 'outros', quais?

Com que frequência você busca notícias jornalísticas?

- () Diariamente
- () 4 a 6 vezes por semana
- () 2 a 3 vezes por semana
- () 1 vez por semana
- () Não busco

Você costuma verificar se as informações que chegam por Whatsapp e por redes sociais são verdadeiras?

() Sim* () Não

* Se respondeu sim, como?

Na sua análise, qual é o papel da imprensa e do jornalismo numa sociedade democrática?

O que você entende por Fake News?

Na sua análise, quais são as principais consequências das Fake News para a sociedade?

Agradecemos sua disponibilidade em nos ajudar respondendo ao questionário.

APÊNCIDE B - Questionário de avaliação do produto educacional

Após a sua participação no '**Minicurso de educação crítica através do jornalismo**', solicitamos que responda as questões abaixo afim de contribuir para a avaliação desse produto educacional.

As respostas devem refletir sua opinião sobre os itens contemplados, sendo muito importante que todos os itens sejam respondidos, afim de colaborar para o aperfeiçoamento através da construção do mesmo através do diálogo com os envolvidos.

Quando sua avaliação for DISCORDO ou DISCORDO TOTALMENTE, favor registrar suas sugestões no espaço destinado para que possamos melhorar a cartilha.

A sua colaboração é essencial na construção dessa pesquisa, muito obrigada.

1) Quanto ao conteúdo do curso

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
O conteúdo me auxiliou a conhecer a comunicação e o jornalismo profissional				
Existe lógica na sequência do conteúdo				
A apostila do minicurso possui um número de páginas adequada				
O tempo de apresentação e de debate do minicurso é adequado				
O conteúdo do minicurso é de fácil entendimento				
Os elementos visuais (fotos, gráficos e ilustrações) ajudaram a entender o conteúdo				

2) Caso tenha marcado DISCORDO ou DISCORDO TOTALMENTE favor registrar abaixo suas sugestões:

3) Sobre a sua aprendizagem:

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
Passei a entender melhor sobre as funções da comunicação e do jornalismo				
Apreendi sobre os princípios e as técnicas do jornalismo				
Após a participação no minicurso, sinto-me mais crítico/a em relação às notícias que recebo				
Após o minicurso, sinto-me mais motivado a ler, ouvir e assistir jornais e sites jornalísticos				
O minicurso aborda assuntos necessários e esclarecedores sobre comunicação e jornalismo				
Gostaria de dar continuidade à publicação da revista estudantil que planejamos ao final do minicurso (fazer as matérias, publicar a revista e ver outros alunos lendo)				
Indicaria o minicurso para outros estudantes				

4) Caso tenha marcado DISCORDO ou DISCORDO TOTALMENTE favor registrar abaixo suas sugestões:

5) Quais aspectos do minicurso foram mais úteis ou valiosos? Por quê?

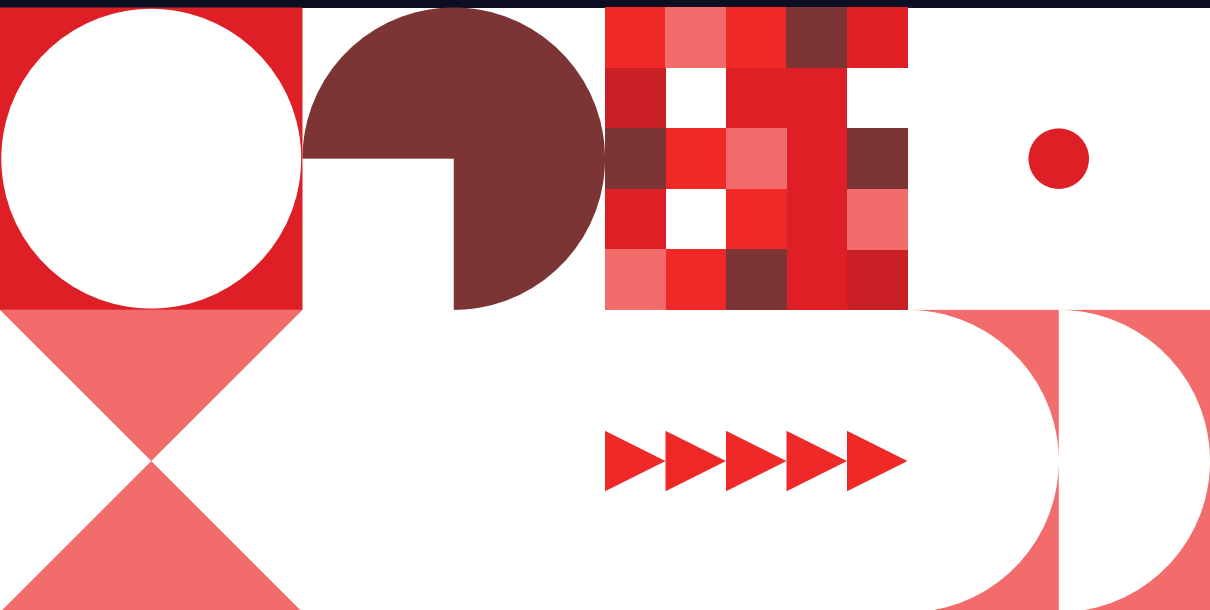
Agradecemos sua disponibilidade em nos ajudar com a participação no minicurso e respondendo ao questionário.

APÊNDICE C – EU, JORNALISTA: Guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo.

EU, JORNALISTA

Guia pedagógico
pela educação crítica
através do jornalismo

Adrine Cabral Casado
José Osman dos Santos



EU, JORNALISTA

Guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo

1º Edição

Adrine Cabral Casado
José Osman dos Santos



**INSTITUTO
FEDERAL**

Sergipe
Aracaju
2020

Copyright© 2021 - IFS

Todos os direitos reservados para a Editora IFS. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transformada em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT

Editora-chefe (Coordenadora de Publicações)

Vanina Cardoso Viana Andrade

Conselho Científico

Chirlaine Cristine Gonçalves

Jaime José da Silveira Barros Neto

José Wellington Carvalho Vilar

Diego Lopes Coriolano

Herbet Alves de Oliveira

Adeline Araújo Carneiro Farias

Alexandre Santos de Oliveira

João Batista Barbosa

Manoela Falcon Gallotti

Sheyla Alves Rodrigues

Caique Jordan Nunes Ribeiro

Membros Externos

Flor Ernestina Martinez Espinosa

Odélsia Leonor Sanchez de Alsina

Planejamento e

Coordenação Gráfica

Anderson Plácido Xavier

Projeto Gráfico da Capa

Anderson Plácido Xavier

Diagramação

Anderson Plácido Xavier

Editoração

Kelly Cristina Barbosa

Produção Visual

Anderson Plácido Xavier

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Casado, Adrine Cabral.

C334e EU, JORNALISTA [recurso eletrônico]: Guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo / Adrine Cabral Casado. – 1.ed. – Aracaju: Editora IFS, 2021. 35 p. : il.

Formato e-book

ISBN

1. Educação crítica. 2. Jornalismo. 3. Guia pedagógico. I. Santos, José Osman dos. II. Título.

CDU 37:070

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Kelly Cristina Barbosa CRB 5/1637

[2021]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)

Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, Bairro Jardins.

Aracaju/SE. CEP: 49025-330

TEL.: +55 (79) 3711-3222 E-mail: edifs@ifs.edu.br

Impresso no Brasil



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SERGIPE (IFS)**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Milton Ribeiro

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Ariosto Antunes Culau

REITORA DO IFS

Ruth Sales Gama de Andrade

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E EXTENSÃO

Chirlaine Cristine Gonçalves



Sumário

Apresentação	06
Por que educar para as mídias?	08
Orientações para aplicação	09
Introdução à Comunicação Social	13
Introdução ao Jornalismo	17
Técnicas de reportagem e redação jornalística	21
Construindo um jornal educativo	31
Encerramento	34
Reflexões	35



Apresentação

Formar cidadãos capazes de consumir notícias de forma crítica é o desafio dos meios formais e informais de ensino. Ao mesmo tempo em que a falta de regulamentação do uso das redes sociais e a carência histórica de uma educação dialógica criam o ambiente propício para o fenômeno das *fake news*, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que as escolas incluam em seu roteiro formativo a educação midiática, com foco no papel e nas práticas dos meios de comunicação de massa, para motivar a formação crítica e dialógica dos estudantes.

Nesse contexto, apresentamos uma ferramenta que tem como objetivo fornecer uma possibilidade de execução do que solicita a BNCC, bem como auxiliar professores de Língua Portuguesa e profissionais de Comunicação no desafio de promover a educação sobre comunicação e imprensa: o ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo***, que pode ser aplicado em ambientes formais (como escolas, faculdades e cursos) e informais (centros comunitários, igrejas e outros). Este livro, o ***Eu, jornalista: guia pedagógico pela educação crítica através do jornalismo*** foi desenvolvido para auxiliá-los nesse processo, e é um produto da dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), intitulado 'Educação e comunicação: Capacitação em jornalismo a serviço da formação para o pensamento crítico no Ensino Médio Integrado', e auxilia educadores e comunicadores na realização do minicurso.

Trata-se de uma ferramenta já aplicada em turma do 2º ano do curso médio integrado ao técnico em Eletromecânica no IFS/Campus Aracaju. Os resultados, apresentados na dissertação de mestrado, revelam o aproveitamento do conteúdo por parte dos estudantes e interesse por uma maior procura dos veículos de jornalismo profissional como forma de manterem-se informados, além de mostrarem-se mobilizados a elaborar um veículo de comunicação próprio desses estudantes, destinado a informar sobre seu curso para a comunidade acadêmica e sociedade em geral.

Para começar, esse guia pedagógico apresenta os porquês de capacitar os indivíduos, especialmente os de idade escolar, sobre o papel da comunicação social, aprofundando-se na habilitação do jornalismo. A seguir, o leitor tem acesso à sugestão de sequência didática com o respectivo plano de conteúdo, e proposta de material a ser utilizado.

Na continuação do material, há o detalhamento de cada etapa, abordando a 'Introdução à Comunicação Social', a 'Introdução ao Jornalismo' e pode entender um

pouco sobre a função social, a história e os princípios da atividade jornalística. Por fim, 'Técnicas de redação e reportagem jornalística', com a descrição de métodos básicos desenvolvidos pelos profissionais para que o conteúdo que é apresentado ao leitor siga ao máximo os critérios e os princípios da atividade. Cada etapa dessa sequência aborda atividades a serem desenvolvidas no decorrer do minicurso.

É importante ressaltar que a proposta não é ensinar a formar jornalistas, mas sim cidadãos com habilidade crítica no consumo de notícias, com responsabilidade no compartilhamento delas, e protagonistas do ato comunicativo. Dessa forma, sugere-se que condutor do minicurso seja um agente que conduza esse processo de ensino de forma a possibilitar sempre a ampla participação dos alunos, realizando os devidos ajustes a depender do plano pedagógico e do público-alvo.



Por que educar para as mídias?

O ato de criar e espalhar boatos, histórias construídas com uma finalidade, não é uma atividade nova, aliás exemplos são vistos em diversos momentos da história da humanidade. Mas o que caracteriza os fenômenos recém-denominados de *fake-news* é um conjunto de fatores que, combinados, resultam em consequências de proporções maiores, que podem influenciar decisões importantes e direcionar toda uma sociedade.

A internet, principalmente por meio das redes sociais, é um desses ingredientes, como aponta Fonseca (2018). Isso porque, apesar de reger inúmeros avanços para as comunicações, ciência e tecnologia, essas redes geram um ambiente ainda pouco regulado, de rápida veiculação e consumo de informações, e que ainda por cima direciona conteúdos para seus usuários de acordo com preferências por meio de um algoritmo.

Dessa forma, o consumidor desse ambiente convive no que Branco (2017) denominou de bolha, que intensifica conteúdos com mesma ideologia buscada pelo usuário e ignora os demais conteúdos. Além da internet, outro fator que contribui para o alcance do fenômeno das *fake news* é o modelo educativo que Freire (1987) como bancária: em que o estudante assimila conteúdo sem que lhe seja exigida uma reflexão crítica sobre as informações. Além disso, não existe diálogo no ato formativo, apenas um professor que apresenta o material e o aluno que deve decorar sem questionamentos ou pesquisas.

Educado de forma a não questionar as informações que recebe, o cidadão não adquire um perfil crítico sobre as notícias que consome. Somando isso ao direcionamento de conteúdo das redes sociais, a rapidez com que qualquer material é compartilhado nesse meio e o não entendimento de como funciona uma atividade profissional de informação de credibilidade, o indivíduo acredita no que recebe e compartilha sem questionar ou mesmo buscar outros meios para checar.

Conhecer para entender

A proposta aqui é educar para as mídias tanto como um instrumento de promoção à educação dialógica (FREIRE, 1967) como também para formar consumidores de notícias mais críticos. Para tanto, aposta-se na premissa de que, ao conhecer as funções do jornalismo profissional, os alunos sintam-se motivados a buscar meios de informação de credibilidade e tenham uma visão mais crítica sobre as informações que chegam até eles.



Orientações para aplicação

Para facilitar a aplicação do ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo***, apresentamos uma sugestão de sequência didática. Esse é o termo usado na área da educação para definir um planejamento em etapas interligadas, pensadas de forma a tornar o ato de aprender mais significativo.

Cada componente dessa sequência foi pensado de maneira a dinamizar o entendimento tanto do ministrante do minicurso como de seu público-alvo mais fácil e dialógico, de maneira não somente a apresentar um conteúdo finalizado em si, mas também de promover debates construtivos.

• Maneiras de aplicação

Como dito na apresentação, o ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo*** foi aplicado de forma experimental em turma do 2º ano do ensino médio integrado ao curso técnico em Eletromecânica, e apresentou, em sua avaliação, um resultado significativo, com estímulo ao consumo crítico de notícias e mobilização pela construção de um site de notícias. Mas esse guia pedagógico foi construído de maneira que possa ser aplicado das mais diferentes modalidades de ensino, perfis de público e até mesmo fora do ambiente formal de ensino.

A ideia inicial da pesquisa que resultou nesse guia era, inclusive, de realiza-lo de maneira presencial, em sala de aula, com o suporte de um retroprojektor, e utilização de computadores para os alunos durante as atividades práticas. Mas, durante a aplicação, foi decretada a quarentena emergencial como forma de contenção da pandemia de covid-19 (que iniciou em março de 2020), e o minicurso foi, então, apresentado aos alunos através da plataforma de videoconferências Google Meet.

• Aplicação presencial

Se o seu objetivo é aplicar o minicurso de forma presencial, é importante viabilizar o acesso a equipamentos como retroprojektor para exibição da apresentação que irá guiar a sequência didática, bem como computador que possa ser conectado a esse equipamento.

Lista de materiais para a aula presencial

- Para o ministrante:
 - Retroprojektor ou outro aparelho para projetar a apresentação;
 - Esse guia como apoio.
- Para o aluno:
 - Papel e lápis/caneta;
 - Computador (se possível, melhor).

Já os alunos podem utilizar papel e lápis (ou caneta) para fazer as anotações que precisarem, para as atividades práticas, é interessante que tenham acesso a computador. Caso não seja possível disponibilizar acesso dos alunos a computadores, é possível que as atividades sejam feitas a mão (por meio de anotações).

• Aplicação por videoaula ou teleconferência

Em caso de impossibilidade de realizar o curso de maneira presencial, é possível utilizar a metodologia de educação a distância. Para tanto, o aplicador e o alunos/público-alvo devem estar munidos de um dispositivo com acesso à internet. No caso do profissional que promoverá as atividades, sugere-se que utilize um computador para que a apresentação do conteúdo não fique comprometida.

Para os alunos, o ideal seria também contar com computadores, mas caso eles não tenham esse acesso, é possível participar por meio de dispositivos móveis (tablets ou celulares). Isso porque tanto as plataformas de videoconferência como algumas ferramentas de edição de texto já são disponibilizadas por meio de aplicativos para celulares.

• Preparando o curso

Antes de iniciar o curso, é importante reservar um momento para a preparação do momento pedagógico com si, afim de evitar contratempos e revisar todos os pontos que serão exibidos. Primeiramente, é importante checar se tanto você, enquanto ministrante, possui todo o material necessário, como também se seu público-alvo tem acesso aos itens básicos para participar do curso.

No item anterior citamos esses materiais básicos como forma de facilitar a checagem dos itens, mas não é uma regra absoluta. Há maneiras de adaptar a aplicação para os mais diferentes perfis de alunos e condições de apresentação, podendo inclusive o ministrante usar a imaginação e outras ferramentas que venha a dispor.

Lista de materiais para a videoaula

- Para o ministrante:
 - Computador com acesso a internet;
 - Acesso a uma plataforma de videoconferência.
- Para o aluno:
 - Dispositivo com acesso a internet;
 - Acesso a uma plataforma de videoconferência (se eles acessarem de celular, o aplicativo).
 - Acesso a um programa de edição de texto (se for pelo celular, um aplicativo ou o próprio Google Drive).

Baixe a apresentação do minicurso



Aponte a câmera do celular para fazer o download do arquivo em PDF.

Outro ponto a ser providenciado é o arquivo que irá guiar a apresentação no decorrer do curso. Ao lado, você pode baixar a apresentação utilizada na aplicação experimental do minicurso por meio do QR Code (basta aproximar a câmera do seu celular para fazer o download do arquivo no formato PDF).

Com os recursos tecnológicos e material de apoio conferidos, é hora de agendar o minicurso e avisar o público-alvo. Caso seja em uma turma convencional, basta informar aos alunos a data e momento da aula que será destinado ao minicurso. Se for algo a parte, que necessite de inscrição, é importante verificar as formas que os interessados poderão se inscrever (algumas instituições dispõem de ambientes virtuais para inscrições em eventos, mas se você não tiver esse acesso, pode abrir um formulário de inscrição por meio do Google Forms), número máximo de participantes (a depender de quantas pessoas comportam no lugar onde o curso será realizado) e a elaboração de um certificado de participação.

Caso a aplicação do curso seja realizada pela internet, deve-se verificar qual será a plataforma de videoconferência a ser utilizada, realizar o agendamento por meio dela com antecedência e enviar o link de participação para os interessados. Se o ministrante nunca fez uso dessa ferramenta, orienta-se realizar testes com ajuda outras pessoas.

• Sequência didática

A proposta do minicurso foi desenvolvida de maneira a seguir uma linha de construção do conhecimento para o entendimento do público-alvo desde as formas mais simples de comunicação, as realizadas de maneira direta, individual, até se chegar às técnicas do Jornalismo, que é uma das habilitações da Comunicação Social.

Ao longo do percurso dessa formação, ministrante e alunos são convidados a aprenderem e refletirem juntos sobre a prática da pesquisa e da redação para a atividade jornalística, bem como suas premissas e sua função numa sociedade democrática.

Lembrando que é possível adaptar alguns aspectos dessa capacitação sem prejuízo aos seus resultados, como distribuição do conteúdo em mais ou menos encontros, abordagem das atividades, utilização de materiais e até a incrementação de mais elementos audiovisuais. No entanto, é importante atentar para a ordem com que o conteúdo é apresentado para que se mantenham as características dessa sequência didática, bem como a compreensão de grupos que certamente estão lidando com essa temática pela primeira vez.



PASSO A PASSO

PARA APLICAÇÃO DO MINICURSO DE EDUCAÇÃO
PARA AS MÍDIAS

PRIMEIRO ENCONTRO



Temática: Introdução à Comunicação

- Ministrante se apresenta e conta um pouco de sua história e relação com a mídia;
- Pedir que cada aluno se apresente e fale sobre sua relação com mídias e notícias;
- Apresentação dos tópicos 'Introdução à Comunicação Social'.

Carga horária: 2h30

SEGUNDO ENCONTRO



Temática: Introdução ao Jornalismo

- Apresentação do tópico 'Introdução ao Jornalismo';
- Atividade com textos jornalísticos recentes.

Carga horária: 2h30

TERCEIRO ENCONTRO



Temática: Técnicas de redação e reportagem jornalística

- Apresentação do tópico 'Técnicas de redação e reportagem jornalística';
- Atividade de planejamento de um veículo jornalístico.

Carga horária: 2h30

QUARTO ENCONTRO



Temática: Organização da primeira edição do veículo

- Distribuição das pautas e planejamento da edição.

Duração: 2h30

QUINTO ENCONTRO



Temática: Encerramento

- Apresentação do material pronto;
- Roda de conversa sobre as análises dos alunos;
- Aplicação de questionários de avaliação do curso

Carga horária: 2h



Introdução à Comunicação Social



1. O que é comunicação?

Comunicar é um ato inerente ao ser humano. A partir do momento em que você fala pessoalmente com alguém, envia um e-mail ou mesmo uma mensagem via Whatsapp para outra pessoa, você está se comunicando.

E eis o fluxo de todo este processo:

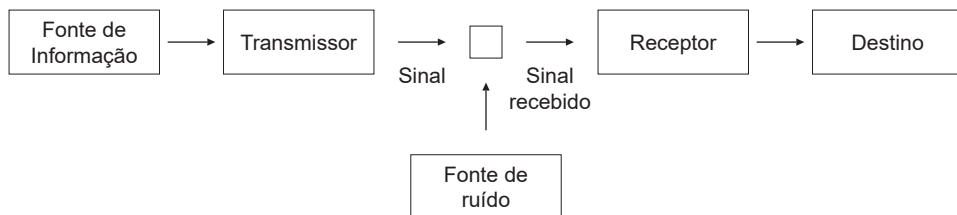


Figura 1: Fluxograma do modelo de Shannon

Sendo que:

1. Fonte de informação: produz uma mensagem ou sequência de mensagens a serem comunicadas ao terminal receptor.
2. Transmissor: opera uma mensagem por meio de sinais adequadas para sua transmissão.
3. Canal: o meio para transmitir os sinais.
4. Receptor: reconstrói a mensagem proveniente dos sinais.
5. Destino: é a pessoa (ou coisa) para quem a mensagem se destina.

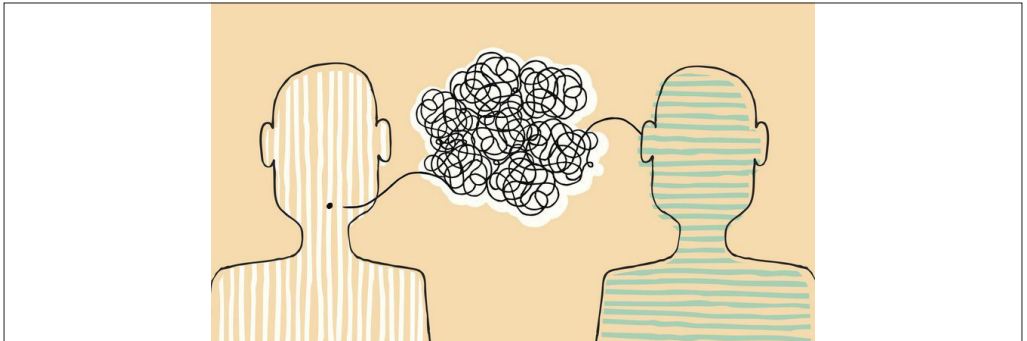
Em uma conversa, por exemplo, a fonte de informação e o transmissor são o mesmo elemento: a pessoa que está comunicando. O sinal é a fala (e o idioma em questão). O ruído pode ser uma falta de entendimento ou mesmo o fato de o receptor não compreender bem o idioma que está sendo falado. Mas o processo de comunicação somente

acontece realmente quando o receptor (que numa conversa é também o destino da comunicação) compreende a mensagem captada.

2. Tipos de comunicação

São dois os tipos de comunicação: **a verbal e a não verbal**.

A **comunicação verbal** é realizada por meio da linguagem, seja ela falada ou escrita. Dessa forma, há um idioma ou um sistema de códigos comuns ao emissor e ao receptor.



Fonte: moviplan.com

Já a linguagem não verbal ocorre por formas de comunicação que não usam a linguagem, a exemplo das expressões corporais.



Fonte: iStock

3. Formas de comunicação

As formas da comunicação se manifestar são: intrapessoal, interpessoal, grupal, organizacional e social.

A **comunicação intrapessoal** é quando o indivíduo conversa consigo mesmo através de pensamentos, em ocasiões como tomada de decisões, lembranças, sonhos e outras formas de introspecções. Já a **comunicação interpessoal** ocorre entre ao menos dois indivíduos ou por grupos não formais, seja por linguagem verbal ou não-verbal, e usando qualquer meio de comunicação (fala, texto, mímica ou outros).

Na **comunicação grupal**, há um diálogo por meio de grupos formais como família, grupo de amigos ou associações. Utilizam também a linguagem não verbal e verbal, sendo que há expressões típicas deste grupo. A **comunicação organizacional** é uma maneira formal de membros de grupos como empresas ou outras instituições se comunicarem, para tratarem de assuntos administrativos, por exemplo.

E a **comunicação social** é a que ocorre pelos meios organizados de comunicação aberta, à distância e em um curto espaço de tempo, em grande escala e para benefício de um anônimo e heterogêneo número de receptores simultâneos.

4. Comunicação social



Veículos utilizados para comunicação social

Neste tópico, conversaremos mais sobre essa forma de comunicação, tão importante para a convivência em sociedade, informação e lazer. Como já foi explicado, a comunicação social é aquela que ocorre de forma organizada e aberta (um grupo organiza essa comunicação, com periodicidade e técnica, e qualquer pessoa pode fazer uso dela). Ela também chega a um grande número de pessoas (daí que também chamamos de comunicação de massa) e esse público é anônimo e heterogêneo (não sabemos nem conhecemos todas as pessoas que serão atingidas, podendo atingir qualquer classe econômica, idade ou profissão).

O acesso livre à comunicação social (seja como público ou como alguém que comunica) é algo tão importante para uma sociedade livre e democrática que há um capítulo específico na Constituição Federal do Brasil (1988, capítulo IV) para garantir esse direito a todos os cidadãos.

“A manifestação do pensamento, a criação,
a expressão e a informação, sob qualquer
forma, processo ou veículo, não
sofrerão qualquer restrição”

**(Art. 220 da Constituição Federal
do Brasil, 1988)**

Essa comunicação social pode se manifestar de diversas formas: no lazer (programas de rádio, de televisão, cinema, literatura, e outros), na publicidade (propagandas e outra forma de mostrar produtos e serviços) ou mesmo para informação (conteúdo jornalístico). É importante também lembrar das mais diversas tecnologias utilizadas para essa comunicação em massa: a televisão, o rádio, a internet (sites, redes sociais), impresso (jornais, revistas, livros) e até em diversos outros ambientes virtuais que surgem todos os dias.



Introdução ao Jornalismo



O jornalismo é parte da comunicação social e, de forma resumida, tem como função **informar os principais acontecimentos de interesse público à sociedade**. Se for uma mídia de alcance nacional, divulga notícias que interessam a todos os brasileiros. Se for uma mídia local (de um estado, município ou uma comunidade específica), deve pensar em conteúdo de interesse desse público mais restrito. Aos profissionais e empresas dedicadas ao jornalismo, dá-se o nome de “imprensa”.

Mas por que buscar esta imprensa para manter-se informado? Ao invés de mostrar a resposta para essa pergunta, propomos uma reflexão sobre como surgiu, quais são os princípios e como é a profissionalização do jornalismo.

1. História das notícias

Os primeiros jornais circularam a partir de 1609, em centros de comércio, ligados à burguesia. E os primeiros jornalistas tinham a tarefa de atender ao que esse grupo social queria, dando publicidade aos feitos dessa burguesia e, por isso, eram chamados de *publicistas*. Com o passar do tempo, esse formato foi aos poucos mudando porque o público leitor queria informações sobre outras coisas, comércio e política.

No século XIX, houve uma expansão da atividade de divulgação de notícias por causa da revolução industrial. Milhões de pessoas abandonavam o campo para morar nas cidades (e precisavam estar informadas para viver nesse ambiente) e isso ampliou o público dos jornais. Os jornais também evoluíram tecnologicamente, passando das prensas manuais para as indústrias gráficas. E, com a necessidade de vender cada vez mais, a imprensa foi ficando cada vez mais sensacionalista.

SENSACIONALISMO. sen·sa·ci·o·na·lis·mo. SM. Uso, efeito e divulgação de notícias exageradas ou que causem sensação, que choquem o público, sem nenhuma preocupação com a verdade.

Significado pelo dicionário Michaelis. (www.michaelis.uol.com.br)

Com o avanço da imprensa, as redações (nome usado para o ambiente em que os profissionais do jornalismo trabalham) também cresceram e as notícias começaram a tomar um formato cada vez mais técnico. Muitos veículos de imprensa (como também chamamos os jornais) perceberam que a maneira sensacionalista de mostrar a realidade nem sempre era bem-vinda, pois parte do público começou a cobrar conteúdos melhores.

Foi então que o jornalismo (e seus trabalhadores) foram se profissionalizando, utilizando técnicas para apuração dos fatos, para a escrita e formato dos textos. Era necessário acompanhar o desenvolvimento tecnológico (rádio e televisão), e surgiram também a formação para esses profissionais.

2. Profissionalização

Por muitos anos, o diploma de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo era exigido Brasil. Desde 2013¹ essa capacitação não é exigida para exercer a profissão, mas será que ela não é necessária?

Ao passar por um curso de graduação, o futuro profissional aprende noções de ética, teorias da comunicação, filosofia, história da profissão, técnicas de redação e reportagem, entre outros conteúdos e debates. E deixamos o questionamento: sem a qualificação não voltaríamos aos tempos de publicistas?

3. Princípios do jornalismo

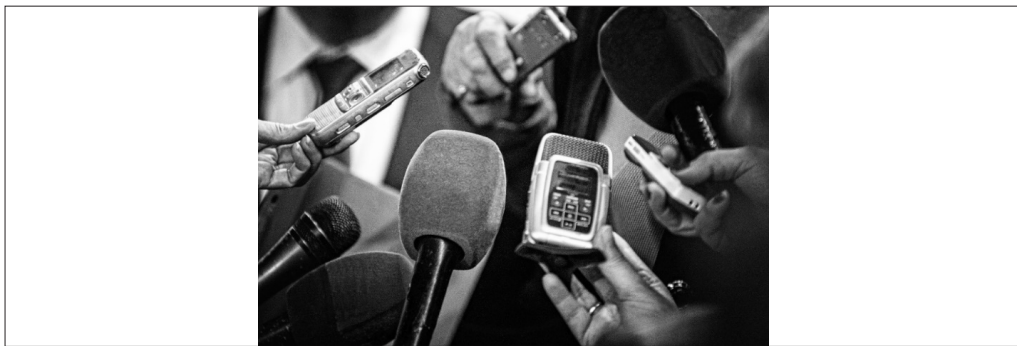


Imagem: Guia do Estudante Abril

Para tornar a atividade jornalística o mais isenta e técnica o possível, teóricos da área apontam princípios que devem servir de objetivo para os profissionais e para as instituições que exercem o jornalismo. Apesar de alguns autores considerarem outros, eis os princípios ou valores-chave: liberdade, objetividade, imparcialidade e veracidade.

¹ Ano em que o Senado Federal aprovou alterações na Constituição Federal e o diploma para Jornalismo deixou de ser obrigatório.

4. Liberdade

No meio jornalístico, muito se fala em “livre imprensa”. Esse princípio quer dizer que os profissionais de jornalismo devem ter acesso livre a documentos, lugares e informações de interesse público. Da mesma forma, a atividade de imprensa não pode ser limitada por qualquer interesse político ou comercial. Tanto é que, quando essa limitação ocorre, dá-se o nome de censura.



Imagem: <https://medium.com/>

Para refletir:

Se um grupo político em situação de poder passa a controlar as mídias é confiável que imprensa irá denunciar abusos e corrupção?

• Objetividade

Estar em sociedade implica em ter suas crenças, opiniões e ideologias. No entanto, para exercer uma atividade jornalística, o profissional deve adotar procedimentos para evitar que seus interesses subjetivos interfiram na apuração da notícia, comprometendo a objetividade desta e induzindo o leitor à sua interpretação.

Entre as estratégias utilizadas para buscar o valor da objetividade, pode-se buscar especialistas nos assuntos tratados para mostrar um parecer técnico; não fazer uso de adjetivos e da utilização da primeira pessoa (singular ou plural); buscar sempre a descrição do ocorrido e do que foi relatado pelas fontes, entre outros métodos.

• Imparcialidade

Ser imparcial é, em caso de uma situação de conflito, não defender um lado. Sendo assim, ao buscar a objetividade, o profissional também estará no caminho da imparcialidade, na medida em que não apresenta a sua opinião pessoal sobre o ocorrido ou sobre o debate. Para tanto, o jornalista deve sempre apresentar todos os lados de uma dada questão, ouvindo as fontes interessadas, de forma que o leitor tenha acesso aos pontos de vista.

Vale ressaltar que, mesmo pessoas encontradas em situação de flagrante ou acusadas de alguma forma, possuem direitos, como o de defesa na sua acusação na mídia ou mesmo de não serem apontadas como autoras, caso a justiça ainda não tenha

condenado elas. É por isso que a imprensa trata como “suspeitos” até mesmo aqueles que foram presos durante a ocorrência de um crime, por exemplo.



Imagem: <https://nossaciencia.com.br/>

• Veracidade

A notícia deve se comprometer com a verdade, do contrário não se pode classificar um texto como jornalístico. E essa é a diferença do jornalismo para algo que se escuta de alguma pessoa avulsa ou mesmo que se recebe por meio de redes sociais. Enquanto uma pessoa que não é jornalista pode simplesmente compartilhar uma informação (seja ela verdadeira ou falsa), um jornalista tem a obrigação profissional (ética) de checar qualquer conteúdo antes de publicá-lo em forma de notícia, sob pena de sanções caso não faça essa checagem.

É por isso que, ao receber uma denúncia, por exemplo, o profissional da notícia não pode simplesmente acatá-la, escrevê-la e publicá-la. Ele deve cobrar provas, ouvir relatos de testemunhas, ouvir a parte interessada (o denunciado) para, por fim, coloca-los em seu texto.

Para refletir:

Mesmo sem ser jornalista você pode (e deve) combater o compartilhamento de notícias falsas. Mesmo que seja algo que você queira acreditar (porque faz parte de assuntos que você concorda), siga esse procedimento indicado pelo Conselho Nacional de Justiça.



Fonte: Conselho Nacional de Justiça



Técnicas de reportagem e redação jornalística

É importante ressaltar que o conteúdo desse material não tem a pretensão de ditar todas regras e técnicas do jornalismo, mas sim oferecer ao seu público (estudantes do ensino técnico integrado) a apresentação de algumas práticas que tornam o conteúdo informativo o mais profissional o possível. Sabendo disso, você, leitor, pode ter uma visão mais crítica dos textos que lhe são oferecidos e aprende a identificar um conteúdo verdadeiramente jornalístico.

1. Técnicas de reportagem

Há duas formas de uso da palavra “reportagem” no jornalismo: uma é a reportagem enquanto gênero (uma matéria mais profunda e não factual) e a outra é a reportagem enquanto uma pesquisa. É sobre este segundo significado que trataremos agora. O “trabalho de reportagem” é o momento em que o jornalista planeja e executa uma investigação sobre um determinado assunto. Assim, ao pensar num assunto que irá tratar, ele elabora primeiramente uma pauta (com o tema, as fontes que vai entrevistar e os documentos que vai pesquisar), faz o agendamento das entrevistas e analisa as informações que são disponibilizadas ao repórter. Confira abaixo cada uma dessas etapas e instrumentos de reportagem.

• Pauta

Antes de “ir a campo” (expressão utilizada quando o repórter está investigando ou ouvindo as fontes), orienta-se elaborar um documento de planejamento da reportagem: a pauta. Nela, o repórter (seja ele próprio ou uma outra pessoa designada a isso: o pauteiro) aponta um assunto, relata alguns dados (de instituições com credibilidade, ou o que disse uma denúncia – se for o caso), analisa e aponta as possíveis fontes para falar sobre esse tema (especialistas, testemunhas, autoridades e outros, além de seus respectivos contatos), e já pensa em possíveis fotografias ilustrativas (ou conversa com o repórter fotográfico, se for o caso).

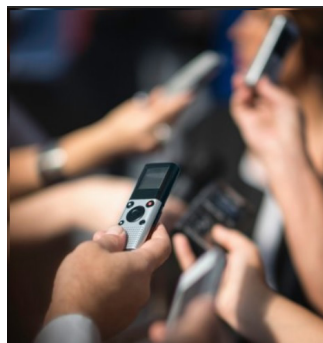
Exemplo de pauta jornalística:

PAUTA		
Edição:	Repórter:	Editoria:
Tema:		
Gancho/Descrição:		
Enfoque/encaminhamento:		
Questões a serem levantadas:		
Sugestões de fontes e documentos:		
Fonte 1:	Telefone:	
Fonte 2:	Telefone:	
Documento 1:	Onde encontra:	

Nas redações (aqui a palavra tem o sentido do ambiente de trabalho dos jornalistas de um veículo de comunicação), ocorrem as reuniões de pauta. Trata-se do momento em todos os jornalistas da empresa se reúnem para apontar pautas que querem tratar e sugerir assuntos a colegas de editorias diversas.

• Entrevista

É a maneira como o repórter irá coletar informações, relatos, opiniões e/ou versões de suas fontes. Para realizar uma boa entrevista, o profissional precisa ter um mínimo de informações sobre sua pauta para poder pensar nas perguntas mais relevantes para aquilo o que ele pretende relatar na matéria. Se está cobrindo um evento, por exemplo, deve saber do que se trata o evento, qual é a participação dessa fonte de informação, entre outros dados.



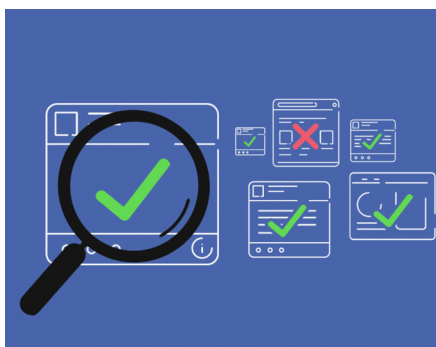
Fonte: depositphotos.com

O material coletado em uma entrevista pode ser utilizado de duas formas: recortando um ou mais trechos para compor um depoimento no meio de uma matéria, ou na publicação de uma entrevista na íntegra (chamada no jornalismo de entrevista ping-pong, de perguntas e respostas explícitas). Em ambos os formatos o jornalista tem a liberdade de editar a fala do entrevistado para reduzir (cabendo melhor na matéria) ou corrigir (erros gramaticais etc) o relato, mas desde que mantenha a mesma interpretação do conteúdo.

Em pautas mais simples os depoimentos são comumente anotados, mas há jornalistas que preferem gravar todas as entrevistas. O indicado é sempre gravar a entrevista quando a pauta rende muitas perguntas a um mesmo entrevistado ou mesmo na situação de uma entrevista a ser publicada no modelo ping-pong. Nestes casos, também se orienta o uso de um roteiro de entrevistas, que é a elaboração prévia das perguntas para que o repórter não acabe correndo o risco de esquecer de alguma importante, mas nada impede o profissional de elaborar outras mais que achar necessário para complementar o texto.

• Checagem de informações

Se um dado ou um fato chegam ao conhecimento de um jornalista e tem a devida relevância para se tornar uma matéria, ele precisa ser checado para não acabar repassando uma notícia falsa (*fake news*, como vem sendo denominada popularmente). Antes de noticiar a morte de alguém, por exemplo, é necessário verificar a família ou as autoridades policiais (esse último caso se tiver sido um assassinato, por exemplo).



Outro exemplo importante foi a contaminação por coronavírus. Nas redes sociais, circulava uma série de informações de origem

desconhecida (que não vinha de especialistas ou órgãos competentes) com formulas milagrosas de cura ou maneiras de evitar a contaminação, sendo que a maioria era falsa. Era necessário – e foi o que ocorreu na grande imprensa – que os repórteres checassem com os órgãos competentes (Ministério e Secretarias de Saúde), além de médicos e outros especialistas no assunto. E, assim, passar a informação correta.

Ou seja, qualquer informação que chega ao conhecimento de um profissional de imprensa precisa passar por uma investigação quanto à sua veracidade, nenhum dado ou afirmação deve ser tornada pública sem verificar com quem pesquisa, entende ou presenciou o acontecimento.

• Análise de documentos

Documentos também podem ser fonte de informação, inclusive com grande credibilidade. Sejam eles frutos de pesquisas (científicas, de órgãos como IBGE*), leis, relatórios, pareceres e tantos outros exemplos, esse material pode servir tanto para ilustrar uma matéria ou mesmo ser o motivo da própria pauta. Os dados do IBGE, por exemplo, quando saem com uma alteração diferente de outros períodos de estudo servem como pauta principal. Por exemplo: crescimento populacional abaixo ou acima da média.

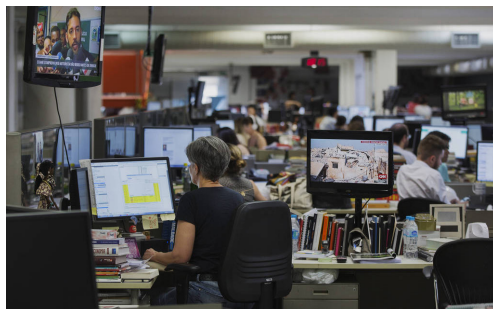


Fonte: Freepik

Mas os dados de relatórios do IBGE também podem ilustrar matérias sobre outros assuntos. Por exemplo: uma pauta sobre telefonia móvel. Se o comércio aponta que está vendendo mais telefones ou linhas, é possível checar com os relatórios do IBGE o percentual de brasileiros possuem celulares, como forma de ilustrar a matéria e colaborar com o entendimento do assunto principal.

2. Técnicas de redação jornalística

Após realizar o trabalho de reportagem, o jornalista precisa, agora, pensar em um texto que descreva tudo o que ele captou, pensando sempre na escrita mais acessível (afinal seu público pode ter qualquer idade, grau escolar, nível social) e buscando ao máximo seguir os princípios jornalísticos. Para auxiliar os profissionais nessa tarefa, existem técnicas mais diversas apontadas em diversos livros e manuais de jornalismo.



Fonte: Jornal Folha de São Paulo

Para a finalidade desta apostila (de capacitação de alunos do curso técnico concomitante ao ensino médio), aponta-se as cinco principais: o modelo de texto denominado “pirâmide invertida”; o “lead”; a escrita direta e a linguagem acessível; elementos textuais mais utilizados; e os elementos visuais.

• Lead

Trata-se do primeiro parágrafo da notícia, uma introdução à matéria. No texto jornalístico, esse elemento introdutório possui um diferencial de outros tipos de texto, pois precisa responder a seis questões fundamentais de um fato: “quem”, “o quê”, “quando”, “onde”, “como” e “porquê”. Normalmente estes são os elementos mais importantes da matéria, pois todas as demais informações remetem-se a essas questões.

Leia o trecho de notícia abaixo:

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

IFS recebe mais de 7 mil alunos em início de ano letivo

Escrito por ADRIANE CABRAL CASADO | Criado: Terça, 04 de Fevereiro de 2020, 12h15 |
Publicado: Terça, 04 de Fevereiro de 2020, 12h15 | Última atualização em Quinta, 06 de
Fevereiro de 2020, 17h53

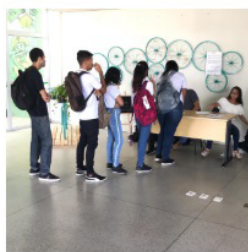
Tweetar

Compartilhar

Salvar

Curtir

Compartilhar



Instituição está presente em nove cidades, com 91 cursos entre superiores, técnicos integrados ao ensino médio, e subsequente.

Na última segunda-feira, dia 3, mais de 7 mil alunos deram início ao ano letivo 2020.1 no Instituto Federal de Sergipe (IFS), entre ingressantes e os que continuam seus estudos. Eles estão distribuídos entre os campi Aracaju, Socorro, São Cristóvão, Lagarto, Estância, Itabaiana, Propriá, Glória e Tobias Barreto, recebendo formação que lhes possibilita o entendimento da realidade social, a sua colocação no mundo do trabalho, além de prosseguir com os estudos

científicos e tecnológicos.

Fonte: www.ifs.edu.br

Para praticar:

No trecho de notícia acima, identifique as seis questões fundamentais de um lead.

Quem:

O quê:

Quando:

Onde:

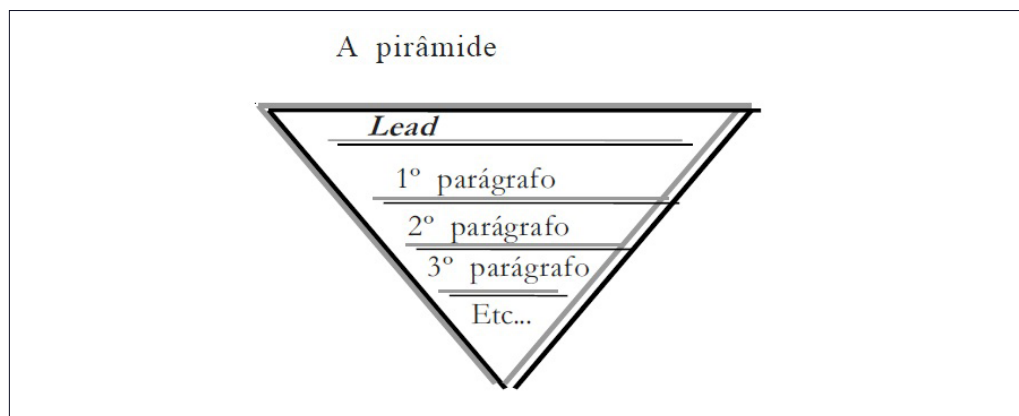
Como:

Porquê:

• Modelo de pirâmide invertida

Ao construir um texto jornalístico, o repórter profissional tem sempre em mente que deve elencar as informações por ordem de relevância. Assim, as informações principais devem estar no início da matéria (o lead) e, ao final, destacar os dados de menor interesse público. Entre o primeiro e o último parágrafos devem estar os depoimentos, os dados que esclarecem o fato ou que complementam a informação principal, entre outros conteúdos.

Eis a representação visual da construção de um texto jornalístico, sendo que a espessura da pirâmide corresponde ao grau de relevância das informações para a notícia:



Fonte: GRADIM (2000)

• Escrita direta e linguagem acessível

O jornalismo é uma atividade que deve prestar o serviço de informar a população sobre assuntos de interesse público. Sendo assim, o profissional dessa área deve cuidar para que o fluxo de comunicação (como vimos no tópico 1) dê certo. E a maneira como se consegue isso é através da mensagem, que deve ser passada de forma direta e com linguagem acessível.

Zelando sempre pelo cumprimento das normas gramaticais, o repórter deve escrever frases diretas (sem arroteio), evitando gerúndios e frases dentro de outras frases. E deixar o texto mais acessível significa utilizar os termos mais comuns da língua portuguesa, evitando palavras que um leitor com menor escolaridade não consiga entender. Claro que isso não significa escrever ou falar errado, mas utilizar uma escrita correta e simples.

CHAPÉU

TÍTULO

SUBTÍTULO

ENTRETÍTULO

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

ASPAS

para dar uma noção dinâmica ao texto. Isso porque, se está se falando de um fato, significa algo está acontecendo ou já aconteceu, então um verbo ilustra esse formato de relato no texto jornalístico. Mas há algumas exceções que podem ser aplicadas ao conteúdo dos títulos numa reportagem, como é o caso de algumas revistas com matérias em profundidade, além de outros gêneros jornalísticos como o artigo opinativo e o editorial.

O **subtítulo** (alguns manuais chamam de “bigode”) é um complemento das informações do título, também com caráter de atrair o leitor e chamar a atenção para o conteúdo do texto. Por sua vez, o **entretítulo** é uma divisão dentro do texto, introduzindo o subtema dos próximos parágrafos. Ele serve para dar que os profissionais chamam de “respiro no texto”, para não ficar aquela página com texto corrido, e mostrar que há mais dados sobre o fato principal (que deve estar contido nos parágrafos anteriores, como o lead). Em regra, esse entretítulo deve ser de apenas uma palavra, mas pode chegar a até três se forem pequenas.

Utiliza-se as **aspas** para colocar de forma direta os depoimentos das fontes entrevistadas, mostrando que foram elas que falaram aquelas palavras. Esse conteúdo pode ser diminuído para evitar redundâncias e pode ser corrigido em caso de erros gramaticais, mas não deve ter o seu sentido modificado. Sendo assim, a fala da pessoa entrevistada fica entre as aspas e, ao fechá-las, coloca-se uma vírgula e um verbo se referindo à pessoa. Ex: “Todas as crianças de 1 a 11anos de idade devem receber a vacina tríplice viral”, ressaltou o médico Antônio dos Santos.

• Elementos visuais

Os recursos visuais são utilizados para ilustrar o texto, de forma que o leitor compreenda melhor o que o jornalista quis retratar e complementa o conteúdo do texto. O próprio elemento também deve ter caráter informativo, deve passar uma mensagem sobre a notícia a que se destina. Ao ser elaborado ou escolhido para compor a matéria, esse material deve ter em mente que o leitor deve captar a informação que ele passa de forma rápida e objetiva.

- Fotojornalismo

A fotografia é uma forma de comunicação e uma expressão artística, pois pode passar uma mensagem seja pela forma como se manipula o jogo de cores, sombras e contrastes, ou mesmo pelo que se está retratando. Mas o fotojornalismo utiliza o recurso da fotografia para passar ou complementar uma notícia. Se uma matéria jornalística tem como pressuposto descrever a ação (por isso o uso do verbo no título), entende-se que uma fotografia que ilustre esse texto também deve partir desse princípio: o enquadramento da ação.



Um imigrante hondurenho protege seu filho enquanto o caravana invade um posto militar na fronteira entre Guatemala e México. Eles deixaram Honduras para fugir da pobreza e da violência. A foto foi tirada pelo fotógrafo brasileiro Ueslei Marcelino.

Fonte: Revista Bula

Os fotojornalistas investem (ou a empresa em que eles trabalham) em equipamentos profissionais para conseguir prezar pela qualidade de imagem e pela agilidade para captar uma ação, tais como câmera profissional, lentes de alta precisão, além de outros materiais. Isso, porém, não impede uma publicação com menos recursos possa utilizar outros equipamentos para ilustrar um texto jornalístico, como uma câmera de uso doméstico (câmera digital comum) ou dispositivos móveis (como um celular).

- Ilustrações

Na falta de uma fotografia, ou até mesmo se tiver uma foto mas ainda quiser ilustrar melhor um conteúdo, é possível fazer uso de outras ilustrações, como gráficos ou desenhos. Os gráficos complementam as informações com dados numéricos e representações geométricas para que o leitor tenha uma compreensão mais direta daquela informação. Já os desenhos podem servir tanto para substituir a fotografia caso essa não seja possível (pautas cujas fontes não permitam ser fotografadas, assuntos-tabus etc) ou para dar um caráter temático ao texto (usado mais em caso de revista, de forma a adicionar desenhos na página no estilo que a matéria quer passar).



Ilustração sobre feminismo de Marta Monteiro. Fonte: IJNet

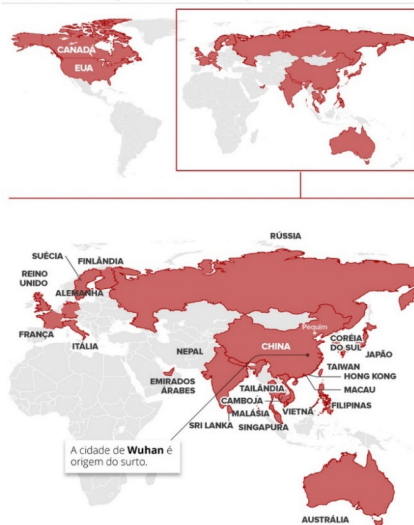
- Infográfico

Por fim, o infográfico é muito comumente utilizado para demonstrar fluxos, comparar situações ou dados, ou mesmo para organizar as informações da matéria de uma maneira visual, de assimilação rápida. Ele também pode aparecer caso a matéria tenha ou não uma fotografia.

Nesse tipo de material, o papel do jornalista é o de organizar as informações que devem constar nesse material visual e passa-lo para o designer. Assim, ambos devem discutir a melhor solução para se chegar à arte que contemple a matéria.

Casos de coronavírus pelo mundo

Países com diagnósticos da infecção



Fonte: National Health Commission of the People's Republic of China; Governo de Hubei



Infográfico atualizado em: 31/01/2020



Construindo um jornal educativo

Como trabalho final do ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo*** propõe-se a criação de um projeto de jornal educativo (que é um jornal escolar, caso seja realizado no ambiente formal de ensino). E a ideia nesse momento é instigar ao máximo a participação dos alunos, indagando o que eles gostariam de comunicar para demais colegas, comunidade acadêmica e sociedade em geral. É importante, principalmente nessa etapa, utilizar de uma pedagogia verdadeiramente dialógica, abrindo espaço para todas as opiniões e se tornando um mediador das decisões do grupo.

Orienta-se que o monitor utilize uma ferramenta para anotar os tópicos que precisarão ser decididos pelo grupo, como um quadro negro ou mesmo por alguma ferramenta de edição de texto (Word, BrOffice) e ajuda de um retroprojetor.

Etapa 1 – Escolha da linha editorial

O condutor do curso – que agora será um mediador da construção do projeto de jornal – deve questionar ao grupo sobre qual é a temática que eles desejariam pesquisar e escrever. Vale salientar para os envolvidos que é interessante pensar em temas ligados à área deles, como algo sobre o curso, sobre suas áreas de atuação, sobre ensino ou pesquisa, suas vivências (caso queira realizar este trabalho em comunidades ou sobre a cultura escolar) ou demais conteúdos que permeie o ambiente que eles convivem.

Outro tópico a se definir é o público-alvo, pois é a partir dessa delimitação que serão decididos outros pontos importantes do veículo, como formato (se jornal, revista etc), tecnologia para publicação (impresso, internet, rádio, podcast ou outros) e formas de distribuição (se por meio de redes sociais, download, distribuição presencial, entre outros).

Etapa 2 – Formato

É o momento de decidir como esse veículo jornalístico irá se apresentar. Para se chegar a essa decisão, é importante que o grupo tenha em mente quais são as tecnologias que dispõem. Por exemplo, se quiserem utilizar algum formato impresso (jornal, revista, mural), deve-se verificar de que forma essa publicação será impressa, se receberá registro de publicação, se contará com ajuda de algum setor ou empresa para auxiliar tanto na diagramação como na impressão em si.

Para o caso de publicações virtuais, deve-se ter em mente de que maneira essa veiculação será realizada. Se por rádio, como obter acesso a essa tecnologia (equipamentos para captação e transmissão, por exemplo). Pela internet há uma maior variedade, mas é importante checar quais equipamentos serão utilizados para produzir e veicular o material (se computadores ou dispositivos móveis próprios do grupo, se da instituição de ensino ou alguma outra possibilidade).

Exemplos de possíveis publicações de conteúdo noticioso na internet são: sites, blogs, perfis em redes sociais (com a devida obediência aos princípios jornalísticos), podcasts e arquivos em formato PDF para compartilhamento por grupos de mensagens (nesse, é possível abordar alguns formatos, como jornal, revista e outros).

Etapas 3: Nome

Hora de buscar inspirações para o nome da publicação. Nesse momento, os alunos podem ficar mais acanhados, com medo de não sugerir algo interessante. Mas o condutor pode ressaltar que todos os nomes são válidos, e que podem servir para inspirar outros. Vale pontual que é bom que se respeite a regra de ser uma ou, no máximo, duas palavras que remetam à temática que foi decidida anteriormente.

Deve também ser fácil de falar, agradável de se ouvir, aguçar a curiosidade do público e evitar as cacofonias e duplos sentidos que não agreguem valor à publicação. Na aplicação experimental, por exemplo, o grupo – que é formado por estudantes de Eletrônica – escolheu uma temática relacionada ao universo do curso, com suas aulas, pesquisas e mercado de trabalho. E o nome escolhido foi ‘Ampere’, pois remete a uma unidade de medida muito utilizada na área.

Quando o grupo oferecer várias sugestões de nomes, é hora de abrir uma votação entre todos para decidir qual será o utilizado. Vale também pensar numa frase que descreva a publicação, como quem faz ou seu objetivo. No caso da aplicação da pesquisa, foi optado pela descrição do grupo que faz o veículo de comunicação. E no conjunto ficou assim: “AMPERE: o site de notícias dos estudantes de Eletrônica do IFS”.

Etapas 4: Editorias

É interessante também pensar nas editorias que serão abordadas na publicação, de acordo com a temática que foi pensada. Além de deixar o veículo de comunicação mais organizado, pois será mais fácil o leitor pesquisar por temática, essa delimitação também auxiliará na hora de pensar as pautas e futuras matérias, pois precisarão estar distribuídas nessas editorias.

É importante pensar nelas como subtemas da publicação, e aí vale buscar inspirações nos jornais e revistas já existentes, ou mesmo em outras publicações estudantis. No caso do site de notícias Ampere, da aplicação experimental desse minicurso, os alunos decidiram pelas editorias ‘Ensino’, ‘Pesquisa’, ‘Inovação’ e ‘Mercado’.

Etapa 5: Periodicidade

Apresentar um período exato para publicação é uma característica importante para a publicação e auxilia na fidelização dos leitores, que saberão quando haverá uma nova edição de um jornal ou revista, quando será a publicação de uma nova matéria em um site de notícias. Para decidir essa periodicidade, é importante pensar no tempo que o grupo envolvido poderá precisar para elaborar uma nova edição, desde a reunião de pauta, ao trabalho de reportagem, redação, edição, diagramação (se for o caso) e publicação do veículo.

A depender de todos esses fatores, pode-se escolher entre uma publicação diária, semanal, mensal e a cada grupo de meses (bimensal, trimestral, semestral) ou mesmo anual. No caso da diária, é mais interessante para casos como site de notícias, em que as pautas podem ser feitas antes e entrar a cada dia, não há um prazo definido para a publicação de todas as pautas. Já as publicações que são entregues já com todas as matérias prontas (como jornais, revistas, podcasts etc) podem entrar nas demais formas de periodicidade, de acordo o fluxo de produção das matérias. Cada publicação será uma edição.

Etapa 5: Pautas da primeira edição

Por fim, a etapa de planejamento da publicação deve encerrar com as propostas de pautas para a primeira edição. Nesse momento, serão levantadas quantas matérias devem ser feitas para cada editoria. É preciso levar em consideração, caso o veículo de comunicação seja impresso, o número de páginas, tamanho da fonte, quantidade e tamanho das fotografias, pois são fatores que influenciam no espaço para cada matéria e na quantidade de matérias por editoria e por edição.

Caso o veículo seja impresso, em formato PDF ou outro formato virtual que precisa de diagramação, é importante checar qual é o espaço disponível e, com base nisso, saber quantas matérias a publicação pode compor. Para meios de comunicação que não apresentam edições fechadas, como sites de notícias e perfis em redes sociais, o número de pautas será estipulado pela periodicidade de publicação e tempo para cumprimento de cada pauta.

Ao abrir o espaço para as sugestões de pauta, o instrutor do minicurso pode já pontuar no quadro ou na apresentação as editorias e colocar o espaço para as pautas de cada uma. Quando os alunos começarem a sugerir as ideias de matérias, já verifica quem será o (a) ou os (as) repórteres e os prazos para a entrega dos textos aos editores.



Encerramento

O momento do encerramento é uma parte indispensável da aplicação dessa sequência didática, pois permite tanto ao profissional que ministra o curso quanto aos alunos uma reflexão conjunta sobre o que foi apreendido da capacitação, seja nos momentos de aprendizagem teórica como nas atividades práticas. Para tanto, sugerimos três pontos a serem realizados nesse último encontro: a apresentação do trabalho prático desenvolvido pelos alunos, uma roda de conversa para reflexão em grupo e a aplicação de questionários de avaliação do curso.

A apresentação do material produzido por eles pode ser a exibição do projeto de publicação e das matérias prontas ou, caso tenha sido essa a sua proposta, a primeira edição do material noticioso já pronto. Nesse momento, os alunos poderão visualizar o resultado do conteúdo que eles produziram de forma dialógica e refletir individualmente sobre o resultado alcançado.

A seguir, inicia-se a roda de conversa em que o ministrante do curso pode perguntar sobre os principais pontos de aprendizagem sobre o comunicação e jornalismo, reflexões durante o momento das práticas, quais seriam as lições que eles podem absorver seja para o mundo do trabalho ou mesmo para sua vida em sociedade. Outras questões também podem ser abordadas a depender do perfil do grupo envolvido.

Por fim, é interessante solicitar que os participantes respondam ao questionário de avaliação do minicurso para que possam dar um retorno sobre pontos de interesse e pontos de melhorias para uma futura reaplicação. Esse instrumento avaliativo pode ser entregue em versão impressa para que os alunos respondam no instante do encerramento, ou mesmo pode ser enviado via internet, por meio de link do Google Forms.



Reflexões

Educar para um consumo crítico de mídias é um processo que não se encerra com um curso. Ao contrário, a capacitação é o pontapé inicial para a formação de sujeitos sociais críticos seja nas informações noticiosas que consome como também diante de seu papel numa sociedade. Essa foi uma das conclusões obtidas na pesquisa de mestrado que originou este trabalho, por meio da aplicação experimental do ***Minicurso de educação crítica através do jornalismo***.

Apesar de não ter tido a oportunidade de aplicar o curso em toda a sua extensão por causa do distanciamento social imposto como medida de prevenção durante a pandemia de Covid-19, em 2020, os resultados da atividade experimental revelaram o aproveitamento do conteúdo por parte dos alunos envolvidos, que o concluíram com motivação pela construção do site de notícias que projetaram.

Esses e outros resultados da aplicação experimental do minicurso podem ser encontrados na dissertação de mestrado 'EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: Capacitação em jornalismo a serviço da formação para o pensamento crítico no Ensino Médio Integrado', pelo ProfEPT/IFS.

Ao replicar este instrumento, você – professor ou profissional de comunicação – oferece a seus alunos a oportunidade de não somente entender as premissas e a prática da profissão do jornalista, como lhes proporciona uma nova visão sobre como buscar o conhecimento e como verificar os conteúdos que eles entram em contato. E, assim, possibilitar o que Paulo Freire (1967) sugeriu:

"Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio "eu", submetido às prescrições alheias".

Referências

BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica**: as técnicas do jornalismo, volume 2/ Benedito Juarez Bahia. – 5 ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

DELMAZO, C; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. In: **Media & Jornalismo**. n. 32, v. 18, n. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Disponível em: < http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012>. Acessado em: 16 de julho de 2019.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. 5ª edição, 7ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual da redação**. 5ª edição. São Paulo: Publifolha, 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONSECA, C. C. Por uma pedagogia da notícia: o conceito de comunicação em Paulo Freire. In: **Mediação**. v. 20, n. 27, jul/dez. Belo Horizonte: 2018. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/6572>>. Acessado em: 03 de abril de 2019.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. In: **Comunicação & Educação**, São Paulo, p. 68-75, jan./abr. 1999

BRANCO, Sergio. Fake News e os caminhos para fora da bolha. In: **Revista Interesse Nacional**. São Paulo: Associação Interesse Nacional, 2017. Disponível em: http://interessenacional.com.br/wp-content/uploads/2017/09/Interesse_Nacional_ed38.pdf. Acessado em: 26 de agosto de 2020.



**INSTITUTO
FEDERAL**

Sergipe
Aracaju
2020